

Renasceu por Amor



Hernani Guimarães Andrade



RENASCEU POR AMOR

Hernani Guimarães Andrade

São Paulo, 2000

3ª edição

Copyright® Fe Editora Jornalística Ltda.

Capa

Claude Monet (1840-1926)
O Passeio, Mulher com Sombrinha (pormenor), 1875
Óleo s/Tela 100 x 81 cm - Wildenstein 381
Washington (DC), National Gallery of Art,
Coleção de Mrs. e Mr. Paul Mellon

Editoração Eletrônica

André Luis Fígaro Egido
Conrado Santos

Revisão

Profa. Suzuko Hashizume
Dra. Maria das Graças Souza
Eva Célia Barbosa

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Andrade, Hernani Guimarães

Renasceu por Amor: um caso que sugere
reencarnação: Kilden & Jonathan / Hernani
Guimarães Andrade. – São Paulo: Editora Jornalística Fé, 1995, –
(monografia; 7)

Acima do título: Instituto Brasileiro de
Pesquisas Psicobiofísicas.

1. Reencarnação 2. Reencarnação - Estudo dc casos I. Título II.
Série.

94-3974

CDD-133.9

Índices para catálogo sistemático:

1. Reencarnação: Espiritismo 133.9013

INSTITUTO BRASILEIRO DE PESQUISAS
PSICOBIOFÍSICAS

- IBPP -

RENASCEU POR AMOR

MONOGRAFIA N° 7

UM CASO QUE SUGERE REENCARNAÇÃO

KILDEN & JONATHAN

R-75

por

HERNANI GUIMARÃES ANDRADE

3ª edição

BAURU – SP – BRASIL

2000

Ao inesquecível mestre e
amigo
José Freitas Nobre
cujas virtudes morais e cívicas
representam um paradigma a
ser seguido por todos nós.

Obras do mesmo autor:

A Teoria Corpuscular do Espírito, 1ª edição, 1958; Edição do Autor.

Novos Rumos à Experimentação Espiritica, 1ª edição, 1960; Edição do Autor.

Parapsicologia Experimental, 1ª edição, 1967; Editora Pensamento, São Paulo, SP.

O Caso Ruytemberg Rocha, monografia n.01, edição do Autor, 1971.

The Ruytemberg Rocha Case, monograph n.01, edição do Autor, 1973. (em inglês)

A Case Suggestive of Reincarnation: Jacira & Ronaldo, monograph n° 03, edição do Autor, 1980. (em inglês)

A Matéria Psi, 1ª edição, 1972, Casa Editora O Clarim, Matão, SP.

Morte, Renascimento Evolução: Uma Biologia Transcendental, 1ª edição, 1983; Editora Pensamento, São Paulo, SP.

Muerte, Renacimiento, Evolución: Una Biologia Trascendental, 1ª edição, 1993, Ediciones CIMA, Apartado 3425 - Caracas (1010) - Venezuela (em espanhol)

Espírito, Perispírito e Alma: Ensaio sobre o Modelo Organizador Biológico, 1ª edição, 1984, Editora Pensamento, São Paulo, SP.

Psi Ouântico: Uma Extensão dos Conceitos Quânticos e Atômicos à Idéia do Espírito, 1ª edição, 1986; Editora Pensamento, São Paulo, SP.

Reencarnação no Brasil: Oito Casos que Sugerem Renascimento, 1ª edição, 1988, Casa Editora O Clarim, Matão, SP.

Ocho Casos de Reencarnacion, 1ª edição, 1994 - Editora Rivail, Apartado 18.847, Santafé de Bogotá, D.C. - Colômbia, (em espanhol)

Poltergeist: Algumas de suas Ocorrências no Brasil, 1ª edição, 1989, Editora Pensamento, São Paulo, SP.

Transcomunicação Instrumental - TCI (pseudônimo Karl W. Goldstein), 1ª edição, 1992, Editora Jornalística FE, Coleção Folha Espírita; v.l, São Paulo, SP.

A Transcomunicação Através dos Tempos, 1ª edição, 1997, Editora Jornalística FE, Coleção Folha Espírita, São Paulo, SP.

Morte: Uma Luz no Fim do Túnel, 1ª edição, 1999, Editora Jornalística FE, São Paulo, SP.

As páginas em branco foram retiradas dessa versão eletrônica.

Sumário

PREFÁCIO, 9

AGRADECIMENTOS, 17

INTRODUÇÃO

Uma Carta Preciosa, 19

A Surpresa, 23

Capítulo I - Histórico

Visita à Família do Paciente, 25

Relatório Escrito por D. Marine Waterloo
(Alexandre & Marine) Prolegômenos, 27

Primeira Parte, 31

Segunda Parte, 97

Terceira Parte, 127

Quarta Parte, 157

Capítulo II - Análise das Evidências

Fatos Relevantes que Precederam o Nascimento
de Kilden Alexandre, 161

Fenômenos Estranhos Ocorridos após o Nascimento
de Kilden Alexandre, 170
Tabela das Primeiras Recordações do Paciente, 180
Outros Detalhes Relevantes de Comportamento e
Lembranças do Paciente, 190
Excertos do Questionário, 216

Capítulo III - Hipóteses Explicativas para as
Recordações e o Comportamento de Kilden Alexandre
Fraude Deliberada, 228
Informação Direta e Criptomnésia, 231
Telepatia, ESP e Super-ESP, 236
Memória Genética, 241
Incorporação Mediúnica, 245
Reencarnação, 247

Capítulo IV - Epílogo, 253
Uma Explicação, 255
Entrelinhas..., 256
Seria, o Amor, como a Primavera?, 260

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS, 261

Prefácio

É bem provável que o leitor familiarizado com o conjunto da obra de Hernani Guimarães Andrade estranhe o título desta monografia. Afinal, o autor, presidente do Instituto Brasileiro de Pesquisas Psicobiofísicas (IBPP), sempre elaborou seus trabalhos com critério ético de rigorosa seriedade e imparcialidade, constando suas pesquisas sobre Poltergeist e Reencarnação como clássicos da investigação parapsicológica mundial.

Mas, o próprio autor detectou essa possível estranheza e destacou no epílogo: “o presente caso contém, além de seu aspecto puramente científico, um componente de natureza sentimental, dramática e profundamente humana. Nele estão envolvidas duas criaturas ligadas por fortes laços de mútua afeição. Uma vez evidenciada a realidade da reencarnação, pelo menos no caso que ora estudamos, parece-nos ressaltar, com inusitada clareza, a perenidade dos sentimentos que intervêm nas relações humanas”.

E mais adiante confessou: “Temos suficiente experiência no trato com o *Establishment* científico, para calcular o risco que corremos, de invalidar o presente trabalho, ou de

reduzir-lhe o valor de credibilidade, pelo simples fato de destacar-lhe este aspecto. Entretanto, acreditamos ser também justificável tratarmos deste particular, no presente caso”.

Hernani opta, assim, deliberadamente, pelo risco e ressalta, baseado em dados científicos, o poder avassalador dos sentimentos na condução da existência humana. Nesse aspecto, cumpre a mesma missão do eminente físico e humanista, professor Fritjof Capra, autor das excelentes obras *O Tao da Física* e *O Ponto de Mutação*, uma vez que procura a complementaridade dos dois pólos arquetípicos do taoismo – o Yin e o Yang – o amor e a sabedoria, indispensável ao equilíbrio dos seres humanos.

Para o autor, o rigor da técnica, da pesquisa criteriosa e objetiva não exclui a ênfase ao valor dos sentimentos, principalmente porque estes intervêm, de forma perene, nas relações humanas.

Esse caminho deliberadamente assumido e o conteúdo deste livro contribuem para a mudança do paradigma mecanicista-reducionista da ciência, até o momento inalterado, sobretudo, na maior parte dos redutos acadêmicos.

Em especial, gostaríamos de ressaltar a importante contribuição que as pesquisas sobre reencarnação têm a dar à psicanálise. Sem o reconhecimento de que o homem nasce, renasce e progride sem cessar, cumprindo uma lei biológica natural, as teorias de Freud e de seus continuadores não conseguirão avançar, ampliando o seu raio de ação em auxílio à mente humana.

Uma leitura psicanalítica sucinta do presente caso,

principalmente lastreada na história contada, de forma encantadora e comovente, pela Sra. Marine Waterloo, faz pensar em Édipo mal resolvido e em consequência deste a dificuldade de Kilden no aprendizado de leitura,

Por que Kilden Alexandre e não Kildary tem diferenças e desajustes com o pai? A psicanálise dirá que a libido de ambos é diferente, que sua expressão pelos canais do inconsciente depende da personalidade de cada um, do *quantum* de instinto de morte ou de vida que cada um carrega, desde a concepção, e do modo como tenha vivenciado as diferentes fases – oral, anal e fálica – sobretudo nos seis primeiros anos. Com a reencarnação, a explicação fica muito mais completa, todas as peças do quebra-cabeça se encaixam. Na verdade, cada filho tem uma história única, traz ligações afetivas e emocionais com seus pais que se prendem à feira das encarnações sucessivas.

Ficou claro também, pela narrativa, a dificuldade expressa pelo Sr. Marcinho, o marido de D. Marine, em aceitar o Padre Jonathan e a recíproca, de certo modo, era verdadeira. O sentimento de antipatia volta a ser vivido, envolvendo Marcinho-Kilden. Tudo indica que uma das finalidades desta encarnação, para ambos, é a busca do perdão recíproco.

Sem dúvida, a psicanálise pode ajudar bastante, mas o êxito completo só será alcançado com a transformação da antipatia em amor e os fundamentos desta mudança, estão na vivência das lições de Jesus, sobretudo, nos esforços renovadores de cada dia.

Por isso, fazem tanto sucesso as técnicas de

desvinculação afetiva–egoística propostas pelo Espiritismo em sua vasta bibliografia.

Mas há outro aspecto importante detectado por esta pesquisa: a presença de fobias vinculadas a ocorrências de outras existências.

Em outra obra notável de sua autoria, *Reencarnação no Brasil*, Hernani já se referira a esse achado, especialmente no caso Jacira & Ronaldo. O jovem Ronaldo, de 28 anos, suicidou-se por envenenamento, utilizando formicida dissolvido em guaraná. Quando reencarnou, como Jacira, sentia forte aversão por líquidos de cor vermelha ou similar.

Na presente monografia, ele lembra que as fobias podem ocorrer em relação a objetos, cores, alimentos, cenas, animais, palavras, inclusive nomes, como o observado em um dos episódios do caso Jonathan e Kilden.

A casuística do Instituto Nacional de Terapia de Vivências Passadas (INTVP), dirigido pela Dra. Maria Júlia de Moraes Prieto Peres, em São Paulo, e cuja técnica psicoterápica tem por base a reencarnação, também tem interessantes subsídios a oferecer, ligando fobias da existência atual a acontecimentos traumáticos de vidas anteriores.

O Dr. Ian Stevenson teve oportunidade de constatar a mesma incidência de fobias em crianças que se lembravam de vidas anteriores (*Children Who Remember Previous Lives*, The University Press of Virgínia, EUA, 1987, p.220). Ele pesquisou cerca de 2.000 pessoas, 23 delas haviam se matado na vida anterior, destas, quatro o fizeram acidentalmente; duas suicidaram-se para não serem

capturadas pela polícia e as outras 17, por motivos sociais. Além de constatar que esses suicidas não ficaram no inferno por séculos afora, o Dr. Stevenson observou que muitas pessoas deste grupo tinham fobias ao instrumento do suicídio, tais como armas ou veneno.

No mesmo livro, ele dedica o capítulo nono ao estudo das fobias da infância e da primeira infância, e comenta as dificuldades que os psiquiatras infantis e os pais têm de explicar alguns desses casos, aqueles que não derivam de nenhum trauma conhecido, nem aparecem como imitação de um medo similar existente em um membro da família.

Dr. Stevenson lembra que alguns psiquiatras atribuem as fobias inexplicáveis a um deslocamento simbólico do medo que uma pessoa tem de outra para um animal ou objeto, seguem a mesma linha de Freud, que havia interpretado a fobia do pequeno Hans, por cavalos, como um terror de seu próprio pai. Mas o psiquiatra e pesquisador da reencarnação está convencido, baseado em uns pesquisas, que muitas das fobias não podem ser explicadas se confinarmos a causa delas unicamente à vida presente.

Como vemos, pesquisadores criteriosos da reencarnação, como Ian Stevenson e Hernani Guimarães Andrade, têm enorme contribuição a dar para a mudança do paradigma materialista em que a ciência se fundamenta. Afinal, o organismo humano é um sistema vivo comandado por um Espírito, cujos componentes estão todos interligados e interdependentes, faz parte integrante de sistemas maiores, estando em interação contínua com os ambientes físico e social, e também com o mundo

espiritual, sendo constantemente afetado por eles e podendo, por sua vez, agir sobre eles e modificá-los.

Carl Gustav Jung foi, talvez, o primeiro a compreender a psicologia clássica dentro desses conceitos mais amplos. Em “Aion” ele previu que a física nuclear e a psicologia do inconsciente se aproximariam cada vez mais. Afirmou que a psique e a matéria existem no mesmo mundo, compartilhando das mesmas experiências, por isso, conclui que o acordo final entre conceitos físicos e psicológicos viria como consequência natural do desenvolvimento científico.

A mente, para ele, “promana de uma psique inconsciente que é mais antiga do que ela e continua funcionando juntamente com ela ou mesmo apesar dela”.

Jung distinguiu duas esferas na psique inconsciente: um inconsciente pessoal, pertencente ao indivíduo, e um inconsciente coletivo – estrato mais profundo da psique, comum a toda a humanidade. Para ele, a espiritualidade genuína é parte integrante da psique humana e manifesta-se em diferentes graus em cada indivíduo.

Os casos que sugerem reencarnação estão a confirmar que a psique permanece viva, apesar da morte corporal. Nesta monografia isso é tão evidente que este meu pobre prefácio é perfeitamente dispensável. Só mesmo o bondoso autor poderia pensar que ele seria de alguma valia.

Hernani Guimarães Andrade já teve oportunidade de afirmar (*Folha Espírita*, outubro/1991) que “a concepção materialista acerca da nossa realidade subjacente está destruindo o homem e o planeta Terra. Precisamos mudar e a única saída é a busca do Espiritualismo e dos temas correlatos.”

Aqui está um livro que trata do Espírito, mais que isso, amor entre as almas. Sob a inspiração deste sentimento sublime povoam-se os céus e a Terra, as criaturas buscam como abelhas procurando o néctar na ânsia de encontrar a sua fonte inesgotável – **Deus**.

São Paulo, Primavera de 1994

Marlene Nobre

Agradecimentos

O autor declara-se profundamente grato às pessoas adiante nomeadas, cuja preciosa ajuda contribuiu decisivamente para a concretização desta obra:

Ao Sr. Luiz Antônio Brasil pela grande colaboração e orientação a nós proporcionadas na obtenção dos dados e depoimentos, junto à família do paciente, em São João del Rei.

À Profa. Suzuko Hashizume e Dra. Maria das Graças de Souza, pelo inestimável auxílio no preparo e revisão dos originais deste livro.

Especial agradecimento à família do paciente, a ele próprio, e à família da personalidade anterior, cujos nomes e domicílios reais foram, por motivos éticos, necessariamente resguardados.

Finalmente, a nossa imensa gratidão à Exma. Sra. Dra. Marlene Rossi Severino Nobre, pelo magnífico prefácio que tanto abrilhantou este modesto trabalho.

Bauru, Primavera de 1994

Hernani Guimarães Andrade

Introdução

Pensando bem, porém, ainda estaremos menos longe da verdade se adotarmos as teses mais extremas e mais místicas do gnosticismo do Espírito-que-se-torna-inatéria-e-depois-a-domina, do que se assumirmos a tese cientificista extrema, da Matéria-que-fabrica-o-Espírito.

Raymond Ruyer (1974)
(La Gnose de Princeton)

UMA CARTA PRECIOSA

Temos, normalmente, uma correspondência numerosa e variada. Recebemos cartas do mundo quase todo e especialmente daqui do nosso país. Diariamente cumprimos o ritual, para nós sagrado, de abrir a correspondência, ler e preparar as respostas. Geralmente são o que humoristicamente batizamos de “cartas de cobrança”, pois a maioria contém sempre algum pedido, seja de informação, seja de livros, monografias ou cópias de artigos, bem como de outro material gráfico, fotos, solicitação de pareceres sobre obras a nós remetidas pelo leitor e, às vezes, pedidos de prefácios, etc. Apreciável parte de nosso tempo útil é consumida nesse trabalho que, para nós, se tornou rotineiro e gratificante, embora pese consideravelmente em nossas reservas disponíveis de

tempo com as quais poderemos contar daqui para frente, devido à nossa idade avançada.

Porém, como deixamos transparecer, é uma tarefa compensadora, porquanto uma ou outra carta deixa de ser uma “cobrança” e sim uma “dádiva preciosa”. Um caso desses ocorreu no dia 6 de novembro de 1990, quando abrimos um envelope contendo uma carta singela e objetiva. O missivista iniciou sua epístola, apresentando-se assim:

“Sou espírita, militante nas fileiras doutrinárias aqui deste interior de Minas Gerais, onde estudar e praticar o kardecismo nos leva a um isolacionismo... etc, etc”.

Ele se queixou das dificuldades produzidas pela carência cultural de que padece o nosso país, com reflexos inclusive no meio espírita. Entretanto, mostrou sua conformação com esta realidade somente modificável a prazo longo:

“Porém, nada a lamentar, compreendo que cada um está no lugar certo”.

A seguir, informou-nos como havia tomado conhecimento da nossa existência e do nosso interesse pela pesquisa dos fatos paranormais. Isto ocorreu, segundo ele, após a leitura de alguns trabalhos de nossa autoria. Mais adiante, concluiu a carta com estas palavras:

“Em segundo lugar, minha carta tem como motivo o acompanhamento que vou fazendo de um suposto caso que sugere reencarnação.

“Sabendo do seu interesse pelo tema, e de sua dedicação em pesquisas do gênero, como nos revela a sua parceria junto ao Dr. Ian Stevenson, pergunto se lhe seria de gosto

tomar conhecimento desse caso?

“Sendo afirmativo, informe como serão os dados a fornecer, bem como qual deve ser o roteiro de pesquisa a seguir.

Trata-se de um menino, hoje com dez anos de idade, identificando-se com um adulto falecido em 1972.

“No aguardo, para mim, de sua honrosa resposta, me despeço desejando que sua visão e seu trabalho sempre se multipliquem, cercados de muito êxito.”

Cordialmente
(a) Luiz Antônio Brasil

Esta preciosa carta fora enviada de São João del Rei, Minas Gerais, no dia primeiro de novembro de 1990, tendo chegado às nossas mãos no dia seis do mesmo mês e ano.

Não era a primeira vez que recebíamos carta comunicando-nos a ocorrência de fatos paranormais, especialmente de casos aparentando reencarnação. Geralmente, os comunicantes desses casos revelam grande entusiasmo e convicção, solicitando **urgentemente** instruções sobre como proceder para pesquisá-los adequadamente. Alguns querem até saber como publicar imediatamente os resultados obtidos. Outros prometem remeter os relatórios, tão logo recebam as instruções e levarem as “provas” e detalhes do caso.

Ocorre que a investigação dos fatos paranormais espontâneos, como os de reencarnação, exige certa aptidão por parte do pesquisador, muita paciência e prévio conhecimento do assunto, adquirido com leituras e estudos mais profundos. Desse modo, quase sempre, após enviar

o extenso e complexo material de instrução e execução, vemos o nosso esforço inicial totalmente frustrado, sem contar a perda de todo o material didático remetido ao comunicante.

Normalmente, o entusiasmo do investigador iniciante se arrefece quando ele percebe as minúcias e dificuldades que envolvem uma pesquisa de caráter rigorosamente científico; quando descobre que a investigação de qualquer caso paranormal não se faz da noite para o dia, mas implica um verdadeiro e demorado ritual, em que o relacionamento humano com os protagonistas exige carinho, paciência e até o amor, sem o que não se obtêm dados preciosos e valiosos que enriquecem sobremaneira o conteúdo das evidências de apoio à veracidade dos fatos.

Em vista das razões apontadas, confessamos que enviamos, o mais breve possível, o material requerido para o início da investigação do caso comunicado pelo Sr. Luiz Antônio Brasil, mas o fizemos sem muita esperança de obter um retorno compensador. Assim, no dia onze de novembro de 1990, remetemos ao nosso informante os seguintes elementos didáticos:

- a) Manual de Pesquisas de Casos que Sugerem Reencarnação.
- b) Modelo n.2 - Questionário Preliminar.
- c) Tabela de Características Fisiológicas e de Comportamento e Atitudes em Situações Normais.
- d) Questionário sobre a Personalidade.
- e) Um jogo de dez Fichas de Informações Pessoais (FIP).
- f) Monografia n.3 - **Um Caso que Sugere Reencarnação: Jacira & Ronaldo**, para servir como modelo

de um caso já estudado e divulgado.

Na carta, acompanhando esse material, garantimos que o IBPP manteria, como de praxe, o máximo sigilo acerca da identidade do paciente e de sua família. Obviamente, ficamos à disposição para elucidações posteriores que se fizessem necessárias.

A SURPRESA

No dia quatro de dezembro de 1990, precisamente vinte e três dias após havermos remetido nossa resposta à carta do Sr. Luiz Antônio Brasil, chegou o material de pesquisa preliminar por nós solicitado. Ao examinarmos o farto e minucioso relatório, não acreditamos no que estávamos vendo! Pareceu-nos mais um sonho... Ali estava à nossa frente desenhos esquemáticos contando a história do caso desde os seus antecedentes; todos os questionários rigorosamente respondidos; fichas de informações corretamente preenchidas; um relatório preciso e conciso do caso, enfim tudo perfeito e, além disso, primorosamente datilografado!!!

Desse modo, graças à excepcional eficiência do nosso colaborador, pudemos dar início e levar avante a pesquisa do presente caso. Em todos os lances desta investigação, encontramos no Sr. Luiz Antônio Brasil o amigo certo e o colaborador precioso, sem cuja ajuda teria sido impossível a realização desta pesquisa.

São João del Rei fica distante de Bauru cerca de 800km. Em uma viagem que fizemos até aquela cidade, numa única etapa, dispendemos mais de doze horas de automóvel. Fomos visitar a família do paciente e conhecer pessoalmente o nosso colaborador, bem como o jovem Kilden.

Vamos relatar, a seguir, o que conseguimos obter da nossa demorada investigação acerca desse caso.

CAPÍTULO I

Histórico

Desde 1961, um de nós (I.S.) tem investigado na Índia e em outros lugares casos de pessoas (costumeiramente crianças) que afirmam que elas viveram antes e podem lembrar detalhes das referidas vidas prévias...

Prof. Ian Stevenson, MD (*Research in Parapsychology*, 1979, p. 72)

VISITA À FAMÍLIA DO PACIENTE

No dia vinte e quatro de julho de 1992, pela manhã, fizemos nossa visita inicial à D. Marine e sua família. Nosso encontro com D. Marine e sua encantadora [lia foi um sucesso. Ela e seu esposo, Sr. Marcinho, têm IN filhos e quatro filhas, ao todo seis. São todos muito bonitos e educadíssimos.

O filho mais velho, então com vinte anos, é seminarista. **Kilden** é o quarto filho e estava com onze anos. E um garoto vivo, simpático e comunicativo. Conversamos longamente com ele, mas notamos que suas recordações reencarnatórias já haviam desaparecido, submersas talvez em seu inconsciente. D. Marine Waterloo é uma senhora muito inteligente e culta. Ela é formada em Pedagogia, tem trabalhos literários já publicados e ocupa cargo de destaque no meio cultural de São João dei Rei. Acolheu-nos calorosamente e

prontificou-se a colaborar conosco, da melhor forma possível. Para nós foi uma ajuda preciosa que aliviou imensamente a nossa tarefa, facilitando notavelmente a elaboração desta monografia.

D. Marine é uma escritora inata e prontificou-se a fornecer-nos minucioso relatório escrito sobre o caso de seu filho. Combinamos, então, que ela, além de responder ao nosso questionário, manteria uma correspondência epistolar, a fim de complementar o relatório e o questionário.

D. Marine Waterloo cumpriu fielmente o prometido, indo além da nossa expectativa, razão pela qual nos confessamos profundamente grato a essa extraordinária senhora.

Iniciaremos o histórico do caso **Kilden & Jonathan**, objeto da presente monografia, oferecendo ao leitor, com a devida licença da Sra. Marine Waterloo, a íntegra do **Relatório** acerca dos antecedentes e dos pormenores do caso em questão.

Antes, porém, queremos valer-nos desta oportunidade para fornecer alguns esclarecimentos necessários. Desse modo, informamos que o Instituto Brasileiro de Pesquisas Psicobiofísicas (IBPP) tem por norma obedecer a princípios rigorosamente éticos, resguardando cuidadosamente a identidade de seus pacientes e das suas respectivas famílias. Por esse motivo, os nomes reais dos personagens e localidades relacionadas com o presente caso foram propositalmente trocados ou camuflados por meio de pseudônimos e siglas. Mesmo assim, qualquer semelhança que eventualmente possa sugerir identificação com algum

lugar ou personagens conhecidos será resultado de mero acaso ou interpretação errônea.

Outra ressalva, a nosso ver necessária, é a respeito da personalidade anterior. Em se tratando de um respeitável sacerdote da Igreja Católica Apostólica Romana, poderia parecer, a algumas pessoas mais sensíveis em termos de discriminação religiosa, que o presente trabalho seja um malicioso ardid forjado para sutil desmoralização do Egrégio Clero Romano. *Ab initio* queremos desfazer decisivamente semelhante suposição, pois embora não façamos parte dos membros ou adeptos de qualquer religião, temos por todas elas o máximo respeito, bem como pelos seus sacerdotes, ministros ou dirigentes. Se tivéssemos razões para combater qualquer credo religioso, nós o faríamos diretamente na arena da lógica e do conhecimento, dentro dos princípios éticos, e não subrepticamente, através de expedientes maliciosos e subliminares.

Isto posto, vamos partir para o histórico do caso **Kilden & Jonathan**, iniciando-o com o Relatório escrito pela própria Sra. Marine Waterloo e por ela intitulado **Alexandre & Marine**.

**RELATÓRIO ESCRITO POR
D. MARINE WATERLOO
(ALEXANDRE & MARINE)
PROLEGÔMENOS**

A história narrada nestas páginas foi sendo anotada à medida que era vivida por seus protagonistas. É uma realidade que vivenciamos. É o conteúdo dos parênteses

que a vida neste Planeta constitui. Todos vivem seus conteúdos. Alguns são obras imensas que ficam nos atos, que somente o Pai anota em seus anais. Outros são humildemente anotados pelos peregrinos desta Terra, como é o nosso caso.

Estamos a caminho, no desenrolar da Missão que assumimos, quando nos foi permitido entrar em novo corpo. Debatermo-nos, ora atolados nos pântanos imundos, fracos que somos! Ora, caminhamos, voltados para a Luz, porque o nosso objetivo é a Luz! Debatermo-nos entre momentos fugazes, de fugazes prazeres, e momentos introspectivos em que, no âmago de nós mesmos, encontramos a dor da pequenez que, também, se debate pela ânsia de grandeza, pela ânsia de infinito! Caímos aqui... Levantamo-nos acolá... E, assim, vamos...

Quantas vezes, a angústia e a descrença pelo efêmero nos mostram que devemos erguer nossa cabeça, porque existe algo mais importante! Quantas vezes, o olhar do irmão que padece é a seta que ainda nos falta para encontrarmos novamente a nossa estrada!

O próprio desenrolar dos acontecimentos palpáveis é algo profundo que vem de nós mesmos, enquanto Espíritos, e que nos mostram a realidade da reencarnação.

Assim, foi necessário que vivêssemos momentos de angústias, em outra cidade, em 1968... Foi necessário que passássemos por dores que julgávamos acima das nossas forças... Foi necessário que Pe. Jonathan, nosso amigo, voltasse como Kilden Alexandre...

Esperando que o Senhor da Vida nos abençoe e nos dê forças, para que possamos caminhar rumo à perfeição

espiritual, finalizaremos esta pequena introdução, mostrando a beleza deste soneto reencarnacionista, assinado por Renato Travassos, do livro de Clovis Ramos:

O TRANSMIGRANTE

Vim de outros mundos! Sinto a cada instante
As sombras de uma vida já vivida
Bem longe, em outra parte, noutra vida
Sob um céu mais azul e mais distante.

É de outros mundos, onde andei errante
E de que enfim, minha alma se intimida
Esta vaga lembrança indefinida
E triste, persistente e torturante!

E assim, nas horas de aflições atroz
Estranhas coisas vejo em pensamento
E escuto dentro de mim, soturnas vozes ...

De antigas vidas tenho amargas provas.
E ainda pressinto, para meu tormento,
Que hei de viver milhões de vidas novas.

Primeira Parte

Após o segundo sinal, saímos do dormitório e descemos a escadaria rumo à capela. Era o início do ano letivo de 1968. Todas as alunas internas já se encontravam na Escola Normal, inclusive algumas novatas.

À entrada da Capela, nossa surpresa foi grande ao percebermos que o nosso capelão do ano anterior não estava e, em seu lugar, um padre bem moreno, de cabelos crespos, nos aguardava, sorridente.

O espanto foi geral. Muitas ficaram mesmo decepcionadas e algumas, as mais criancólas, puseram-se a rir. Ele riu também e cumprimentou algumas dizendo seus nomes. É que muitas conterrâneas suas, ali se encontravam.

Entramos e a Santa Missa teve início, num clima de insatisfação geral. E mais, ninguém cantou direito, ninguém rezou direito, exceto as Irmãs.

Depois da Missa, todas fomos ao refeitório e tomamos café rapidamente, para iniciarmos nossas aulas; as primeiras aulas do ano.

No refeitório, o assunto em pauta foi a troca de capelão. Muitas não se conformavam, porque adoravam o capelão do ano anterior. Outras, não toleravam o novo capelão, eram suas conterrâneas. Só mais tarde é que vim a saber de tal antipatia. O grupo das menores e as mais imaturas

acharam o sacerdote fisicamente tão feio, que começaram a detestá-lo à primeira vista. Quanto a mim, achei desumana, infantil e ridícula a atitude das minhas colegas. Por que julgar pelas aparências as pessoas? Em que mudaria o Rito Sagrado, sendo o sacerdote fisicamente feio? E o que mais me impressionou foi o fato de moças do terceiro ano Normal, quase professoras, filhas de famílias distintas e até parentes de freiras, se portarem tão mesquinamente.

Estávamos ainda no refeitório, naquele clima tão ausente de caridade, quando ali surgiu o novo capelão. (O antigo nunca visitara nosso refeitório.) A indignação das minhas colegas chegou ao auge. E todas resmungaram, riram baixinho e comentaram qualquer coisa entredentes.

– Bom dia, bom dia! Como vai D. Maria?

– Bom dia – umas quatro de nós apenas, responderam.

– Tantas meninas! Quantas vocês são?

– Noventa e seis – respondeu a Irmã assistente aproximando-se dele, pois havia notado a hostilidade das meninas.

Conversaram um pouquinho, ele e a Irmã, e depois disse: – Até logo! Estudem bastante!

Sorriu e saiu.

Todas ficaram caladas. O silêncio que se seguiu foi um desses silêncios pesados, impregnados de mal-estar, de consciência pesada, de clima desagradável.

De repente, uma das minhas amigas de interna to, a mais ousada, levantou-se e disse:

– Que exagero, gente! O que fez o coitado do Padre para ser tratado assim?

Quase todas vaiaram.

– Podem vaiar! – gritou minha amiga. Onde está a caridade de vocês? Que falta de maturidade!

Nesse momento, soou o sinal para o início das aulas. Em silêncio, saímos do refeitório e seguimos para nossas classes.

Iniciava eu o meu segundo ano Normal. O entusiasmo, a vontade de vencer, a alegria de viver, a sede de conquistar a crista da intelectualidade faziam de mim uma menina muito responsável e compenetrada.

Nossa primeira aula foi de Português. A mesma professora do ano passado, Irmã Antônia, entrou sorrindo, vermelhinha, como sempre, e deu-nos as boas-vindas. Conversamos um pouco. Logo que o silêncio voltou a reinar, Irmã Antônia perguntou:

– Alguém aí se lembra de um ditado que eu disse a vocês, várias vezes, durante o ano passado?

Irmã Antôniaa quando se dirigia a nós, sorria sempre mesmo quando estava zangada, e seus olhos verdes, de um verde escuro e profundo, penetravam pela alma adentro.

Levantei a mão.

– Diga, Marine.

Levantei-me e, como eu já havia feito daquele “ditado” o meu ditado predileto, disse em tom solene:

– Os maiores fracassados são aqueles que nunca fracassaram, porque temem o fracasso”.

– Ótimo! Não vamos nos esquecer, minha gente!

Durante a aula, Edilene, minha colega de internato, deixou-me curiosa, dizendo que tinha uma revelação a

fazer, mas que só o faria em época oportuna.

Os dias foram se passando e o descontentamento das meninas, aumentando. Foi nesse período que descobri quão vazias são as pessoas e que racismo profundo domina o Brasil!

O dia inteiro ouviam-se meninas murmurando contra o Pe. Jonathan. Assim era seu nome: Pe. Jonathan.

A mim, todavia, era indiferente essa história de querer mais a um que outro. Nunca havia eu conversado com o capelão do ano anterior, Pe. Jodi. As internas que estavam sempre próximas a ele, eram as mesmas quatro meninhas magnatas da Escola Normal. Meninas de início de curso ginásial antigo. Filhinhas de grandes fazendeiros e industriais, conhecidas do Pe. Jodi, antes mesmo de serem matriculadas no Internato.

Pe. Jodi era sóbrio e piedoso, não se misturava e não procurava intimidades, nem brincadeiras entre as internas. Não deixava, porém, de ser muito simpático e querido.

Pe. Jonathan era o oposto. Desde o primeiro dia, atirou-se para o meio das meninas e brincava com todas, fingindo não perceber seus risos debochados e suas antipatias sem fundamentos.

Durante as Missas, que eram celebradas diariamente, às seis e trinta da manhã, vários cochichos e olhares podiam ser notados entre minhas colegas de internato. Era um clima estranho e desagradável. As Missas celebradas pelo Pe. Jonathan estavam se assemelhando mais a comédias de circo, tal a falta de respeito reinante. Chegamos, minha colega Goreti e eu a pensar que as Irmãs fossem tomar qualquer providência no sentido de trocar de capelão da

Escola. Nada, porém, aconteceu.

Após um mês, mais ou menos, Padre Jonathan já havia conquistado quase todo o internato. Naquela época achei ousadia de sua parte atirar-se assim, quando o ambiente era totalmente hostil. Hoje, porém, sei que não se tratava de ousadia; atrás daquele homem escuro que estava sendo vítima do desprezo geral, havia uma virtude, muito desprezada em nossos dias, escrita em letra maiúscula: HUMILDADE. Aquele corpo quase sem elegância, aqueles cabelos crespos e, acima de tudo, aquele linguajar não erudito abrigavam uma alma pura e simples.

Até o momento em que conhecemos o novo capelão, só sabíamos de sacerdotes carrancudos que se trancavam na Sacristia e que após a Missa iam embora. Nunca outro padre procurou saber nosso nome, nossa terra natal, etc.

Padre Jonathan foi um escândalo entre os nossos “Sepulcros Caiados”...

Certa vez, durante o recreio do almoço, Irmã Nivalda passou por mim e disse-me:

– Tenho notado algo que me deixa muito triste, Marine.

– O quê, Irmã Nivalda? Perguntei-lhe, muito assustada, pois estava encostada a uma pilastra do corredor, simulando assistir a uma partida de vôlei.

– Venha cá, Marine. E continuou andando rumo à sala de música.

– Que está acontecendo? Durante o ano passado até a Madre Inspetora veio ao recreio das internas jogar uma da de pingue-pongue com você... Pensa que não sei? Você era entusiasmada, alegre, brilhante! E agora, Marine? Só a vejo pelos cantos, olhando de longe... não participa

mais... Por que, Marine? Que está se passando? Algo brusco deve ter acontecido... Pode ter confiança em mim. Ou, pelo menos, procure uma pessoa de sua confiança e tente se abrir.

Hávamos chegado à sala de música. Irmã Nivalda olhava-me fixa e profundamente nos olhos, tentando descobrir o segredo de minha alma.

– Não, Irmã Nivalda, não tenho nada. Apenas saudades dos meus pais e irmãos.

– Você sabe que não acredito. Saudades dos seus, você sempre teve e nunca ficou abatida... no mundo da lua...

– E apenas um tédio passageiro... Acho que é, Irmã Nivalda.

Nem eu mesma sabia o que estava se passando comigo. E até aquele momento em que Irmã Nivalda notara meu estranho comportamento, eu não o havia percebido.

– Reze, filha, e volte a ser a Marine do ano passado – disse Irmã Nivalda e entrou para a sala de música.

Voltei, de cabeça baixa, passando, sem perceber, por entre as internas que brincavam animadamente. Quando cheguei ao fim do galpão, notas de piano apunhalavam-me a alma. Era *Le Lac de Como*.

Irmã Ita, nossa assistente, incumbiu-me de tomar conta da Biblioteca, durante o tempo em que a Irmã bibliotecária estivesse em outras ocupações.

Durante o ano anterior, fui auxiliar na Secretaria e, como houvesse agora nova Secretária, fui dispensada, pois segundo a mesma, o serviço era pouco. Ajudei a organizar alguns trabalhos de início de ano e assumi parte dos serviços da Biblioteca.

Fiquei feliz, pois na Biblioteca teria oportunidade para dedicar-me à leitura, que era meu forte, sempre foi meu forte.

As janelas da Biblioteca davam para um pátio triangular, adjacente à sala de música. No pátio, um abacateiro grande... Algumas outras árvores de pequeno porte, que se apagaram de minha memória... O que, todavia, insiste em gritar dentro d'alma é um triste Bem-te-vi, que à tarde toda chorava, tornando-se para mim um tormento...

A porta saía para o pórtico principal, próximo à portaria.

A nostalgia, a angústia e um amargo sentimento de solidão apoderavam-se de mim, pouco a pouco. E só mesmo a leitura de escritores, que menina alguma de minha idade teria, é que me fazia esquecer aquele momento interior tão estranho assolando um mundo tão feliz e tão meu.

Depois de orientar uma jovem do externato que fora fazer pesquisa, voltei-me à leitura de Cronin. Bastante concentrada em uma das suas descrições, tive um sobressalto que me levou a sentir dor de cabeça, quando ouvi a voz do Pe. Jonathan, do lado de fora da Biblioteca.

– A que horas começarão as confissões, amanhã? – ouvi Pe. Jonathan perguntando a alguém.

– Às quinze horas – respondeu uma voz, que reconheci ser da Irmã Alice.

– Só para as internas, amanhã? – tornou o Padre.

– Sim, senhor. Só para as internas.

Comecei a tremer, sem motivo. Aquele assunto deixou-me perturbada. Fechei o livro de Cronin e pus-me de pé. Minha cabeça doía. As mãos tremiam e o coração batia

disparado. Apoiei-me à mesa e, pela primeira vez na vida, senti-me partícipe do amargo drama da existência. Sofrer já havia eu sofrido muito, porém, algo da alma, algo dramático, só nesse momento estava profundamente acontecendo a mim, Marine, aluna do segundo ano Normal, pobre e longe da família. Mas, o que estava realmente acontecendo? perguntei-me. Nada, respondi. Era ótima aluna, querida entre colegas e mestras, ponderada e observadora dos Regulamentos do Colégio... Seria masoquismo sofrer, até mesmo sem saber o motivo?

A menina externa que pesquisava a um canto, entregou-me o livro e saiu. A bibliotecária entrou ligeira e cheirando a sabonete. Sentou-se, colocou os óculos e dispensou-me.

Assim que saí da Biblioteca, soou o sinal para terminar o período de estudos e iniciar a reza do Terço. Quando subi, levando meus objetos ao salão de estudos, as internas já desciam, em grupinhos, de acordo com amizades e preferências.

O nosso Terço era rezado, diariamente, às dezessete horas. Em seguida, o jantar e depois, o recreio.

Quando cheguei à Capela, as meninas já se encontravam lá, ajoelhadas, esperando que a Irmã desse início à reza do Santo Terço.

– A Missa amanhã será de Réquiem, sim, Irmã Alice? A voz do Pe. Jonathan saiu sonora de dentro da Sacristia. Um frio correu-me pelos ossos, dos pés à cabeça. E, antes de chegar ao meu lugar, na Capela, ouvi Irmã Alice respondendo-lhe:

– Sim, Pe. Jonathan, já está tudo preparado.

Ajoelhei-me. Um último e triste clarão do sol projetava-

se nos vitrais multicores da Capela. Os lírios do altar lembravam-me pureza e seu odor acariciava-me a alma.

– Virgem Santa – rezei em silêncio – não me abandone, nunca! Cada pessoa é um mistério e eu sou tão complicada! Dê-me coragem para enfrentar a mim mesma!

Lágrimas silentes desceram-me pela face e pingaram no chão frio entre os bancos. Não sabia eu o que estava se passando, mas sentia-me cada vez mais desamparada e sem objetivo.

O terço terminou rapidamente, porém não rezei uma Ave-Maria sequer.

Ao sairmos da Capela, deparamo-nos com o Capelão, de braços cruzados, do lado de fora da Sacristia.

A cada uma de nós que passava, ele dirigia um gracejo, fazendo com que uma ou outra parasse e conversasse.

Minhas colegas já haviam se acostumado àquele jeito simples e extrovertido. No fundo, porém, de cada uma, havia uma certa atitude de desprezo e, quando havia oportunidade, sempre apareciam cochichos e risinhos.

Pe. Jonathan permanecia mais tempo em nossa Escola Normal que os outros sacerdotes que por lá passaram.

O Colégio masculino, da mesma Congregação das freiras da Escola Normal, ficava defronte ao nosso, em uma posição privilegiada, sobre uma colina alegre, dando a impressão de que, lá embaixo, o Bairro dos Coqueirais se achava ajoelhado a seus pés...

Após o jantar, começaram, em todos os pátios, os jogos, as brincadeiras e as longas conversas animadas.

A noite descera e as estrelas já brilhavam no céu ainda claro. O vozerio e os gritos das internas em recreio

contrastavam com a calma do início da noite. No céu límpido, um urubu ou outro passava e lembrava-me os meus tempos de criança em minha Terra Natal.

Parei no pórtico fronteiro ao pavilhão principal. Olhei. As paredes velhas, com várias manchas pretas, marca do tempo e da natureza, pareciam-me hostis. Os velho janelões, também, já sem tinta, eram como dentes de bruxa cerrados contra mim, numa gargalhada diabólica... Por sobre o telhado antigo, grandes palmeiras da Praça espiavam-me em silêncio, como se alguém muito superior estivesse a me observar, de olhos arregalados e fixos sinistramente...

– Você... “não participa mais...” lembrei-me das palavras da Irmã Nivalda. Você... “não participa mais...” Passei as duas mãos pelo rosto, apertando os olhos a fim de afastar aquela visão hostil do velho pavilhão da Escola Normal.

Saí dali e fui tentar uma conversa com as meninas do meu curso. Desisti, porém, voltando ao meu lugar... Eu não participava... Por quê? Não havia motivo! Simplesmente, eu não participava. E o pior, mesmo, é que eu não sabia o que estava se passando dentro de mim. Às vezes, uma angústia torturando-me a alma; outras, um desejo infinito de possuir algo ou de ser possuída por algo indefinido... Uma sensação de ser uma ferida no Universo, um desejo de sofrer mais e mais... Penetrar no estranho mundo da nostalgia, do bizarro... do Nada!

Lágrimas silentes rolavam-me facilmente pelas faces, deformando aquele rostinho alegre que sempre tive. Fé, piedade, orações... tudo ia ficando de lado e, apenas uma

ferida viva, que era eu, latejava e sangrava sem socorro...

Passei a mão direita pelos cabelos e notei que eles estavam grandes e sedosos, porém, até minha vaidade feminina eu havia abandonado.

Era o colapso total. O fim do espírito. O império da matéria em corpo humano.

Ouvi o sinal e caminhei maquinalmente, no meio das outras, rumo ao estudo. Lá, eu me sentia mais protegida, sem correr riscos.

Olhei o horário do dia seguinte e vi que haveria prova de português. Um clarão de felicidade passou-me pelo interior. Aquela chama que era o desejo de estudar e de ser Alguém com letra maiúscula não havia se extinguido. Não! Jamais essa chama se apagaria! Mesmo que isso me custasse os maiores e mais absurdos sofrimentos.

Ao abrir o livro de Português, deparei-me com um papelzinho escrito a lápis. Li:

“No primeiro plano de nossas vidas, existe, muitas vezes, uma árvore que esconde a floresta aos nossos olhos”. (de Michel Quoist)

Li novamente, tentando analisar as palavras do grande M. Quoist, de acordo com tudo o que estava se passando em mim. Haveria algo pior? A angústia seria a árvore em primeiro plano? E a floresta? Que seria a floresta no grande terreno da minh'alma? A floresta... Pensei. A floresta só o tempo poderá revelar...

Senti-me muito bem na prova de Português. Estava contente! Irmã Antônia era ótima professora e excelente educadora. Notava-se seu espírito evangelizador, mesmo durante as aulas de gramática e literatura. Ela exigia que

entendêssemos que nossa formação deveria ser completa. A cultura, a informação e a inteligência de nada valem, se não houver uma mudança de comportamento, sempre para melhor.

Nossa formação religiosa era muito rigorosa e, mesmo em 1968, que era o limiar de profundas mudanças educacionais e sociais, a Doutrina Religiosa era disciplina obrigatória no Currículo.

Tínhamos, portanto, tudo ao nosso alcance: clima para crescermos sem dificuldades externas, orientação das Irmãs, durante as vinte e quatro horas do dia, e um ensino rigoroso durante as aulas.

A juventude era mais dócil naquela época, aceitando sem polêmicas e com Fé os ensinamentos Teológicos.

A Doutrina Católica, soberana e infalível (nós jamais trocaríamos de Religião!), mostrava-nos o Inferno e o Céu, transformados já em “estados d’alma” – não um espaço determinado na Crosta Terrestre, onde demônios e anjos aguardavam os “Benditos e os Malditos do Pai”.

Tudo estava se transformando. Deus estava ficando menos severo. A orientação às catequistas estava sendo feita de maneira tal, que elas, em primeiro lugar, deveriam estar convencidas de que “céu e inferno são estados d’alma” e não local – debaixo da terra e acima desta, como se pensava – de fogo, garfos espetando ou anjos cantando entre estrelas faiscantes... Era necessário mudar muita coisa errada, começando a dizer a Verdade às crianças.

A partir daí, a Igreja começou a reconhecer que havia sido rígida demais no passado, e a sofrer as influências dos novos tempos. Não era Paulo VI um Papa

profundamente existencialista? Era o Concílio Vaticano II mera reunião da Cúpula Eclesiástica?

As Encíclicas Papais eram estudadas com afinco, por nós, e quanto às nossas dúvidas, que eram poucas, as Irmãs procuravam logo esclarecê-las.

Quanto a mim, 1968 foi um ano de negras batalhas no plano interior. Além da angústia inexplicável que vinha me assolando, o estudo de alguns filósofos começou a balançar certas normas arraigadas no meu âmago, coisas que eu julgava únicas, infalíveis e imutáveis. A Teoria de Platão deixou-me deslumbrada, embora considerada absurda por muitas pessoas. A professora de filosofia apenas expunha a matéria, sem nunca demonstrar seu ponto de vista. E nós, a cada teoria nova apresentada, reagíamos, pensando que tudo aquilo estava mesmo correto.

Em matéria de religião, havia uma palavra muito em moda naquela época e que nós gostávamos muito. Era “engajamento”. O cristão deveria ser sempre um homem engajado. Eu era uma jovem católica dinâmica, porém, bem no meu interior, sempre procurava questionar, tentando buscar certas Verdades que não podiam ser explicadas, os “dogmas”. São dogmas. Não há explicações, usa desses dogmas que, várias vezes, abandonei a comunhão diária, tentando compreender primeiro, para depois aderir.

Meu bloquinho de anotações guardava reflexões interessantes do nosso retiro Espiritual de 1967: “A Fé é adesão à pessoa de Cristo. Portanto à Igreja”.

Naquela época, mesmo em meio a dúvidas, a gente passava por cima, pois a Fé verdadeira era acreditar

cegamente. Era acreditar sem interrogações, tal qual a Igreja propõe. “A Fé é adesão à pessoa do Cristo.” Afirmação correta. Se Você não acredita, não pode aderir.

Aderir à Igreja não era coisa difícil. A juvenil acreditava e pronto! Hoje, há mais questionamento, pessoas modernas preferem uma Fé racional. Preferem estudar, pesquisar e evoluir, sabendo que acreditam porque entendem. Aderem, porque entendem e acreditam. A luz não está mais sob o alqueire.

Às treze horas foi escrito um aviso no quadro do Estudo: “Hoje haverá confissões a partir das quinze horas”.

Li o aviso. Sentei-me e fiquei perplexa. Estava sem saber se me aproximava do Confessionário, ou não. Por que, meu Deus? Sempre fiz minha confissão semanal, minhas comunhões diárias... Por que tão brusca mudança?

– Irmã Ita, vou para a Biblioteca, pois a bibliotecária deixou as chaves comigo, disse-lhe eu, quase feliz, por saber que não sobraria tempo para me confessar.

– Ah, sim, Marine! Então desça que hoje haverá muito trabalho por lá.

Peguei meus cadernos e desci.

Muitas alunas externas e internas aguardavam-me à porta da Biblioteca. Assim que abri, entraram procurando logo os primeiros lugares. Eram quase todas do Curso Ginásial.

Logo que todas foram atendidas e se encontravam já fazendo suas consultas, sentei-me e comecei meu trabalho de Didática, sem interrupção.

Às quatorze horas e trinta minutos, uma voz soou à entrada do pátio. Era o Pe. Jonathan chegando.

– Que silêncio! Parece que não mora aquela quantidade de meninas, aqui! – disse ele à Irmã da portaria.

– É, sim senhor. Elas estão no estudo.

– Ainda não desceram?

– Não, senhor. Vou avisar que o senhor já se encontra à espera, no Confessionário.

Mesmo que quisesse, eu não poderia me aproximar do Sacramento da Confissão. Estava só, com a responsabilidade da Biblioteca. E isso, causava-me uma certa felicidade, um certo alívio.

As internas desciam para a Capela, em grupos de seis e, quando foi dado o sinal para finalizar o período de estudos, o Padre ainda se encontrava atendendo Confissões.

Fechei a biblioteca e segui para a Capela, quando já havia começado a reza do terço. Entrei e procurei não tomar conhecimento de que ainda estava o Pe. Jonathan Assentado no Confessionário.

* * *

Nosso dormitório era muito extenso, com janelas intermináveis que se abriam para o pátio interno. Esse pátio possuía um galpão em forma de L, várias saletas com um piano em cada; a sala de música, bem grande; várias instalações sanitárias, com armários internos para guardarmos coisas íntimas. No galpão, várias mesas de pingue-pongue e no gramado sempre verdinho do pátio, havia três quadras de vôlei; mais além, duas quadras de basquete que se encontravam abandonadas.

Todo o pátio era cercado por pequenas palmeiras que, apesar de jovens, já conseguiam espiar no andar de cima,

dentro de nosso dormitório. Seguindo quintal acima, da um lado e de outro, grandes árvores de caju e sob estai muitos pés de jiló.

Durante as noites mais quentes, as janelas do dormitório permaneciam abertas. Como eu sofresse falta de ar, meu leito sempre ficava perto de uma delas.

Quero esclarecer a respeito dessa coisa que eu explicava como sendo falta de ar:

– Irmã Ita – pedi-lhe certa vez – gostaria de dormir perto da janela, pois sinto muita falta de ar, à noite. Caso a senhora não se importe, ficaria muito contente.

– Claro que pode colocar sua cama perto da janela, Marine! E, se você sente falta de ar, precisa ir ao médico; na sua idade não é coisa comum. Quando começou?

– Não é bem uma falta de ar, Irmã Ita. Começou quando eu era Aspirante lá em BH. Estava eu debaixo do chuveiro, quando, de repente, algo tomou conta do meu corpo. Uma coisa estranha me sufocando, me deixando tonta e parecia que meu corpo ia se tornando grande demais, os braços e os dedos desproporcionais, tudo ficando grosso e enorme. Fui ao médico e ele disse que eu estava ótima, que não havia nada, nada! Daí em diante, sempre sinto esses sintomas esquisitos e chego, às vezes, até a perceber que eu não sou eu. Os objetos perto de mim vão se tornando tão pequenos e grosseiros que chego a pensar que estou morrendo.

– Marine, amanhã mesmo, vamos levá-la ao médico. Não fique impressionada, pois não é nada grave, você verá.

A noite ia alta e, sob a janela, podia-se observar a Lua no céu límpido. As estrelas, tão distantes, banhadas em

lunar não eram tão belas quanto as folhas das palmeiras perto do dormitório. O gramado do pátio parecia cintilar e, no silêncio noturno, cortado apenas pelo ressonar das minhas colegas, meus dedos começaram a se engrossar, os braços e o corpo... A respiração cortada, quase que de minuto em minuto, por uma ânsia estranha que parecia a morte. Sentei-me no leito e deitei-me em seguida. Tentei respirar fundo, voltada para a janela, todavia, uma fraqueza nos joelhos e nos braços deixou-me quase paralisada. Abri a boca, querendo engolir a maior quantidade de oxigênio possível. Tudo em vão. Aquele mal não era novidade para mim, porém a cada vez que acontecia, deixava-me mais apavorada.

Durante os minutos que durava esse fenômeno bizarro, um luar diferente invadia a minha memória; um casarão, como se fosse um palácio opulento, esboçava-se-me e um quarto luxuoso, porém, sem mostrar muitos detalhes... Nesse quarto, uma cena repugnante que eu não conseguia (que, todavia, era obrigada a aceitar) e um homem muito branco, esquisito, parecendo anormal...

Tais cenas não se passavam nitidamente, obrigando-me a torturar minha memória, no intuito de descobrir alguma passagem semelhante na minha infância, ou em alguma leitura qualquer feita por mim. Não era leitura, nem coisa da infância, eu era adulta dona daquele quarto luxuoso, figura principal naquela claridade absoluta.

Era algo real, vivido por mim e que a memória não dava conta de alcançar totalmente.

Assim que meu mal se esvaía, eu conseguia, finalmente dormir, com a cabeça dorida e pesada.

Aos domingos pela manhã, saíamos a passeio, pela Praça, pelos bairros ou íamos ao Colégio dos Padres.

A Paróquia de São Paulo ficava defronte ao portão da Escola Normal, separada desta apenas pelo jardim da Praça dos Coqueirais. De vez em quando, em ocasiões de festas, íamos à Missa na Paróquia.

Costumávamos permanecer no Colégio dos Padres, desde as oito e meia até às onze ou onze e meia. Ouvíamos música, dançávamos e realizávamos vários tipos de jogos. Depois que o Pe. Jonathan chegou na cidade de NP nossas visitas ao Colégio masculino eram mais agradáveis, pois tinha ele grande prazer em nos receber e fazia-nos companhia durante o tempo todo.

Lá do alto da colina, numa atitude meditativa, naquelas manhãs claras, eu contemplava o esplendor misterioso da Praça dos Coqueirais. (A realidade é sempre mais marcante do que os sonhos...) Era sempre saudável sentir-se em um pedestal, mesmo sabendo que esse pedestal era apenas uma colina com uma construção habitada por alguns sacerdotes.

No jardim da Praça, rapazes e moças passeavam distraídos, após a Missa das nove. (A juventude é um período bonito, porém, tão cheio de sofrimentos, de indagações, de incertezas...) Era sempre saudável observar os jovens do Movimento de Ação Social Juvenil (Masju) alegres, esperançosos e resolutos, mesmo sabendo que esses jovens não faziam parte do meu mundo, da minha vida...

Tão absorta estava, que não percebi o Pe. Jonathan a me contemplar, sorridente.

– Oi! À realidade! Disse-me ele estalando os dedos perto

dos meus olhos.

– Pe. Jonathan! Não sabia que o senhor iria aparecer por aqui!

– Pensando em que, Marine?

– Então, sabe meu nome?

– Por que não haveria de saber?

– Sei lá! Tanta gente...

Ele sorriu, olhando-me nos olhos. Seus olhos pretos e miúdos pareciam indagar, pareciam buscar algo mais profundo que aquelas banais palavras.

Pe. Jonathan, acho tão bela a Praça! Principalmente quando estou aqui nesta colina!

– Colina... colina... menina...

– Já vi que gosta de rimar.

Ele sorriu gostosamente e não deu atenção à minha referência poética.

– Como vai de aula?

– Bem. Sabe que série estou cursando?

– Segundo Normal – respondeu-me com naturalidade.

– Como sabe, se nunca conversamos?

– Não sei como fiquei sabendo. Por que, Marine, você nunca se confessa?

– O senhor é de morte, padre! Então, o senhor dá notícia de quem vai ao Confessionário e de quem não vai?

– Por que, Marine? – Perguntou-me de cabeça erguida, em tom baixo e quase com ternura.

– Sabe, padre, às vezes tenho vontade, mas perco a coragem quando chega o momento.

– Sempre foi assim?

– Não senhor, só agora, neste azarado ano de 1968.

– Por que azarado?

– Não sei, Pe. Jonathan, mas tenho saudade do ano passado. Eu encarava a vida com mais otimismo, com mais entusiasmo...

– E por que perdeu o entusiasmo?

– Parece que as tristezas e angústias do mundo inteiro tomaram conta de mim, de repente.

– Não diga assim, você está parecendo uma velha rabugenta!

– Pode ser, mas é a realidade.

A Irmã assistente bateu palmas, reunindo a turma. Todas foram largando, aos poucos, os jogos e danças e se acercando dela.

– Está na hora, até amanhã, Pe. Jonathan.

– Até amanhã, Marine. Quinta-feira quero vê-la no Confessionário!...

– Vou tentar. Até logo, Padre!

O dia transcorreu agitado e a noite, pior ainda. Se a gente pudesse adivinhar o que a vida reserva para cada um de nós, não haveria o sabor de um momento de felicidade, nem a glória da purificação pelo sofrimento... O mundo foi planejado de tal modo, que o homem, embora impotente ante a Força do Universo, ainda tem o direito de escolher, de se debater e, no final, ainda pode ser coroado pelas suas batalhas... Mais pelas batalhas que pelas vitórias... Quinze dias se passaram desde minha conversa com Pe. Jonathan, em seu Colégio.

Estava eu entrando para a sala de aula, após o recreio, quando alguém fez um leve “psiu” no corredor. Olhei e vi o Capelão, saindo da Sacristia.

- Aula de quê? – perguntou-me.
- Filosofia – respondi, quase sem notar.
- Você não foi, hein?
- Onde, Pe. Jonathan?
- Confessar-se.
- Ainda irei. Acho que não tenho pecado grave — disse-lhe em tom de brincadeira e fui entrando para a sala.
- Psiu! Que pressa!?
- Aula complicada, Padre. Não posso perdê-la. Outro dia a gente conversa.
- Certo. Então entre.

Um nome simpático já se encontrava escrito à frente das minhas colegas: “Jacques Maritain”.

- Quem é? – Perguntei à Edilene.
- Sei lá, Marine! Detesto Filosofia!
- Que mau humor! Deve ser algum filósofo, esse tal de Maritain.

De fato, a professora, logo em seguida ditou:

– Jacques Maritain é um filósofo francês, nascido em Paris em 1882. “Aluno de Bergson, opôs-se ao pensamento do professor, em nome da ortodoxia católica e da neo-escolástica.”

Nada ortodoxas, suas afirmações buscavam a cooperação de vários enfoques da realidade, incluindo-se as contribuições do inconsciente freudiano, dos arquétipos coletivos da humanidade de Jung, dos rituais da magia dos povos tecnologicamente atrasados.”

Proclamava ter o cristão um compromisso moral de solidariedade para instituir a justiça social.”

Após o ditado, a professora notou que algumas de nós

queriam fazer perguntas:

– Quem foi Jung e o que são arquétipos coletivos? – perguntou Joaninha.

– Carl Gustav Jung foi um psiquiatra e analista suíço. Foi adepto e colaborador de Freud, mas depois se separou deste.

Arquétipos (de Jung) significam as idéias como modelos eternos das coisas. Para Jung, o homem é um ser coletivo. Ele representa a sua espécie e após a morte voltará a se unir ao mundo dos arquétipos (ou idéias) onde todos se reunirão, formando uma coletividade.

– Até parece uma teoria reencarnacionista oriental, disse eu em tom baixo.

– O que você disse, Marine? – Perguntou a Irmã, sorrindo.

– Eu disse que a teoria de Jung é quase semelhante à Teoria Reencarnacionista Oriental.

– É sim. Você tem razão. Entre Jung, Platão e as teorias reencarnacionistas há certas coisas em comum...

– É interessante, Irmã, se a gente durante a vida se recorda das coisas que estão no mundo das idéias, como disse Platão, é porque a gente já existiu antes!

– Marine! – disse a professora, quase zangada – vamos ao Maritain. Todas riram.

Não prestei mais atenção ao Maritain. Aquela observação sobre Jung deixou-me tão excitada quanto a aula sobre Platão, no mês anterior.

Por que fico a me lembrar de coisas que não vivi? Isto é, não vivi aqui, depois que nasci... Meu Deus! Que complicação! Aquele castelo ou palácio tão iluminado...

A

Lua tão clara... alguém branco e repugnante tentando se impor... Novamente, em clara manhã de segunda-feira, em plena aula de Filosofia, eu massacrando a minha memória! Não! Não era justo padecer assim por algo tão estranho! Mas não dependia de mim. Era uma recordação cheia de névoa... porém, um fragmento de qualquer coisa...

Sócrates... Platão... Jung... Interessante, Maritain é católico e busca cooperação em teorias que a Igreja não aceita!...

Minha meditação foi interrompida pelo sinal, finalizando a aula de Filosofia. A aula seguinte seria de Didática.

À véspera do dia vinte e quatro de maio, desci para a Capela, a fim de me confessar. Várias colegas já se encontravam lá, inclusive Edilene. Esta me chamou e disse-me, baixinho, escondendo a boca com o véu.

– Marine, é a primeira vez que me confesso, em 1968. Amanhã será minha primeira comunhão deste ano.

– Por quê? Você sempre se confessou e comungou!

– Está lembrada daquela revelação que prometi lhe fazer?

– Sim! E o que é?

– Você se lembra da história que lhe contei no ano passado, sobre um vigário de minha Terra, abraçando uma moça na Casa Paroquial?

– Claro, Edilene! Tenho lembrança sim! E o que tem isso a ver com seu afastamento dos Sacramentos?

– Marine, você não entendeu ainda! O vigário da história é Pe. Jonathan! Ele é meu conterrâneo! Foi vigário lá, antes de partir para São Paulo.

O pânico invadiu-me completamente, porém tive forças

e disse, quase gaguejando, à minha amiga:

– Edilene, acho que um erro não justifica o outro. O sacerdote é um homem como todos os outros e sujeito a cair, como qualquer um de nós. O que importa, Edilene, que ele tem autorização para ser um ministro do Cristo. Pedro, o primeiro chefe da Igreja, não errou? E foi escolhida diretamente, pelo próprio Cristo! Amiga, os sacerdotes erram, porque são humanos, porém a Igreja permanecerá! E cabe a cada uma de nós, entender isso. Jogar pedras, não resolve. O que importa é que façamos a nossa parte!

– Ontem conversei com Irmã Ita, Marine, e contei-lhe tudo. Então ela aconselhou-me a vir hoje ao Confessionário. Disse-me quase tudo que você acaba de me dizer. Estou mais animada. Vou tentar, mas só Deus sabe o quanto está sendo difícil!...

– Edilene, é a primeira vez também que venho ao Confessionário, com Pe. Jonathan.

– Então você também ainda não se confessou este ano?

– Já. Com o Confessor das Irmãs.

– E por que não com Pe. Jonathan?

– Não sei, Edilene. Falta-me coragem. Pe. Jonathan exerce uma força estranha sobre mim, não sei explicar...

– Ih! Credo, Marine! Disse minha amiga, fazendo o sinal da Cruz.

Após a última menina que saiu do Confessionário, Edilene foi. Demorou uns dez minutos. Quando saiu, eu fui.

Ajoelhei-me e fiz o sinal da Cruz. O sacerdote puxou a cortina um pouco e disse-me:

– Finalmente você resolveu, hein!?

Fiquei assustada, sentindo um suor nas mãos.

– Por que você comunga, de vez em quando, depois pára por uns dias, e em seguida recomeça?

– Sabe, Padre, às vezes perco a Fé. Acho tudo banal e ridículo. Então, para que comungar?

– E por que você acha banal e ridículo?

– Acredito em Cristo, porém a Igreja...

– A Igreja?...

– Sim, Padre. A Igreja não dá conta de explicar o que ela prega!

Pe. Jonathan deu uma risada.

– Como você é engraçada, Marine!

Fiquei um pouco ofendida e quase arrependida de ter ido.

– Você deve estar se referindo aos “dogmas”, não é, Marine? É aí que está o essencial, o valor da nossa Fé. Não seja como São Tomé, menina! “Bem-aventurados os que não viram e creram!”

– Acontece que não depende de mim. Acho que todo mundo passa por crises de falta de Fé...

– Passa sim, Marine, principalmente na juventude, que é tempo de procura, de busca de auto-afirmação. Não se esmoreça por isso, sim?

– Sim, Padre. É só.

– Vai bem nos estudos?

– Vou, Graças a Deus! Gosto muito de estudar.

– E tem namorado?

Senti um calafrio. Nem eu mesma sabia se tinha namorado ou não, pois em nosso segundo encontro, Marcinho não me desiludira, dizendo que ia se casar com outra? Minha esperança não havia morrido ainda.

Gostava dele desde criança. Ele se casara e ficara vim quase em seguida. Agora que eu o havia encontrado, tinha outra!

Sacudi meus negros pensamentos e respondi:

– Gosto de um rapaz, mas ele tem outra namorada.

– Arranje outro. Não pode é ficar sofrendo por alguém que não gosta de você.

– Também, aqui no internato, mesmo que a gente tenha namorado, é como se não tivesse. Moro longe e o que me preocupa é só minha família.

– Onde você mora?

– Em J. S.

– E por que não estuda lá?

– Não há mais internato, em J. S. – disse eu, tentando afastar até do meu próprio pensamento a idéia da pobreza e o fato de estar ali como bolsista.

– Marine, hoje estou contente porque você veio. Venha sempre ao Confessionário. É na paz do Confessionário que Cristo nos perdoa e através do sacerdote é que recebemos conselhos úteis à nossa vida. Pode ir e não fique preocupada com o problema da fé.

Saí e fui rezar, ajoelhando-me no banco do fundo mesmo. A Capela estava completamente vazia. No altar, os lírios que sempre me encantavam... Nas paredes, o mesmo Sol da tarde, passando colorido pelos vidros... Lembrei-me da história que Edilene me contara, pouco antes; das palavras que eu disse a ela e das palavras que Pe. Jonathan acabara de me dizer.

– Os homens deveriam se unir – pensei – e cada qual se ajudar mutuamente. Para que atirar pedras? Por que não

pode um sacerdote errar? E, por outro lado, por que o sacerdote não se casa? Seria melhor. O coração do homem foi feito para amar e o sacerdote é um homem como todos, com um coração a pulsar no peito.

À saída, Pe. Jonathan me esperava em um pequeno corredor, ao fundo da capela. Seus olhos miúdos brilhavam tanto! Aqueles cabelos crespos que inflamavam o preconceito das pessoas de “classe” já estavam bem brancos. Seu semblante, apesar de alegre, mostrava a todos, que o sofrimento por ali passara.

A minha pobreza, se por um lado trazia-me certa revolta, por outro, era e sempre foi um fator positivo em minha vida. Através das amarguras da pobreza que a vida me presenteou, foi que aprendi a ser amiga de uma epiléptica (quando todas corriam da mesma, desprezando-a pelos seus ataques convulsivos), de uma surda que escondia sua riqueza material através da humildade, e de um sacerdote escuro, de cabelos crespos, cuja família mendigava nas ruas de sua Terra Natal...

O dinheiro que facilita a vida das pessoas, não permite que estas descubram, atrás de uma ruga na face, um coração apunhalado pelo sofrimento e um estômago massacrado pela fome...

A dor que cada ser humano carrega diz respeito a cada um de nós e isto aprendi desde meus tenros anos, embora, muitas vezes, meu orgulho de menina dotada de uma inteligência superior, fizesse com que meu peito se inchasse majestoso achando que era eu a dona do mundo.

A revelação de Edilene voltou-me à mente, quando contemplei Padre Jonathan. Pobre Padre Jonathan! Ser censurado por uma granfininha vazia e preconceituosa!

– O senhor vai celebrar Missa de Nossa Senhora, amanhã? – perguntei-lhe tirando o véu.

– Vou. E você vai comungar?

– Claro que vou!

A Missa do dia vinte e quatro de maio era celebra todos os anos, diante de enorme e branca imagem de Nossa Senhora, que ficava no pátio principal.

– Vai jantar aqui, Padre?

– Acho que sim – disse sorrindo e saindo do pequeno corredor.

Fomos andando, passando pelo meio do pátio principal. Este parecia um deserto silencioso, sob a tarde rósea e misteriosa.

– Então, o senhor estava morando em São Paulo, antes?

– Fiquei lá durante muitos anos. Deixei muitos amigos e uma Paróquia à qual me apeguei demais.

– E por que veio?

– Voto de obediência, Marine. Sou um Religioso. Não posso me esquecer... – Disse, quase de si para si.

– E por que foi para uma Paróquia?

– Precisava de um Vigário...

– E pode um Padre de Congregação morar em uma Paróquia independente?

– Pode.

– O senhor gosta mais de viver no Colégio ou na Paróquia, por conta própria?

– Na paróquia há mais o que se fazer. Menos tempo para os pensamentos ociosos...

– Tem razão. Esta vida de Colégio até inspira muitos romances. Um dia quero escrever um livro, Pe. Jonathan.

Um livro, acredita?

Havíamos chegado perto do refeitório das internas. Ele sorriu, olhando-me profundamente e disse:

– Coloque em seu livro uma frase sobre o “Padre”...

O dia de Nossa Senhora amanheceu bonito, alegre e cheio de atividades, para nós. A Missa seria às dezesseis e trinta, trios celebrantes, coral e muita gente da cidade de NP. Logo depois da Missa, haveria a tradicional coroação de Nossa Senhora.

Muitas alunas internas e irmãs, após o almoço, foram para o pátio a fim de preparar o altar sobre o palanque e decorar os mesmos.

Às dezesseis e quinze, de uniforme de gala, véu e sapatos novos, tomamos nossos lugares, à frente do povo que lotava o grande pátio.

O céu estava bonito, anunciando, porém um grande frio.

De vez em quando, alguma de nós contava uma piada engraçada provocando risos baixos que obrigavam Irmã Ita a sair de seu lugar e se plantar perto de nós, com olhar severo.

Atrás do palanque, os sacerdotes conversavam baixinho, com exceção do Pe. Jonathan, que sempre falava alto.

Exatamente às dezesseis e trinta, ao som de *Il Silenzio*, Irmã Fernanda, nossa professora de Filosofia, subindo ao púlpito, leu:

– “Depois, apareceu no céu um grande sinal: Uma mulher vestida de sol e lua debaixo de seus pés, e uma coroa de doze estrelas sobre a sua cabeça...”

Os cinco padres subiram ao palanque e se acercaram do altar. Usavam belos paramentos brancos, ricamente

ornamentados. O que, realmente, sempre me causou admiração dentro de uma Igreja, depois do perfume dos lírios, foi essa beleza pura dos paramentos. No Colégio, então, eles eram bem mais bonitos e tão bem conservados...

As solenidades terminaram bem depois do prazo previsto pelos nossos estômagos. Estávamos com fome e cansadas e ainda fomos ao dormitório para tirar o uniforme de gala antes de jantarmos.

Nosso recreio foi maior e nos recolhemos mais cedo para o repouso noturno.

A noite já ia avançada, quando consegui, finalmente, adormecer.

Depois de um jantar festivo na Escola Normal, os cinco sacerdotes subiram para o Colégio masculino.

A noite, para Pe. Jonathan, transcorreu agitada. Virando-se de um lado para outro, no leito, ele pensava e não conseguia ainda entender, até aquele momento, porque fora parar ali no Colégio, em NP.

Deixar sua extensa e querida paróquia em MR fora terrível. Que utilidade teria ele, ali, fechado, sendo apenas capelão das freiras e daquelas internas preconceituosas? Suas coisas, suas afeições, seu apostolado... seu mundo, enfim... estavam na Paróquia de MR. Por que Deus agira assim? Seu coração, seu modo de pensar ... ele, Pe. Jonathan, não fora feito para coisas limitadas, restritas.

O que ele realizava na enorme Paróquia de MR era um verdadeiro apostolado em massa. Lá, ele era aceito, ouvido e admirado. Estava sempre entre todos. Erguia o bêbado caído na calçada; oferecia-lhe o braço e um café amargo. Pegava o bebê para a mãe que vinha das compras, cheia

de sacolas. Sentava-se entre as bacias das lavadeiras, conversando humilde e alegremente com elas. Não fazia distinção entre ricos e pobres; atuava nas favelas e nas zonas de meretrício, onde a miséria material e a miséria moral são dois tumores asquerosos envergonhando e nauseando a camada social considerada digna e perfeita.

Humildemente, Pe. Jonathan aceitara a sua transferência para o Colégio de sua Congregação, em NP. Mas, agora, parecia que as coisas iam se concentrando dentro de si e ele não conseguia entender por que Deus quis tirá-lo de MR, em pleno apostolado, e colocá-lo ali, quase ocioso, naquele Colégio.

O sacerdote virava-se no leito, afastando com as costas da mão uma lágrima que tentava sair. Não estava contra a Santa Vontade de Deus, queria, porém, uma explicação, que convencesse, sobre aquela brusca mudança.

Pe. Jonathan não sabia, todavia, que ele e muitas pessoas, ali congregadas, naquele ano de 1968, estavam cumprindo uma lei natural, quanto obscura ainda... Daquele ano, que ele achava ocioso, dependeria muita coisa futura... Um passo na grande escalada para a evolução espiritual.

Deus cria coincidências para que o homem possa aproveitá-las como degraus de elevação...

Possuía eu um caderninho simples, que anotava, de vez quando, minhas coisas íntimas. Com as bruscas alterações que estavam se processando em mim, passei a escrever com mais frequência, fazendo desenhos significativos e colocando textos de autores que me causavam certa impressão.

Em fins de maio, em uma tarde em que fomos rezar o Terço no quintal, deixei o caderno na pequena estante de guardar véu e livros de orações. A estante era dividida em gavetinhas, cada qual com o número da interna que a usava. Meu número era o sete. Como não fomos mais à entrada da Capela, onde ficava a estante, acabei por esquecer o caderno lá.

No dia seguinte, ao retirar o véu da gaveta, antes da Missa, não o encontrei.

Senti uma pontada no peito e um suor frio nas mãos. As anotações não me comprometiam perante o Regulamento do Colégio, nem perante as Irmãs. Nada havia de imoral ou absurdo, mas eram coisas tão íntimas, tão pessoais, que achei uma profanação o ato de alguém tomar conhecimento delas.

Fiquei muito preocupada durante a Missa e depois desta, procurei Irmã Alice, pois ela trabalhava na Sacristia e talvez desse notícia do mesmo. Nada. Perguntei às colegas mais íntimas, ninguém sabia...

No intervalo da aula de Português, Edilene veio para minha carteira e perguntou-me pelo caderno. Disse-lhe que não o havia ainda encontrado e que estava muito preocupada.

– Marine, deve ter sido alguma Irmã – disse Edilene, pensativa.

– Nada há de grave nele, mas é horrível pensar que alguém esteja sabendo o que se passa dentro de mim. São minhas impressões, meu modo de pensar, minhas dores e minhas dúvidas...

– É... Também, onde você estava com a cabeça, que

deixou o caderno lá?

Durante o dia, mal consegui fazer meus trabalhos escritos e, na Biblioteca, fiquei aérea, tendo dificuldades até para localizar um livro.

O Terço seria rezado na Capela; fui uma das primeiras a chegar no armário de véus e meu susto não passou despercebido, quando, sobre o Missal, encontrei o tal caderno. Um suspiro de alívio foi interrompido por uma tirinha de papel que estava dentro do caderno. Alguma coisa estava escrita, mas não li. Enrolei o caderno, formando um canudo e entrei para a Capela. Os minutos pareciam eternos, contudo, o meu receio era maior que a curiosidade.

Só fui folhear o caderno e ler o papelzinho, à hora do recreio. Encontrei várias observações feitas a lápis, nas páginas do caderno, e o papelzinho, que era minúsculo, dizia o seguinte: “Marine, preciso conversar com você. No confessionário, sim? Pe. Jonathan”.

Notando meu aborrecimento e até minha atitude de cólera, Edilene aproximou-se:

– Então, Marine, aconteceu alguma coisa?

– Não! – disse quase gritando.

– E você já sabe quem pegou o caderno?

– Não. Não deu para descobrir. Com licença, Edilene, vou guardá-lo no Estudo. Já volto.

Quando voltei, Edilene estava encostada ao corrimão da escadaria que conduzia ao pátio.

– Mais calma, agora?

– Sim. – Respondi.

– Marine, estou comungando diariamente. Você tem visto?

– Tenho. Edilene, gostaria que você me contasse mais sobre Pe. Jonathan. Como é a sua família... etc.

– Ele é de família muito pobre... A mãe é lavadeira, não tem pai e a única irmã que ele possuía era lenhadeira. Costumam pedir esmolas, lá em minha terra... E também, um irmão chamado Fernando.

– Ele é menosprezado, então, por dois motivos: cor e pela pobreza...

– Também acho que você deve ter notado que ele não liga...

– As pessoas espiritualmente grandes passam por cima das ofensas, Edilene, porém, bem no fundo, elas sentem, sim.

Só fui analisar bem as anotações feitas pelo Pe. Jonathan, em meu caderno, no Estudo.

Havia um trecho do meu Diário que dizia o seguinte:

“O mais importante é aderir a Cristo e praticar Caridade. A Igreja complica as coisas”.

Pe. Jonathan escreveu ao lado:

“Bonita a primeira parte, mas não persiga a Igreja!”

Mais adiante coloquei:

“Hoje fui ao Confessionário. Fiquei tremendo. Não sei porque, mas Pe. Jonathan exerce uma força estranha sobre mim. Gosto dele. É um sacerdote humilde e bom, mas não sei explicar... prefiro não me aproximar dele...”.

Pe. Jonathan escreveu ao lado:

“Quero uma explicação.”

As últimas anotações eram as seguintes:

“Sou líder do grupo que vai apresentar o trabalho sobre Eurico, o Presbítero, de Alexandre Herculano. Será o maior debate do Colégio! Iremos contra o celibato sacerdotal. Mostraremos as desvantagens do mesmo, criticando a

Igreja, que o criou.

“Alexandre Herculano, em sua introdução, diz: ‘Eu, de minha parte, fraco argumentador, só tenho pensado no celibato à luz do sentimento e sob a influência da impressão singular que desde verdes anos fez em mim a idéia da irremediável solidão da alma a que a Igreja condenou os seus ministros, espécie de amputação espiritual, em que para o sacerdote morre a esperança de completar a sua existência na Terra. Suponde todos os contentamentos, todas as consolações que as imagens celestiais e a crença viva podem gerar, e achareis que estas não suprem o triste vácuo da soledade do coração. Dai às paixões todo o ardor que puderdes, aos prazeres mil vezes mais intensidade, aos sentimentos a máxima energia e convertei o mundo em paraíso, mas tirai dele a mulher, e o mundo será um ermo melancólico, os deleites serão apenas o prelúdio do tédio’.

“Será a apoteose! Nosso grupo sairá do livro e fará uma análise do sacerdócio, através dos tempos! O essencial na humana é o espírito, sim, mas Deus deu a esse um corpo carnal. Por que condenar o amor humano e o sexo? Deus, ajuda-me! Nosso trabalho precisa ser fantástico!”.

Pe. Jonathan escreveu ao lado:

“Cuidado, Marine, nem todas as mentalidades estão suficientemente maduras para o que você pretende expor!”.

Guardei o caderno e deitei a cabeça sobre a carteira. Não conseguia sequer saber o que teria para o dia seguinte... Talvez Didática e Filosofia... Tudo girava na minha cabeça, Pe. Jonathan jamais poderia saber meu modo de pensar...

meus sentimentos... minhas atividades... Falar com ele, agora, seria terrível, amedrontador! Meu mundo estava desabando e mais rápido do que se poderia imaginar. Pe. Jonathan, dono dos meus segredos! Era o maior absurdo!

Não dormi durante a noite e não comunguei no dia seguinte.

À tarde fui ao Confessionário. Já estava me sentindo dominada. Sentia-me nas mãos do Pe. Jonathan e isto causava um grande terror.

– Padre! Pelo amor de Deus, como foi que o senhor descobriu meu número e meu caderno na estante? O senhor não tinha o direito... Por favor, não me leve a mal, não quero que fique ofendido... O caderno é íntimo Pe. Jonathan! São minhas coisas interiores, não são pecados, mas são coisas minhas!

– Marine, que agitação! Fique tranqüila, por favor! Vi quando você colocou o caderno ali; ele caiu; fui pegá-lo para guardar; ele estava aberto. Comecei a ler algumas palavras e acabei ficando com ele, pois vi-me na obrigação de conversar com você.

– O senhor acha muito grave o que escrevi?

– Olha, acho suas idéias muito avançadas, mas, confesso que concordo com você. Penso assim também.

– Como?! O senhor escreveu para não perseguir a Igreja!...

– Estou me referindo ao trabalho que vocês vão apresentar sobre o livro de Alexandre Herculano.

– Acha que devo?

– Precisa ter cuidado. É um assunto muito delicado e vocês poderão escandalizar muita gente.

- Vamos agitar a Escola Normal!
- Por que você acha que o Padre deve se casar?
- Por dois motivos: primeiro, porque o apostolado não impede que o sacerdote tenha sua família. Segundo, o Padre é humano e, como todos, com um coração para amar e ser amado. Por que sofrer e, o pior, muitas vezes, fazer aquilo que não lhe é permitido, causando escândalos?
- Você acha escandaloso um padre gostar de alguém?
- Não, senhor, não acho escandaloso, mas a Igreja não permite.
- Por que você escreveu que exerço uma força estranha sobre você? Tem medo de mim, por acaso?
- Não, senhor. Não se trata de medo, mas também não sei explicar... Vou sair, Padre. Estou sentindo o Confessionário profanado.
- Absolutamente! Você está passando por uma série de dificuldades e estou aqui para ajudá-la. Marine, os sofrimentos, as dúvidas e os dilemas foram feitos para nós. Precisamos ser corajosos. Quero ajudá-la, creia.
- É apenas um trabalho literário que está me empolgando, nada mais.
- Procure manifestar sua opinião, mas cuidado, não fique exaltada. As pessoas não analisam para julgar...
- Sim, Padre. Farei o possível.
- Posso lhe pedir um favor? Mostre-me o seu Diário, de vez em quando.
- Não vou escrever mais.
- Vai sim. E eu quero ver.
- Por que, Pe. Jonathan?
- A vida, minha filha, não é esse amontoado de coisas

que as pessoas pretendem que ela seja. A vida é algo muito natural. Somos nós que complicamos tudo.

Saí muito atordoada, e fui para o pátio, onde estavam as outras internas. O jantar estava um pouco atrasado e ficamos conversando perto do refeitório.

– O que está acontecendo? Perguntou Edilene, em tom baixo.

– Nada! Por quê?

– Você está pálida!

– Tomei uns remédios esquisitos, hoje...

– Que remédios?

– Ah! Edilene, não sei! E fui saindo.

– Jantamos mais tarde e o recreio durou menos tempo.

Dois dias depois, em uma tarde tranqüila e fria, estava eu fazendo um plano de aula, na sala de Prática, quando um vulto fez “psiu”, do lado de fora da janela. Levantei a cabeça e deparei-me com Pe. Jonathan encostado à janela.

– Como vai o trabalho de Português?

– Vai bem. O grande dia está chegando. Estamos apenas esperando a turma do Camilo Castelo Branco terminar apresentação do Amor de Perdição.

– Gostaria de assistir – disse sorrindo.

– Está convidado.

– Não, Marine, não fica bem.

Levantei-me e fui para a janela. Pe. Jonathan seduzia-me pela sua simplicidade e grandeza. A grandeza que vem do espírito. O espírito purificado pelos maus-tratos sofridos pela carne...

– Marine, sou uma espécie de Eurico...

– Eurico, Padre! Por quê? – falei alto.

- Psiu! Fale baixo.
- O humilde presbítero de Cartéia... O senhor se identifica com ele?
- Marine, tudo é tão triste... A gente acaba ficando isolado... Você inspira confiança, não vai me interpretar mal...
- Claro, Pe. Jonathan... Agora, tenho um motivo mais concreto para o meu debate... Conheço alguém que sofre na própria pele a tal “amputação espiritual...”
- Posso confiar em você?
- Fico feliz, Padre, mesmo que eu não lhe possa ser útil. Também preciso muito de alguém...
- Conte comigo. Vamos ser amigos.
- Obrigada, Pe. Jonathan.
- Pe. Jonathan, não. Eurico!
- Eurico é um nome feio, Padre. Então, para lembrar o personagem de Alexandre Herculano, o senhor ficará sendo “Alexandre”.
- Pe. Jonathan riu muito e depois disse em tom triste:
- Alexandre...
- Fora, caminhões voltavam, trazendo dos cafezais e dos canaviais aquela gente sofrida tiritando de frio.
- Olhei na direção da rua e repeti para Pe. Jonathan uma das muitas ironias de Alexandre Herculano:
- “Sem dúvida, o homem é forte e a mais excelente obra da criação. Glória ao rei da natureza que tiritando geme!”
- Muita gente sofre nesta cidade, Marine. Os que mais trabalham menos recebem.
- Há um contraste muito grande aqui em NP – disse eu – , só ricos e só pobres. Não há meio termo.

– Você não calcula a miséria que há no Morro... Aos domingos celebro lá e seria tão bom se você pudesse ir comigo, de vez em quando, para fazermos um trabalho juntos, tentando melhorar a vida daqueles irmãos.

A realidade era outra. A nossa vida era tão fechada, egoisticamente vivida. Não tínhamos notícia das coisas que aconteciam no mundo, no Brasil e, nem mesmo, ao nosso redor... Não sabíamos das dificuldades do mundo lá fora e, na prática, não estávamos sendo preparadas para enfrentar o mundo, a vida com seus problemas... Nós éramos tão dependentes e indecisas, tão submissas e ingênuas... Tudo era demasiadamente fácil e bonito... Hoje acredito que minhas colegas também enfrentam dificuldades, quando as circunstâncias exigem uma escolha, uma opção...

Despedi-me e entrei, fechando as janelas da sala de Prática.

Durante a noite inteira pensei no trabalho de Português e no que Pe. Jonathan me dissera, à tarde. Pensei na triste realidade daquele povo que voltava dos canaviais e dos cafezais; na triste realidade de alguém que gostaria de ser Alguém Importante, mas cuja situação econômica nem existia... Contaria eu a Pe. Jonathan, isto é, a “Alexandre”, sobre minha vida?

A madrugada fria chegou. Aquela realidade ali presente foi se afastando aos poucos. A imagem do Pe. Jonathan desaparecendo do presente e meu corpo, ao mesmo tempo, começou a me parecer grande, horripelantemente estranho e a respiração difícil. De repente, quase que alguém se me revelou, sinistramente branco e incompreensível,

parecendo anormal... Imagens incompletas, que mal apareciam na mente, desapareciam, deixando um vácuo angustiante... Eram momentos de angústias que eu não revelava a ninguém, pois nem sabia mesmo como me expressar, para explicar o fenômeno.

À tarde do dia seguinte, Pe. Jonathan estava na Escola Normal. Pediu-me rapidamente, no corredor, que eu escrevesse no meu Diário as últimas impressões que me passavam pela alma. Mal sabia ele que meu caderno estava cheio de anotações. E quanto mais eu escrevia, mais sofria e mais sentia necessidade de escrever.

À noite, no estudo, escrevi em um pedaço de papel:

“Alexandre. Tenho enfrentado muitas batalhas interiores. Não sei explicar o que se passa comigo. Por que Deus faz assim com a gente? Reze por mim, no Altar. Marine”.

No dia seguinte, coloquei o bilhete em suas próprias mãos, na entrada da Capela.

Os dias foram se passando tão lentamente, quanto à minha intensa angústia interior. As noites eram longas e terríveis, quase todas passadas em claro, procurando um porquê da realidade de existir, de sofrer, de buscar...

O grande dia, finalmente, estava prestes a chegar! Na véspera, Irmã Antônia procurou saber a razão da enorme agitação que envolvia o segundo Ano Normal. Alguém respondeu-lhe que o dia seguinte “seria animadíssimo, pois o grupo de Marine apresentaria o trabalho sobre Eurico, o Presbítero. Disse que seria um dia “quente”, pois “a turma de Marine vai fazer uma abordagem sobre o celibato sac-

erdotal, manifestando-se contra o mesmo.

Irmã Antônia, indignada, procurou-me e suspendeu apresentação do nosso grupo, até que eu mudasse meu modo de pensar.

– Irmã Antônia – disse eu – não é debate? O meu grupo apresentará o seu ponto de vista e a senhora e a outra turma certamente irão contra. É o interessante, Irmã! Duas turmas discutindo sobre o celibato sacerdotal, cada qual manifestando o próprio ponto de vista!

– Não, Marine! Ou você apresenta o trabalho sem manifestar seu modo absurdo de pensar, ou cancelarei a apresentação do seu grupo.

– Certo, Irmã Antônia, vou pensar bem. Depois, lhe darei uma resposta.

Irmã Antônia sorriu. Sei que, no fundo mesmo, ela admirava meu temperamento forte, minha vontade de vencer e minha franqueza. Eu gostava de suas frases profundas, de seu modo carinhoso de corrigir, principalmente a mim; de sua rigorosa religiosidade. Sempre fomos muito amigas.

À tarde, contei ao Pe. Jonathan o ocorrido.

– Eu não disse? Aqui, na Escola Normal, elas não estão preparadas para uma apresentação do tipo que você deseja, minha filha.

– Veja, Padre...

– Diga, Alexandre.

– Veja, Alexandre, o grupo daria seu parecer. Em seguida a turma e a professora se manifestariam contra, usando seus argumentos.

– Quer um conselho? Apresente, dando ênfase à forma

literária, ao estilo, ao conteúdo, à linguagem poética do autor, etc. e deixe essa história de celibato sacerdotal de lado.

– Não vai ser fácil... Acho até que vou ficar calada.

– Depois quero saber como foi, sim? Marine, não pare de comungar. Não há motivo para você se afastar da Sagrada Eucaristia. Estou lhe dizendo como sacerdote e amigo.

Durante o recreio da noite, procurei a Irmã Antônia e disse-lhe que estava disposta a apresentar meu trabalho, oía seguinte, omitindo meu modo de pensar.

– Você precisa se convencer, Marine, de seu erro – disse-me Irmã Antônia. Você está completamente enganada. O valor maior do sacerdócio e da Vida Religiosa está nesta renúncia dos amores e dos prazeres humanos, que são puros também, querida, que são belos e abençoados por Deus, mas que nós renunciamos, por um Amor maior e mais abrangente...

Olhei-a, simulando estar convencida e acrescentei, humildemente:

– Quero um tempo, antes da aula, para avisar às colegas do grupo sobre a alteração que houve.

– Valeu, Marine! É através das nossas experiências, mesmo as frustradas, que vamos galgando a enorme escada da nossa vida. O importante não é acertarmos sempre, mas sim, reconhecermos que erramos e que estamos prontas para um novo recomeçar sempre.

Saí andando depressa, no meio das internas e fui me acomodar ao pé de uma palmeirinha, no pátio de dentro. Ali sentada, podia pensar melhor nas coisas absurdas que estavam se sucedendo. Eu me assemelhava a alguma coisa

esquisita, fora do mundo; as pessoas e as coisas ao meu redor pareciam estranhas e distantes. A última chance, naquele semestre, de demonstrar minha capacidade de expor e defender um assunto, fracassara.

Pe. Jonathan, à noite, foi até a Biblioteca de seu Colégio e procurou pelas estantes, Eurico, o Presbítero. Ele, Pe. Jonathan e somente ele, sentia necessidade de estar a par dos problemas de Marine. E seu maior problema, no momento, era a apresentação daquela obra, cujo autor a empolgara, abordando a solidão do sacerdócio.

Pe. Jonathan abriu o livro e saiu andando pela Biblioteca deserta. Uma página qualquer; porém, tão significativa!

“E quem te disse, presbítero, que o teu amor não era um crime? Tens razão, consciência! Quando aos pés do venerável Siseberto o gardingo Eurico jurou que abandonava o mundo, devia despir as paixões que do mundo trouxera.

A luz brilhou de afeições e esperanças a que vivia e que me povoava o coração de felicidade devia apagar-se então, como a lâmpada do templo ao amanhecer; porque eu voltava para o céu, buscando a luz do Senhor.

Mas o sol, apenas nasceu para mim, logo desapareceu no ocaso, e os que me crêem alumiado mal pensam que vivo em trevas!

As minhas paixões não podiam morrer, porque eram imensas, e o que é imenso é eterno.

E assim, nem ousou pedir a paz do sepulcro; porque para mim não haveria paz, senão no aniquilamento! Que mal te fiz eu, ó meu Deus, para não me deixares cá dentro mais que uma idéia risonha, mais que um desejo capaz de

encher o abismo da minha desventura? Que mal te fiz eu para que esse desejo, essa idéia seja a que unicamente resta ao precito que se revolve em perpétuas angústias?

Mas, para mim, como para ele, tal pensamento é vão e mentido! Eternidade, eternidade, a alma do homem está encerrada e cativa no ilimitado do teu império!”

– Marine vê tudo com os olhos da adolescência – disse para si, Padre Jonathan. As almas sensíveis não lêem indiferentes tais palavras de Alexandre Herculano. E, ainda mais, quando se trata de uma jovem. Um dia, as escolas se modificarão e os alunos poderão dizer o que pensam. Pobre Marine, quando esse dia chegar, o que será de você? O que a vida terá feito de sua alma ingênua e pura? E de mim? O que a vida terá feito de um outro Eurico solitário e triste?

Hoje, eu, Marine, tenho a certeza de uma coisa: a sucessão dos anos mais traz a sensação das perdas que dos ganhos. E, somente às almas que possuem sua seta apontada para o Alto é dado dessas tristes perdas um caminho que conduz a Deus.

A perda maior é a separação física causada pela morte. Todas as lágrimas são derramadas; todos os remorsos, lamentados; todos os momentos passados juntos, recordados com amargura; todas as saudades povoando a solidão do coração que ficou... Mas, se esse coração crê em algo além da nossa matéria bruta, tudo se tornará mais ameno, mais fácil.

A transformação sofrida pelo corpo – que muitos consideram aniquilamento – só trará benefícios ao espírito, apresentação do trabalho correu normalmente.

Minhas colegas falaram sobre o enredo, e, eu, sobre o estilo e vida do autor.

Finda a apresentação, colocamo-nos à disposição da classe e da professora, para responder às questões levantadas. Várias colegas participaram, levantando questões acerca da obra. O celibato sacerdotal, sua solidão e a Vida Religiosa da Idade Média foram abordadas, porém, não por mim.

Tudo finalizado, fomos aplaudidas e tiramos nota dez. O melhor trabalho foi o nosso, mas, para mim, faltava algo. Faltava aquela abordagem que ninguém teria coragem de fazer. E, quando alguém apareceu para fazê-la, foi energicamente ameaçado...

Eu dava graças a Deus, aliviada, por tudo haver passado. Era mais uma etapa vencida, embora eu me sentisse derrotada. As férias estavam próximas. A felicidade de poder rever os meus e estar com eles por alguns dias era grande. Ficariam de lado aqueles problemas de uma aluna interna em crise. A rotina que fazia da vida uma coisa tão monótona seria abandonada. A alegria de voltar a JS, rever suas ruas estreitas e seus templos coloniais; sua estação ferroviária e a Maria Fumaça apitando triste... A alegria de rever tudo aquilo parecia um oxigênio puro invadindo-me o peito, fazendo-me sorrir. Sorriso rápido, que se esvaiu, quando uma voz disse meu nome, do lado de fora da sala de aula. Logo em seguida, foi dado o sinal para findar a última aula e todas saíram apressadas.

Pe. Jonathan estava no corredor, perto da minha sala. Assim que saí, perguntou-me pela apresentação da Obra.

– Fiz conforme o senhor me aconselhou. Tiramos dez.

– Ótimo! Um dia tudo se transformará, Marine. As escolas serão diferentes e os alunos poderão se manifestar à vontade, sem serem bitolados.

Irmã Antônia surgiu alegre, abraçando-me forte.

– Parabéns, Marine! Apresentou um trabalho excelente, Padre, – disse ela, virando-se para o Pe. Jonathan –. Oxalá minhas alunas gostassem assim de Literatura!

– Marine vai escrever um livro – disse Pe. Jonathan – e acho até que já começou!

– Não, senhor, ainda não comecei. Tenho apenas meus poemas dispersos; mas ainda chegarei lá!

– É um pouco pessimista a nossa Marine – disse Irmã Antônia – mas escreve muito bem.

Conversamos durante uns dez minutos e tomamos, em seguida, cada qual o próprio rumo.

Os últimos dias de aula pareciam uma eternidade. Aquele frio de NP parecia invadir a alma. Eu gostava de lá, apesar da melancolia misteriosa que pairava sobre a cidade toda e, principalmente, sobre a Escola Normal, naquele ano de 1968.

As manhãs claras e as tardes róseas; aquelas palmeiras erguidas em busca do infinito; as velhas paredes; os grandes pátios com ares respeitáveis e o quintal enorme, subindo morro acima... Tudo hoje é recordação pungente, saudade torturante de coisas eternamente fixadas no grande mosaico do Cosmo, cuja transformação vai se processando favoravelmente ao nosso espírito... se soubermos colocar nas nossas ações o sabor do eterno e, principalmente, do divino... (Muitas vezes nossa parte física, essa matéria pesada, não pode entender bem tais coisas...)

As transformações, muitas vezes, machucam, mesmo que saibamos que aquela pedra preciosa encontrada no passado, em um canto qualquer, tenha se tornado, hoje, uma jóia de raro valor.

O primeiro semestre já se havia escoado para o Passado.

Almocei apressadamente e tomei o ônibus, perto da Escola Normal, às onze horas do dia vinte e nove de junho.

Eu não era a mesma do princípio do ano. A vida havia me mostrado que cada pessoa possui um enorme campo de batalha todo equipado, em potencial, dentro de si. Basta um sinal para que tudo vire guerra, vire caos, destruição, derrotas ou vitórias... Eu me sentia meio aleijada, manquitolando e sem esperanças... Cheia de pessimismo.

Foi assim que desci na Estação Rodoviária de JS e caminhei rumo à casa de minha avó. No dia seguinte fui para minha casa, logo cedo.

A minha primeira surpresa, nas férias, foi um belo cartão que recebi do Pe. Jonathan, no dia primeiro de julho. Fiquei feliz e triste, ao mesmo tempo, pois pensei que, durante as férias, eu pudesse esquecer em parte aquela angústia de querer bem ao Pe. Jonathan e sentir um peso na consciência.

O cartão saiu de NP no mesmo dia que eu. Pe. Jonathan havia escrito mais ou menos o seguinte:

“Marine, a sua ausência é terrível; a Escola Normal perdeu todo o encanto e não sei como vou passar tão longos dias. Quero que me escreva sempre, para estarmos mais próximos, mesmo nesta distância enorme. Como foi de viagem e como está de férias? Aqui choveu no dia vinte e nove à tarde. Parece que foi de propósito... Responda-me,

sim? Vou parar, aguardando longa carta sua. Abraços do Alexandre”.

Uma semana depois, quando ia levar a resposta ao Correio, recebi mais correspondência de Alexandre. Era um envelope pesado, com cartões, carta longa e muitos lamentos e notícias. Dizia ele que a Escola Normal estava vazia e triste; que a “Escola Normal sem as meninas parecia uma gaiola sem passarinho...” Escreveu sobre sua solidão e tédio; sobre as Irmãs e as Missas; sobre o vazio das férias.

Durante todo o mês de julho todo, houve contato entre nós através de cartas, que eram freqüentes. Não tive tempo para pensar em passeios, em diversões, em nada. Eu estava ali, eu mesma, com meus problemas. Nem as férias puderam resolvê-los para mim. Aquela distância serviu para fortalecer ainda mais aquela afeição existente entre um sacerdote e uma jovem insegura e carente.

Os problemas familiares não me pesaram tanto, passei quase alheia a eles. Porque os meus eram maiores. Não pensei em ir a SN para rever Marcinho. Ele estava com outra e era perda de tempo, ir procurá-lo.

Minha tia, certa tarde, foi à minha casa com o único objetivo de me aconselhar:

– Cuidado, Marine, ando muito preocupada, minha filha; não pense mais em Marcinho. Ele está com outra e vai casar com ela. Quando ele se encontrou com você, já estava com casamento marcado.

– Tia Bianca, não se preocupe comigo. Depois de amanhã partirei para NP. As férias findaram e estou novamente de partida. Quanto ao Marcinho, não precisa preocupar; não penso mais nele.

Minha tia não acreditou muito e com toda razão, nos momentos mais difíceis em NP eu jamais esquecera Marcinho. Mesmo que ele se casasse com outra, eu iria sempre pensar nele com ternura. Desde criança, ele era o dono dos meus pensamentos e uma simpatia assim tão profunda e antiga não morreria facilmente.

Pe. Jonathan foi, na minha juventude, um parêntesis com poucas palavras e muito conteúdo. Só mais tarde a explicação viria, formando uma história completa e profundamente existencial.

O último dia de julho estava mais frio que os outros. Despedi-me dos manos, de mamãe, de papai. Chorei muito e fiz tristemente o itinerário entre minha casa e de minha avó. Despedi-me das minhas tias e da avozinha e fui para a Rodoviária, só assemelhando-me a um beduíno atravessando o Saara.

O ônibus que me levaria para BH chegou atrasado e não pude, como de costume, seguir para NP, no mesmo dia. Fiquei em casa de uns parentes e, no dia seguinte, segui.

Naquela época, a estrada que ligava M a NP não era asfaltada e estava em péssimas condições. O ônibus teve problemas no barro, pois havia chovido muito. Cheguei, portanto, muito tarde a NP. Mesmo assim, segui sozinha e assustada rumo à Escola Normal. Era meia-noite e ninguém pelas ruas. As palmeiras pareciam sinistras; os cães andavam ligeiros com o focinho colado ao chão; meus passos repercutiam nos alpendres e na calçada molhada. O frio da natureza estava tão intenso quanto o de minha alma.

Tudo fechado e silencioso. Até o vetusto portão da Escola Normal, ostensivamente fechado! Distante da portaria, não havia possibilidade de comunicação. Saí andando novamente pela Praça dos Coqueirais e finalmente encontrei uma pequena farmácia que se fechava. Pedi ao proprietário que me deixasse telefonar. Imediatamente Irmã Diretora atendeu e disse-me que já estava descendo para abrir o portão.

Pedi desculpas e expliquei o ocorrido.

O frio havia me endurecido os ossos; o nariz ardia; os joelhos tremiam. Se meu pai fosse rico, eu estaria quietinha em casa, em um quarto aconchegante. Não haveria necessidade de viajar para tão longe, sozinha e desamparada.

Logo cedo, minhas amigas vieram, curiosas, procurando saber o motivo do meu atraso. Muitas pensaram que eu não fosse mais voltar para o internato.

Após a Missa, estive com Pe. Jonathan, e perto da Sacristia. Ele parecia preocupado pelo meu atraso. Também ele pensou que eu não fosse voltar mais...

– Nem acredito que você chegou, Marine! Fiquei tão preocupado. Você, na última carta, disse que chegaria dia trinta e um.

– Problemas na estrada, Padre.

– Psiu! – O “psiu” do Pe. Jonathan saía baixinho, um sopro apenas.

– Alexandre...

– Diga sempre Alexandre, sim?

– Como foi de férias? Gostei tanto das cartas!

– Mesmo? E você, o que andou aprontando? Viu o

Marcinho?

– Não fiz nada. Não fui a lugar algum. Não vi Marcinho. Teve saudades... daqui?

– Tentei não ter, mas tive.

Vivíamos das migalhas do tempo... Esse tempo que a tudo carrega, que a tudo transforma, que a todos maltrata...

Entrei em ritmo de internato, na primeira semana. Logo os trabalhos de Didática, as aulas Práticas, o amontoai de matéria que Irmã Antônia despejava sobre a turma.

Uma novidade, porém, chocou a todos nós. Principalmente a mim. Irmã Ita não era mais a responsável pelo internato. Em seu lugar assumiu Irmã Elba, nossa professora de Didática Geral, Didática da Linguagem, Didática da Matemática e Metodologia.

Irmã Elba era minha conterrânea. Filha de família ilustre, tradicional e opulenta. Transparecia em seus gesto essa “linha” que marca pessoas importantes.

No fundo, mesmo, eu nunca simpatizei com Irmã Elba e acho que também ela nunca simpatizou comigo. Semprt o choque entre o rico, que se julga grande demais, e o pobre que se sente menosprezado, ridículo e pequeno.

Em suas aulas sempre tirei nota dez. Meus trabalhos eram bem-feitos, embora eu não gostasse de Didática. Era importante, para mim, mostrar à Irmã Elba que a riqueza não é tudo. Acima e muito acima, está a inteligência.

Durante os momentos em que Irmã Elba era obrigada a assistir o internato, eu nunca me aproximava. Suas amigas eram as meninas do Terceiro Normal e mesmo as outras, cujas famílias eram ricas. Sua presença em nosso meio

marcou profundamente a passagem de Pe. Jonathan pela cidade de NP. Orgulhosa e preconceituosa, Irmã Elba não o tolerava. Unia-se à turma que falava mal dele e achava que a Diretora deveria pedir aos padres que fizessem a troca. (Novamente o choque entre o rico e o pobre.)

Irmã Elba era tão estranha que jamais se notava uma sombra sequer de piedade religiosa ou de espiritualidade em seus atos e gestos.

Quando se dirigia a alguém, parecia estar em um pedestal muito alto e um sorriso irônico invadia seu semblante. Por minha vez, eu nunca me coloquei em posição inferior.

Continuei a não participar dos jogos durante os recreios, porém, nunca fui me juntar ao grupo que preferia ficar conversando ao redor de Irmã Elba.

Às vezes, ela passava com a turma e convidava-me. Eu seguia com elas até certo ponto e quando todas se achavam distraídas, eu voltava quietinha.

Uma tarde, Irmã Elba se aproximou de mim:

– Marine, não precisa mais ir para a Biblioteca. Vou precisar de você na sala de Prática.

– Sim, senhora.

– Você pode ficar lá, no período da tarde.

– Sim, senhora. Começo amanhã?

– Amanhã.

O mês de agosto sempre pareceu muito longo, quando eu estudava. É que a saudade e aquele grande desejo de que o segundo semestre voasse faziam com que a gente ficasse tristemente contando os dias...

Certa manhã, durante as aulas, ficamos sabendo que a mãe de uma nossa colega externa havia falecido. O fu-

neral seria às dezesseis e trinta e nós iríamos.

Pobre Reni! Tão meiga, tão humilde e tão amiga.

Quem nos deu a notícia foi Irmã Antônia. Em seguida, fez um breve comentário sobre o sofrimento das pessoas que estão à nossa volta. Fazendo uso de seu belo e rico vocabulário, Irmã Antônia discorreu sobre a ausência dos que morrem e o sofrimento dos que ficam; sobre as promessas do Salvador e sobre a Ressurreição. Até choramos, pensando na pobre Reni.

A tarde estava tristonha, apesar do Sol brilhante e do céu claro. Seguimos pela rua que ficava à esquerda da Escola Normal. Quase atrás desta, ao lado de um clube esportivo e de luxuosas moradias, ficava a residência de Reni. Era um porão frio, desajeitado e miserável. Meu espanto foi grande, pois pensava que somente eu fosse uma pobre, digna da caridade alheia. E perceber agora que, dentro do meu segundo Normal mesmo, havia uma menina em condições inferiores à minha! Fiquei triste, Reni era tão boazinha, tão calma e tão amiga de todos!

Comecei a pensar na injustiça que cobre nosso triste Planeta, na miséria, no luxo, na arrogância.

Algumas Irmãs da Escola Normal já se encontravam à entrada, todas com seu terço preto nas mãos, rezando.

Pensei na pobreza Religiosa, que nada tinha da pobreza. Era uma vida cômoda, com tudo preparado e pronto, ao alcance das mãos.

Quando dei conta de mim, já estava ao lado da urna da mãe de Reni. Esta soluçava alto, em um canto cheio de caixotes e de vasilhas sujas. Outras pessoas choravam também e, em dado momento, uma das Irmãs começou a

rezar alto o terço, que todos foram acompanhando.

Depois, os soluços aumentaram e se tornaram mais fortes. Quatro pessoas pegaram o caixão e foram abrindo caminho entre o povo, e saindo. Nós e as Irmãs fomos para perto de Reni e de sua família.

Apesar de trazer em sua assinatura o sobrenome de uma das mais importantes famílias de NP, a mãe de Reni foi sepultada em um cemitério paupérrimo, no Morro do S. Achei estranho, mas concluí logo que o importante mesmo não é o sobrenome e, sim, aquilo que a pessoa adquiriu e possuiu de bens materiais. E a pobre família de Reni possuía misérias e sofrimentos.

O Sol já não brilhava mais, quando descemos as ruas empoeiradas do Morro. Todas comentavam decepcionadas sobre a casa de Reni. Ninguém sabia que, entre tantas externas riquíssimas, havia uma coitada tão pobre. Nós, apesar de cristãs e Católicas, não entendíamos e não conseguíamos aceitar, como coisa normal, a pobreza. Apesar de tantas aulas teóricas de doutrina religiosa, de tantos ensinamentos, Missas e Comunhões, o nosso Cristianismo era algo muito superficial. Não sabíamos ou não queríamos saber que os bens materiais não têm importância; que o essencial no mundo é o amor ao próximo, acompanhado de uma constante busca de aperfeiçoamento espiritual. Por isso, minhas amigas ricas se julgavam tão importantes e eu, que nada possuía, ficava até revoltada, desejando possuir bens materiais, um dia...

Comentamos sobre a morte e sobre o que nos aguarda depois dela. Nossas opiniões eram diversas. Minha amiga Goreti, apesar de ser uma grande líder, sobrinha da

Diretora e muito piedosa, disse que após a morte a gente se transforma em pó e pronto. A alma morre com o corpo – disse-nos ela. Essa palhaçada toda que realizamos aqui, cessa com a morte, minha gente!

Aquelas palavras, saídas da boca de Goreti, quase nos escandalizaram.

Marilene preferia não dizer nada, porém, achava injusto demais o fato de existir pobreza.

Célia não acreditava em céu e inferno para nos pecados comuns, ou nossas virtudes comuns (naturais). Segundo ela, só iria para o inferno quem matasse alguém. Igualmente, só iria para o Céu quem praticasse um ato heróico, uma coisa extraordinária. Fora isso, os neutros continuariam neutros, mesmo depois da morte.

Eram opiniões interessantes, partidas de meninas exemplares, de comunhões diárias e observadoras do Regulamento do Colégio.

A pobreza de Reni, entretanto, mexeu com todas nós...

Somente através dos anos é que vamos compreender que a nossa vocação para o Alto não depende de sermos donas de fortunas ou de sermos miseráveis...

As janelas do nosso dormitório davam para uma colina, onde, todos os anos, durante o mês de agosto, realizava-se a Exposição Agropecuária de NP. Era uma exposição animadíssima, com *shows* e apresentações de animais e coisas exóticas de várias partes do Brasil.

A noite, ouvíamos, até tarde, as músicas da Exposição. Os sucessos da época eram Roberto Carlos, Paulo Sérgio, Agnaldo Timóteo, Renato e seus “Blue Caps”, e outros. O que mais me tocava era a Última Canção – de Paulo Sérgio.

As internas também possuíam muitos discos e, aos sábados e domingos, podíamos ouvi-los e dançar à vontade.

Em meu bloquinho de anotações escrevi o seguinte:

“Quinze de agosto de 1968: A minha existência é uma lacuna no Universo. A cada dia eu me sinto mais vazia, mas revoltada com a injustiça, e mais revoltada... nem sei porquê.”

“Dezesseis de agosto de 1968: Irmã Antônia chamou nossa atenção no estudo, hoje. Terminei de ler o Primeiro Capítulo do Evangelho de São Marcos.”

“Dezessete de agosto de 1968: Hoje, mais que nunca, a angústia me invade. E aniversário de Alexandre, coitado!”

“Vou matar a aula de catequese. Vou sair.”

“O rio que se derrama pela várzea, nunca verá suas margens cobertas de grandes florestas – José de Alencar.”

Eram anotações simples e rápidas, porém, profundas e doridas para mim.

Essas anotações foram encontradas há poucos anos, em 1984, no fundo de uma caixa e conseguiram causar em mim os mesmos sentimentos daquela época. Só uma diferença, todavia, posso sentir: as experiências que ao longo da vida fui adquirindo mostraram-me que a juventude não é mera passagem cheia de conflitos e desajustes. Nossa luta começa no momento em que decidimos entrar em um novo corpo, para reparar nossos erros e fazer o que não fizemos antes. Assim, durante a juventude, as dúvidas, os conflitos, os laços amizade... e tudo aquilo que julgamos um peso transitório, não passa de algo relacionado com nossa vida anterior e futura.

Mais adiante:

“Dezoito de agosto de 1968: Resumo do sermão (Evangelho Êfeta) “A língua, esse grande dom de Deus, deve ser usada para louvá-lo e exaltar sua glória. Deve ser usada para as coisas boas e não para abusar da fraqueza e ausência do próximo”. “Por inveja e por meio da língua foi que o demônio afastou Adão e Eva do Paraíso de felicidade. “A caridade é paciente, é benigna, não é invejosa, tudo suporta, tudo espera.”

“Agora estou ouvindo – *Última Canção*. Tudo passará, Alexandre, e um dia riremos do que aconteceu. (Será?)”

Lembro-me como se fosse hoje. Pe. Jonathan pronuncio o sermão em tom irritado. Parecia que falava propositalmente, dirigindo-se à turma das imaturas (agora, poucas), que ficavam pelos cantos pecando por meio da língua.

Aquele dia correu calmo, de uma calma pesada: foi como se alguém houvesse despejado toda sua ira sobre a internas e as Irmãs.

A *Última Canção* – de Paulo Sérgio era tocada com frequência e causava-me grande dor. Uma dor estranha, uma saudade já, daquilo tudo que ainda era presente. Um medo de enfrentar aquilo que ainda estava por acontecer.

“Dezenove de agosto de 1968: Estou novamente na Sala de Prática. É bom e não é. Lá, eu fico olhando a construção da colina e tenho saudade...”

Anotei o seguinte do Evangelho de São Marcos, Cap. II, versículo 17: “Não têm osãos necessidade de médico e sim os que se acham mal; pois não vim chamar os justos, mas os pecadores”.

Lá no Tiro-de-Guerra os soldados tocam. Não tenho

mais saudades de JS, nem de SN.

“Vinte e um de agosto de 1968: Hoje vi Alexandre.”

“Vinte e dois de agosto de 1968: Hoje, embora bastante desorientada, consegui alguma coisa mais. O que havia pensado, decidi não fazer mais. Ainda bem que pensei antes. Vou ler um bom livro. Tenho de fazer trabalho de Filosofia e amanhã meu grupo apresentará trabalho de Religião.”

“Vinte e três de agosto de 1968: O céu hoje está muito triste. Eu, ainda mais. Não sei o que fazer da vida. Aliás, não sei o que a vida fará de mim.”

“Vinte e quatro de agosto de 1968: Comecei a ler o livro de Michel Quoist: *Poemas de Rezar*”. “Vinte e cinco de agosto de 1968: Fomos ao Colégio dos Padres. Vi Alexandre até a hora em que o ônibus saiu. Ele deu um adeus discreto e sorriu.”

Aquele vinte e cinco de agosto marcou-me profundamente. Após uns minutos de conversa com Pe. Jonathan em sua sala, cujo fundo musical era a *Última Canção*, ele saiu para passar vários dias em BH, em Retiro Espiritual.

Quando atravessávamos o grande jardim da Praça dos Coqueirais, o ônibus de Pe. Jonathan saía. Ele sorriu-me tristemente e deu adeus.

Uma chuva fria começou a cair e, numa melancolia misteriosa, o céu escureceu, apesar do relógio marcar apenas dez horas da manhã. Uma nuvem de tristeza baixou sobre mim. Comecei a compreender, naquele momento, a importância de Pe. Jonathan.

“Vinte e seis de agosto de 1968: Senhor, dai-me forças!

Tenho ódio! Ódio! Ódio!

Quando notei que o Pe. Jonathan estava tão apegado mim, quanto eu a ele, comecei a me sentir culpada, com a consciência pesada. Não havia e nunca houve nada que se pudesse condenar em nosso relacionamento. Ele me queria bem e eu a ele.

A educação que eu vinha recebendo desde quando entrei aos doze anos para o internato em JS era rígida demais, por isso, a idéia de gostar, ou melhor, de amar a um homem, era tida por mim como vergonhosa, feia e até pecaminosa.

O meu relacionamento com Pe. Jonathan era puro demais para ser encarado como pecaminoso. Aquela coisa em comum que havia entre nós, aquela necessidade de encontrar apoio e de dar apoio, aquela insegurança e, principalmente, aquela ternura que transbordava dos olhos miúdos de Alexandre era a mesma que enchia meu peito, numa ânsia infinita de doação.

O nosso relacionamento se estreitou durante as férias, quando mantivemos correspondência regularmente.

Comecei a sentir depois que era eu a única culpada se Pe. Jonathan estivesse cometendo qualquer erro e o pior, comecei a ter receio de que, um dia, Pe. Jonathan fosse para o Inferno, só por haver gostado de mim.

Chegava, às vezes, até a ter ódio de mim, de NP e de Pe. Jonathan.

Os dias primeiro, dois e três de setembro foram reservados para nosso Retiro Espiritual. Naquele ano, os Retiros não eram mais longos dias de silêncio absoluto. O sacerdote fazia uma palestra, em seguida, ditava questões

para debatermos em grupo. Após o trabalho em Grupo, havia outra reunião, em que cada responsável exporia a conclusão do trabalho realizado.

Sempre tive o hábito de fazer auto-análise. E, talvez, seja mesmo pelo fato de me analisar demais, é que encontro coisas sobrando e soffro...

Durante os dias de Retiro não vi Pe. Jonathan e tomei a resolução de me afastar dele, sempre que pudesse.

O mês de outubro trouxe-nos uma grande surpresa. Durante uma reunião feita em nosso Estudo, Irmã Diretora deu-nos a notícia de que no próximo ano o Colégio não funcionaria em regime de internato. Teríamos, portanto, de escrever para nossos pais, comunicando-lhes, para que os mesmos providenciassem outra escola para nós, em 1969.

Para mim, era até ridícula a idéia, pois era eu mesma quem teria de providenciar minha própria Escola. Acho que para os meus era indiferente se eu estudasse ou parasse; se eu voltasse para JS ou fosse para a China...

Fiquei triste, pois somente eu sabia as dificuldades que enfrentaria. Sozinha e sem apoio. Era o fim da Caridade das Irmãs. Seria o começo de outra vida para mim. Os problemas até ali enfrentados diziam respeito a coisas relacionadas a uma vida rotineira e pacata de internato. Os futuros, seriam de toda sorte de ordem. E eu precisaria de muita força, muita humildade e muita perseverança. O mundo redondo estava de boca aberta à espera da presa inocente...

A idéia de deixar Alexandre fazia-me feliz e, ao mesmo tempo, triste. Eu poderia ser mais livre estudando em um

externato. Poderia ficar perto da família e adquirir novas experiências, manter novos contatos, esquecendo-me de Alexandre. Mas, ao mesmo tempo, eu não poderia pensar em esquecê-lo. Era alguém que me apoiava, me compreendia e me queria bem. Para ele, os meus absurdos eram tão naturais! Os meus anseios, ideais, complexos e dilemas eram coisas comuns e eu, um dia, os superaria. Oh! Como Alexandre era compreensivo e humano! Cora poderia eu viver em um mundo turbulento, maldoso, longe dos olhos e dos conselhos de Alexandre? Um sacerdote assim, jamais existiria!

E como tudo no mundo, o ano de 1968 chegou ao fim. Os últimos dias foram tristes. Pe. Jonathan não continuaria em NP, mas também não sabia para onde seria mandado. Eu não sabia como enfrentar a nova vida, ao lado dos meus, em um Colégio estranho.

Aquelas palmeiras, aquela praça, aquele povo... Tudo ali ficaria eternamente no meu coração. As batalhas interiores, as dúvidas, as amigas, as Irmãs não saíam jamais das minhas lembranças.

A última noite que passei na Escola Normal trouxe-me recordações muito minuciosas de cada momento ali vivido. Lembrei-me até de Carlinhos, um jovem do Masju, que, de vez em quando mandava-me um bilhetinho delicado e lembranças carinhosas. Certa vez, Pe. Jonathan disse-me sorrindo:

– Carlinhos estava na Igreja com a namorada. Ele tem uma namorada, você sabia?

Fiquei triste. Será que até Pe. Jonathan me achava indigna de ter um namorado? Será que eu não era uma

menina como as outras? Droga de vida! Até Pe. Jonathan alegrando-se pelo meu sofrimento! Claro que eu não estava sofrendo pelo fato de Carlinhos estar com a namorada, mas sim, pelo fato de Pe. Jonathan me contar e ainda fazer um ar de contente.

Lembrei-me, também, do Secretário do Colégio Estadual de NP. Era um rapaz muito inteligente, vereador da Câmara e que fumava cachimbo. Era um tipo exótico e Pe. Jonathan sabia que eu tinha uma certa queda por ele.

Tudo passou. As músicas que Irmã Fernanda colocava à noite, ao lado do nosso dormitório... *Love me, please, love me...* As festinhas, as aulas, as frutas do Colégio, nosso mundo... Tudo passou... Algumas horas da madrugada, porém, ainda restavam para minhas recordações, minhas lágrimas e um balanço geral sobre minha vida.

Lembrei-me ainda de Edilene e seus preconceitos... A vida para ela não seria difícil, pois era muito rica... Coitada, tão cheia de dúvidas, de problemas religiosos e morais... tão cheia de “tabus”.

“A Oração de São Francisco” cantada pelo Pe. Jonathan... Aquela voz tão semelhante à de Moacyr Franco...

No dia seguinte, após a Missa, despedi-me de Pe. Jonathan. Uma coisa esquisita parou-me na garganta e as lágrimas desceram.

– Marine, não vá chorar, menina! A vida é assim. É muito triste para nós, a despedida. Sei que vamos sofrer, vamos sentir falta um do outro, mas precisamos ser fortes. Rezarei por você e sei que você também rezará por mim. Você é muito jovem e ainda será muito feliz, tenho certeza. Um

dia – quem sabe? A gente se encontra... Quem sabe, até, eu vá a JS... Agora, vá. Lembranças aos seus. Muitas felicidades, Marine. Tudo isso que estamos vivendo foi feito para nós, humanos. A beleza da vida humana consiste nesses encontros e desencontros. Um dia nos veremos... Talvez mais amadurecidos e conscientes... Vá, Marine, com Deus. Não se esqueça de mim... de tudo aqui.

Olhei para Pe. Jonathan. Meus olhos inundados... a mão segurando a boca, para conter um soluço forte. Não consegui dizer uma palavra sequer.

– Vou esperar uma carta sua, sim? – disse Alexandre, meio engasgado.

Acenei com a cabeça, prometendo-lhe escrever. E saí correndo.

– Psiu! – fez Pe. Jonathan.

Voltei-me.

– Dê-me um abraço.

Abracei-o e quando olhei para seus olhos, estavam cheios de lágrimas.

– A vida é assim, Marine.

– Vou escrever, Alexandre – consegui dizer – e saí. Já no portão de saída, olhei para trás. O velho prédio da Escola Normal parecia mais melancólico; o extenso jardim, mais velho, mais cansado... cada canteiro está mais seco... cada árvore, mais triste...

Ainda uma vez, olhei para trás. Pe. Jonathan chegou à portaria e disse-me adeus.

Aquela imagem de Alexandre usando um terno cinza seria uma sombra a me seguir pela vida... Ele ficava tão bem de terno! Cinza ou preto. De batina, porém, ficava

tristonho e se assemelhava a “Eurico...”

Segui, meio tonta, assemelhando-me a alguém que havia saído de um leito de hospital.

Eu me sentia como um carneiro prestes a ser imolado...

Segunda Parte

O silêncio sepulcral das duas horas da madrugada, apenas era cortado pela respiração difícil de minha mãe. Ali, no leito do Hospital, ela mais parecia uma moribunda. O pescoço (local da cirurgia recente) estava roxo e inchado, os pulmões insuficientes e as crises de falta de ar estavam sendo muito frequentes. Mamãe dormia um sono esquisito, às vezes calmo demais, fazendo-me pensar o pior; às vezes, agitado demais, causando-me sustos.

A cama do acompanhante estava lá, estendida, impecável. Estava desocupada porque não podíamos pagar acompanhante. E eu era acompanhante e não podia usá-la. Por isso, cochilei assentada na cadeira, contemplando a cama vazia...

Um cochilo apenas e acordei sobressaltada, com mamãe toda preta, assentada na cama, com falta de ar. Toquei imediatamente a campainha e veio a enfermeira. Logo, dois médicos, várias freiras do hospital e um enfermeiro com oxigênio.

– Você é a mais velha, filha? – perguntou-me uma das freiras.

Eu estava atordoada, contemplando o sofrimento de mamãe. Nunca presenciara, antes, coisa tão triste.

- Sim, senhora, sou a mais velha.
- Quantos vocês são?
- Somos seis. A pequena está com um ano, apenas.
- Pobrezinha! – disse a Irmã – mas, tenha coragem, filha.

Deus não abandona a seus filhos.

Neste momento percebi que a freira se referia à morte de mamãe e comecei a chorar.

Tantos anos distante dos meus! E agora que tive a oportunidade de estudar em um Colégio público, tendo, à tarde, o prazer de voltar para casa, mamãe morrendo?! Oh! cruel vida, soberana sádica! Meu Deus, quanto tem perdido, estudando longe! Minha mãezinha sofrendo pela minha ausência e agora, nós duas juntas, o destino tentando nos separar para sempre?!

Uma crise de choro tomou conta de mim, não deixando que eu percebesse que todos se retiraram, que mamãe dormia agora, com a cor normal, o oxigênio...

A freira, perto de mim, tinha um leve e triste sorriso nos lábios:

– Fique tranqüila, filha. Agora, ela está fora de perigo. Deite-se e durma.

– Não quero dormir, Irmã, e nem poderia. Fiquei aqui só para não deixar mamãe sozinha. Não podemos pagar acompanhante.

– É?! E como você ficou?

– Fiquei escondida e não sairei até que mamãe saia.

– Mas... não pode, filha. Para ficar, deve pagar!

– Pagar pelo espaço que piso? A cama, Irmã, não a estou usando nem para sentar-me. Só tomo água, mesmo assim, sem filtrar! Não, Irmã a senhora que me perdoe, mas não sairei!

– Depois a gente resolve – e a freira saiu.

Mamãe dormia tranqüila.

Cheguei-me à janela.

Um pouco abaixo do grande hospital, a Basílica; a cidade, aquele mundo de JS que, poucos meses antes, eu cultuava em saudades...

Era o início de 1969. Meus problemas de aluna interna pertenciam ao passado. Novos problemas estavam surgindo e o maior deles estava ali: mamãe entre a vida e a morte...

As estrelas da madrugada piscavam no infinito límpido. Lembrei-me de NP e de Pe. Jonathan. O que estaria ele fazendo? Claro que dormindo! Que bobagem!

Pe. Jonathan... bem que eu estava sentindo a falta de um ombro amigo, de uma palavra de consolo... de alguém para olhar-me profundamente nos olhos, adivinhando-me os pensamentos... Pe. Jonathan, doce lembrança do meu tão próximo passado!...

O relógio da Basílica anunciou as quatro horas de uma nova aurora. A solidão tomou conta de mim e tive medo...

O ano que apenas se iniciava enchia-me de pavor. Era necessário, porém, ser forte e ter fé. Um dia haveria um porto de chegada, algo melhor, mais ameno que a minha triste jornada...

Olhei para trás. Mamãe dormia ainda, tranqüilamente. Algo estranho, todavia, assustou-me. Uma pessoa saiu correndo de perto da pia e entrou debaixo da cama de mamãe; correu sem fazer ruído. Abaixei-me depressa e olhei debaixo das duas camas, porém, nada havia. A porta estava fechada; bem fechada. O vulto nem entrara e nem

saía por ela.

Mamãe abriu os olhos:

– Você também viu, Nega? – perguntou baixinho, quase sem voz.

– Uma pessoa entrando debaixo da cama? Claro que vi! Credo, mamãe! O que será?

– Reze, minha filha... Reze... – disse quase em pensamento.

Fiquei apavorada. Como mamãe pôde ver, se estava dormindo quando o vulto apareceu?

Rezei para que o dia chegasse depressa.

Marcinho e eu havíamos solidificado nosso namoro. Ele até já havia ido à minha casa. Eu estava, em matéria de amor, feliz.

Mamãe saía do Hospital, quase bem; só a voz é que não voltara ainda ao normal.

Comecei o Terceiro Normal, entre animada e temerosa. A turma era conhecida. Eram meninas que foram minhas colegas no curso primário e ginásial. Umhas três somente eu não havia conhecido antes. E, uma delas, posteriormente, tornou-se minha maior amiga. Era filha de um Comandante do Exército.

O mundo se abria para mim, cheio de matizes, de novidades. Não mais aquela rotina do internato. Não mais os mesmos problemas e as mesmas alegrias. Eram coisas novas. Nem todas agradáveis, mas, nem todas ruins, também.

Minhas notas eram excelentes, como antes. Minha turma me estimava e pedia-me ajuda, principalmente em Português.

A filha do Comandante (chamava-se Vitória) tornou-se minha grande amiga. Contava-me suas coisas, principalmente como era tratada em casa. Falava-me sobre seu namorado, suas irmãs, sobre o clube e seus fins de semana. Era um mundo atraente o seu. As vezes, eu até tinha vontade de participar dele...

Marcinho ia, uma vez por mês, à minha casa.

Pe. Jonathan escrevia-me com freqüência longas cartas, mandava cartões e postais e falava sempre sobre seu novo ambiente. Estava agora em BH e tinha um imenso campo de atividades.

A vida, para muita gente, estava difícil. Tudo muito caro. Trabalho para moças, em JS quase não havia. Ou teria de sujeitar-se a ser empregada doméstica e lavadeira ou a trabalhar nas Fábricas de Tecidos. Estas não aceitavam estudantes. Como balconista de loja, não se conseguia facilmente uma vaga. As lojas maiores já possuíam o seu pessoal antigo e não admitiam novatas. As pequenas lojas dispensavam balconistas, pois os próprios donos assumiam tudo.

Apesar de ser uma Escola Estadual, eu necessitaria de dinheiro para comprar materiais; para condução, em dias de chuva, pois a Escola ficava muito distante de minha casa. Em alguns dias da semana, nós, do Terceiro ano, éramos obrigadas a ficar em horário integral – de sete e trinta da manhã às onze e trinta e de treze horas às dezessete e trinta horas. Nesses dias, quando não havia dinheiro para lotação, eu não tinha tempo nem para almoçar, devido à enorme distância. Eu estava sentindo na própria carne as dificuldades do mundo-cá-fora.

Mamãe ainda estava quase muda e fraca. Minha irmã havia conseguido emprego em uma pequena loja, sendo muito mal-remunerada. Papai vivia de biscates, ficando em casa, às vezes, muito tempo, sem serviço. O único que dava mesmo duro era meu irmão de quinze anos, que trabalhava em uma Farmácia, no Centro. Tivera de abandonar os estudos aos treze anos para enfrentar serviços e ajudar em casa...

A vida começava a me mostrar as suas garras. Comecei a sentir a dor que vem do âmago da alma; o peso da pobreza e aquela coisa desagradável que são os palpites de parentes na vida do mais pobre.

Consegui pegar uma mala de roupas para lavar, nos momentos em que estivesse em casa. Cinco cruzeiros por mês. Pelo menos, meus cadernos eu poderia comprar.

Uma surpresa muito agradável, em uma tarde, às vésperas da Semana Santa, foi como um oásis em pleno deserto ardente: Meu irmão chegou e disse-me que alguém me havia procurado na Farmácia.

– Quem poderá ser? – perguntei.

– Um Padre moreno e sorridente. Pensou que lá fosse sua casa, Marine!

– É por causa das cartas que sempre vão para lá. Nunca dei o endereço daqui de casa. Jamais imaginei que ele pudesse aparecer...

– Apareceu, mana, e quer vê-la! Ele é formidável! Gostei, logo de cara!

Meu irmão estava eufórico. Eu, porém, fiquei pensativa. Pe. Jonathan agora ficaria sabendo que eu não era uma interna como as outras. Ele ficaria sabendo sobre minha

vida miserável, sobre minha família... sobre meu bairro humilde, de gente triste e desajustada...

A felicidade, porém, de revê-lo fez com que eu afastasse rapidamente os pensamentos amargos.

– E onde está ele? – perguntei.

– Na Faculdade, mana. E quer ver você ainda hoje.

Aprontei-me e fui à Faculdade.

Enquanto esperava, lembrei-me de NP, do momento em que me despedi de Alexandre... do passado... Tive vontade de chorar, de voltar atrás, no tempo e no espaço...

– Marine! Que saudade! – Pe. Jonathan abraçou-me forte.

Sentamo-nos.

– Pensei que você morasse sobre a Farmácia...

– Não, senhor. Nunca morei lá. Meu irmão é apenas um empregado...

– Pensei que seu irmão fosse um homem casado... e é menino!

– E empregado... –, disse eu, com amargura.

– Você está tão bonita, Marine! Vai bem no Colégio, não é?

– Sim, Padre.

– O quê?!

– Alexandre...

– Agora, mais que nunca, quero ser Alexandre... Podemos conversar mais à vontade, sem horários, sem as Freiras e o Regulamento...

– Tenho saudade, Pe. Jonathan... Gostaria que o tempo voltasse... Não me conformo... ando triste...

– Que é isso, Marine? Eu sou o culpado, não é mesmo? Vim para trazer recordações... não é mesmo? Diga, Ma-

rine, você desejaria que eu jamais aparecesse por aqui... seja sincera...

– Nada disso! Gostei tanto de poder revê-lo. Saber que alguém saiu de longe e veio até aqui por minha causa é maravilhoso! Se você não viesse, Alexandre, como nós nos encontraríamos outra vez? Para mim é tão difícil... Ando triste é porque estou achando tão estranho o Colégio... Professores esquisitos... Alunas fumando... Não fui acostumada. É a primeira vez que estudo em um Colégio assim, Padre.

– Psiu!

– Alexandre...

– Olhe, Marine, você não pode perder a cabeça. Agora é que chegou o momento de você mostrar a formação que recebeu. Sei que é difícil. Você deve estar se sentindo desajustada, mas, logo se ambientará.

Pe. Jonathan estava sentado a meu lado, usando seu terno cinza. Estava mais jovem, mais gordo, mais bonito.

– O senhor está tão bem! Foi bom ter saído de NP.

– Nunca gostei de ficar fechado em Colégio, Marine. Fui feito para uma vida livre de Paróquia, entre o povo.

– E por que não vem para cá? Esta Paróquia aqui, por exemplo, é enorme! É a melhor de JS. Bem organizada... É uma linha divisória entre um bairro paupérrimo e um outro rico. O senhor se sairia muito bem.

– Não depende de mim, infelizmente. E você gostaria que eu viesse?

– Muito! Veja, eu não saio, não participo de nada. Só vou à aula, à Missa aos domingos. Comecei a dar Catecismo lá na minha Paróquia, mas Marcinho não gostou da idéia

e eu deixei.

– Então, seu namorado não quer que você dê Catecismo? Isso é mal querida. As suas atividades, se são boas e saudáveis, ele não pode proibir. Pense, pense bem. Vocês não assumiram ainda um compromisso, para que um possa ficar assim tolhendo a liberdade do outro... E por que você abandonou o Catecismo em sua Paróquia?

– O senhor entende... gosto do Marcinho...

– Gostar não é o bastante, Marine. É preciso amar. Amar, entendeu?

Sacudi a cabeça, afirmativamente.

– Ele vem muito aqui?

– Uma vez por mês, só. E vem agora, na Sexta-Feira da Paixão.

– Quero ficar conhecendo seu namorado, sim? O senhor o conhecerá.

Conversamos muito e despedi-me prometendo voltar à tarde do dia seguinte, após as aulas.

Voltei a ver Pe. Jonathan durante todas as tardes que precederam a Semana Santa. Numa dessas tardes, Pe. Jonathan disse-me:

– Amanhã você vai me levar à sua casa, sim?

– Não, senhor! Não posso, Pe. Jonathan. Não quero que vá a minha casa!

– Psiu! Que é isso, Marine? Por quê?

– Meu pai não gosta de padres – menti, a tempo.

– Não me apresentarei como padre. Direi que sou um ex-professor, seu amigo.

– Papai não entenderia, Alexandre – continuei mentindo. Ele é muito rigoroso e não permitirá que homem algum se

aproxime de mim, agora que tenho namorado...

– Ele gosta de Marcinho?

– Gosta muito. Ele deseja que eu me case com ele. E isso era verdade. Papai sempre gostou de Marcinho. Alexandre olhou-me profundamente nos olhos, mordendo o lábio inferior.

– Então, Marine, não há outro modo, outra maneira de eu me apresentar? Ou, se eu fosse em um momento que estivesse só sua mãe?

– Não, Alexandre. Prefiro que não vá. Não fique aborrecido comigo... Acho que também mamãe não entenderia... Ela é maravilhosa, mas é muito severa também...

– Certo, Marine, já que não há outro jeito, não irei. E você, continuará a me visitar enquanto eu estiver aqui?

– Se você não ficou com raiva de mim, Alexandre... eu voltarei, amanhã.

– Assim! Gostei de ver! Diga sempre “Alexandre” e “você”. Venha amanhã, sim?

Desci a rua do Santuário maldizendo a Pobreza. Maldita vida de pobre! Se, pelo menos, meus pais possuíssem uma casa decente, eu poderia levar Alexandre lá. Droga! Aquela casa miserável! Aquele bairro feio! Aqueles vizinhos esquisitos! Oh! Deus, por que me fizeste assim? Por que há coisas sobrando p’ra uns e faltando a outros? Que injustiça! Nada eu fiz, para ser castigada assim! Não levar à minha casa meu melhor amigo, porque esta é humilde?! É demais!

Chorei pela rua.

No dia seguinte, após o estágio, que era feito pela

manhã, fui almoçar mais cedo.

– Marine, como é o Pe. Jonathan? – perguntou-me mamãe.

– Por que, Mamãe? Por que a senhora está querendo rir?

– Olhe, passou um táxi aqui, várias vezes, levando um homem bem moreno, de terno cinza, cabelos grisalhos e olhos miúdos...

– Passou, ou chegou aqui? – Gritei.

– Passou devagar, várias vezes, minha filha, e apontou para nossa casa como se houvesse descoberto...

– Droga! Aquele Padre é atrevido! Dei um murro na mesa e comecei a chorar.

– O que foi minha filha? Por que está chorando?

– Ele queria que eu o trouxesse aqui e eu não quis. Então ele veio fiscalizar! Fiscalizar, mamãe! Para conhecer a minha miséria, de perto! Ele não sabe da nossa pobreza!

Mamãe ficou tristonha.

– A senhora não tem culpa, mãe... Se há uma pessoa culpada, é aquela... aquela canalha da Tia Joana que ficou com a parte da herança do papai! Eu jamais deixarei de pensar nisso! Nós somos as vítimas e eu nem posso trazer um amigo para conhecer minha família!

– Traga, minha filha, ele é Padre e entenderá...

– Entende nada! Ele é um curioso e ousado!

Minha irritação chegou ao auge. Não almocei. Tomei banho e voltei ao Colégio. Nem sei o que se passou durante as aulas. Tive a sensação de que Pe. Jonathan estava me prejudicando. Estava invadindo a minha privacidade. Por que teria ele saído de tão longe para conhecer meu bairro, ver minha casa e, mesmo que de longe, ficar

conhecendo minha mãe? Por que, meu Deus? Pe. Jonathan estava errado!

Só quinze anos mais tarde, é que pude compreender o porquê de tudo aquilo... As coisas não acontecem simplesmente por acontecerem... Tudo tem significado... uma causa... um efeito... Um sacerdote sair de longe para vasculhar a vida de uma jovem que conhecera em um internato... Se eu soubesse, naquela época, teria levado Pe. Jonathan à minha casa e contado a ele a minha vida em detalhes...

À tarde, após as aulas, estava indecisa, sem saber se passaria pela Faculdade para ver Pe. Jonathan, ou não. A verdade é que eu estava sem coragem para encará-lo. E estava aborrecida, também. Pe. Jonathan não tinha o direito de sair andando pelo meu bairro, procurando e observando meu casebre.

Ao chegar à esquina, parei e pensei bastante. Depois subi a rua do Santuário.

Pe. Jonathan estava perto da porta do Santuário conversando com uma pessoa. Esperei até que esta saísse e, então, fui me aproximando, temerosa e triste.

- Por que você se atrasou, hoje? – Perguntou-me.
- Estava sem saber se viria, ou não...
- Psiu... Por quê?
- Não sei... tantas coisas...
- Venha aqui, Marine – chamou-me para o meio da rua – olhe, lá, sua casa! Apontou em direção à minha casa.
- O que é que o senhor está dizendo? Não é lá que moro! É um pouco para cá! Mais perto da Fábrica.
- É lá, Marine! Aquela casa meio amarela...

– Não, senhor! Não é! – disse meio trêmula.

Pe. Jonathan olhou-me com um olhar cheio de compaixão e calou-se.

Pus a mão no rosto. Parecia que estava em chamas. Tive medo de que minha pobreza me separasse de Pe. Jonathan.

Eu estava mentindo demais.

– Marine... Ele conduziu-me para a porta do Santuário. O essencial é aquilo que temos aqui dentro. Nossa alma, querida. O resto é transitório... Nem mesmo nosso corpo nos pertence... E isso é válido para pobres e ricos! Um dia, tudo será esplendor, Marine! Aí, sim, seremos felizes! Cristo! Cristo, Marine, quem foi Ele?

Pe. Jonathan passou o dedo sobre uma lágrima que descia pelo meu rosto. Em momento algum ele se referiu claramente à minha pobreza, que ele havia descoberto...

– Tenho uma novidade para você.

– Que novidade? – perguntei.

– Vou ajudar nas festividades da Semana Santa, em SN.

– Não acredito!

– Verdade, Marine! Vou amanhã para lá.

– Como foi isso? O senhor pediu e o Padre Diretor mandou?

– O Vigário de SN solicitou um sacerdote para ajudar lá. E só estava sobrando eu...

– Impossível! Que coincidência! Então, o senhor vai.

– Amanhã. Na Maria-Fumaça.

– Que maravilha! Gostaria de ir também, Pe. Jonathan.

– Então, vamos!

– Não posso. O Marcinho vem para cá.

Fomos assistir às solenidades da Paixão de Cristo,

Marcinho e eu, no Largo M. atrás da Basílica. Ali, multidão enorme se aglomerava sob o céu límpido, sedenta das palavras do Pregador. Não tanto pelo conteúdo da mensagem em si, mas pela beleza do vocabulário e pelo dom da arte da oratória... Aí sairiam os comentários sobre a voz do pregador, sua dicção e seu dom de impressionar... Infelizmente, é assim que acontece.

Durante o tempo que precedeu o início da cerimônia, Marcinho contou-me que, na Quinta-feira, antes Lavapés, em SN, estava ele ajoelhado, quase ao fundo da Igreja, quando o sacerdote que ajudaria o Vigário local tocou-lhe no ombro e perguntou-lhe:

– Você sabe ler?

– Um pouquinho – respondeu Marcinho, achando aquilo muito estranho.

Então, venha para cá, para você ler o comentário do ritual.

– Atrevido, Marine! – disse-me Marcinho. Não me conhecia e logo foi com brincadeiras!

– Ele é assim mesmo. Muito brincalhão! – disse-lhe eu.

– Não fui com a cara dele! E disse que é seu amigo! Marcinho estava contrariado.

– É, Marcinho. Ele é meu maior e único amigo. É um sacerdote maravilhoso. Humilde, caridoso e alegre!

– Cara-de-pau, que ele é! Vagabundo! Marcinho demonstrava rancor.

– O que foi que ele lhe fez, pelo amor de Deus!? Ele apenas quis brincar, perguntando se você sabia ler... Olhe, Marcinho, você me perdoe, mas Padre Jonathan não é vagabundo!

– É sim! Imagine você que ele teve a ousadia de ir à minha casa, para conhecer meus pais!... E chegou lá brincando, dizendo que o povo em SN estava comentando que ele se parece comigo! Atrevido, Marine! Imagine só! Eu me pareço com ele!

– Não me leve a mal, Marcinho, mas há uma semelhança, sim...

Marcinho ficou furioso.

– Não há necessidade de esclarecer que você é muito mais bonito – disse-lhe eu, contornando o clima desagradável que se apoderou de nós.

– Não quero que você continue com amizades com esse Padre!...

– Isso, você não vai me proibir! Sinto muito, mas nossa amizade é muito preciosa. Você deve entender que ele está tentando ser seu amigo também. Você não pode julgá-lo sem conhecer!

– Fala mal, o danado! – Disse Marcinho, zombeteiro.

– O importante é a mensagem, meu amor! Vamos parar de brigar? Deixemos Pe. Jonathan de lado e pensemos em nós. A gente quase não se vê... e, ainda assim, vamos estragar nossos momentos com discussões inúteis!?

– É verdade. Isso não importa agora.

– Marcinho, como estão aquelas moças “possessas”?

No princípio de janeiro, um fazendeiro de SN perdera três moças e um rapazinho afogados no Rio Grande.

Foram nadar os cinco irmãos: a mais velha, que era noiva, de vinte e quatro anos; uma, de uns vinte e dois, outra de dezenove, o rapazinho de quinze e a menina de oito.

Em dado momento, a pequena começou a se afogar e

os quatro maiores se atiraram para salvá-la. Conseguiram jogá-la fora d'água, porém os quatro morreram, no mesmo instante, tragados pela correnteza.

SN assistiu à maior tragédia, durante os seus quase trezentos anos de idade. Foi um golpe terrível, não só a família, como também para todos nós. As moças eram amadas por todos. Eram jovens maravilhosos e todos se revoltaram ante um fato tão brutal. Seria, aquilo, vontade de Deus?

Durante os dias que se seguiram à morte dos quatro jovens, uma família humilde, que possuía vários filhos, foi o alvo de atenção de todos. Três moças dessa família adoeceram repentinamente e começaram a falar e agir como se fossem as três jovens afogadas. Choravam e davam recados para a família, para o noivo e se contorciam como se estivessem sofrendo muito.

Médicos foram solicitados, Padre para benzer... A multidão de curiosos que entrava e saía da casa das “possessas” era quase igual à multidão que presenciou o desenrolar da busca aos corpos, no rio...

Havia gente que dizia ser falta de uma boa surra; outros diziam que elas queriam ser alvo da atenção geral e outros, ainda, acreditavam piamente que os Espíritos das jovens afogadas se apoderaram das três irmãs. (Era, sobretudo, uma ofensa à família das vítimas do Rio Grande.)

Foi tudo muito horrível. Como eu não acreditasse na possibilidade de um Espírito de alguém que morreu entrar em um corpo de outra pessoa, achei aquilo tudo muito ridículo e procurei não tomar mais conhecimento história. Só perguntei ao Marquinho por perguntar, para

afastar aquele clima desagradável que a conversa sobre Pe. Jonathan deu origem.

– Elas melhoraram – respondeu Marcinho. Tudo voltou ao normal em SN. A gente, porém, que conheceu as meninas e que gostava tanto delas, não se conforma e não acredita ainda em tão brusca perda...

A cerimônia do Descendimento da Cruz teve início e nós procuramos logo um lugar cômodo, para que não perdêssemos um só gesto e palavra do Pregador.

Sábado à tarde, Marcinho voltava para SN, sua Terra, e segunda-feira, Pe. Jonathan chegava novamente a JS.

– Como foi a Semana Santa, em SN? – Perguntei-lhe.

– Gostei, Marine. Confesso-lhe que minha ida lá teve um certo proveito para você.

– Proveito para mim, o quê?

– Olhe, Marine... Alexandre mordeu o lábio inferior e olhou-me como de costume. Posso dizer o que fiquei sabendo em SN?

– Claro! Pode dizer! Fiquei assustada.

– O Marcinho vai se casar com a cunhada dele...

Dei uma risada.

– Psiu... é verdade, Marine! Todos lá comentaram a mesma coisa.

– A família dele também? – Perguntei com ar de desafio.

– Não. A família dele, não. Só o povo na rua. Fiquei sabendo também que ele tem um “caso” com uma tal de Carla. Você a conhece... Ela mora em SN... Ele foi o primeiro no “namorado” dela...

– Entendi! Sei quem é, mas não há mais nada entre os dois.

– Você, minha filha, está sendo ingênua demais! Você

está longe, é uma menina sem experiência em matéria de namoro... Ingênua demais... Se estou contando, Marine, é porque sou seu amigo e não quero que mais tarde você sofra.

– Agradeço-lhe, Pe. Jonathan, mas acho que Marcinho gosta de mim. Sei que o pai dele quer que ele se case com a cunhada, por causa do menino... Ele, porém, não quer.

– Fiquei sabendo que o pai dele quer mesmo que case com a cunhada, mas não há pressão, Marine. O Marcinho gosta dela mesmo!

Marcinho era viúvo e tinha um filho. O menino era muito apegado à irmã da mãe, que morrera de parto. Por isso, Marcinho, e muita gente, achava que daria certo o casamento entre ele e a cunhada.

– Não sei, Padre... mas, caso eu descubra que seja mesmo verdade, a gente termina.

– É verdade, Marine! Se estou lhe dizendo, menina! E procurei saber, apenas para ajudá-la, pois sou seu amigo! E, o pior, minha filha, é esse caso com a Carla. É um caso antigo! Desde antes do primeiro casamento de Marcinho. São esses casos, Marine, que costumam destruir o lar, depois...

– Acho que esse caso não existe mais... E, depois, para ser sincera, confio nele – disse eu – encerrando o assunto.

– Tudo bem. Vamos deixar p'ra lá. Fiz a minha parte – disse Pe. Jonathan, meio tristonho. Amanhã devo viajar para BH.

– Como? Então o senhor vai embora amanhã? Fiquei triste.

– Não, Marine. Preciso ir até BH, mas voltarei amanhã mesmo.

– Amanhã mesmo?

– Sim. À tarde pode passar por aqui, que estarei de volta.

Pe. Jonathan não voltou no mesmo dia. Passei a noite preocupada, pensando que ele tivesse ido embora, de verdade, sem se despedir de mim. Fiquei arrependida de não ter acreditado nele. E se ele tivesse razão?

No dia seguinte, todavia, Pe. Jonathan estava à minha espera no jardim da Faculdade.

– Veio aqui ontem?

– E ainda me passou um susto, não é mesmo? – disse aliviada, ao vê-lo.

– Era tanta coisa, que não deu tempo de voltar, Marine. Perdoe-me.

Tive medo de que não voltasse. O que farei quando o senhor se for? A cidade ficará vazia... A tarde não mais passarei por aqui... Tudo ficará sem sentido... Às vezes, tenho vontade de abandonar tudo e segui-lo... O que será isso, Pe. Jonathan? Tenho até medo da condenação eterna... A gente não está cometendo erro algum, mas o senhor é um sacerdote... deve gostar de todos igualmente sem exclusividades...

– E se eu não fosse sacerdote? – Pe. Jonathan parecia terno.

– Se o senhor não fosse sacerdote, não me daria atenção.

– Psiu! Não diga bobagem, Marine... E Cristo também não teve predileção por um apóstolo?

Pe. Jonathan olhou-me bastante e depois tirou do bolso uma caixinha dourada e disse-me:

– Uma lembrancinha para você. Eu ia trazer um relóginho que era de minha irmã, porém achei que não

ficaria bem dar de presente algo usado e resolvi comprar este cordãozinho...

Abri a caixinha. Um perfume delicioso exalou da mesma. Dentro, em meio ao algodão, um cordãozinho com um belo crucifixo.

– Que lindo! Pe. Jonathan. Que delícia de perfume aqui dentro!

– Gostou, Marine?

– Adorei! Deus lhe pague, Alexandre. Será a recordação mais querida, durante toda minha vida!...

Meus olhos se encheram de lágrimas. Pe. Jonathan sorriu.

– Estou lendo um livro muito bom, Marine. Vou copiar alguns pensamentos interessantes para você, sim?

– Certo, mas amanhã não passarei por aqui. Haverá a inauguração da estrada que liga JS à cidade de L e nós iremos representando o Colégio. Sairemos cedo e não sei que horas voltaremos.

– Onde será a festa de inauguração?

– Não sei bem, mas acho que será perto de C no Iate Clube.

No dia seguinte, logo cedo, tomamos o ônibus especial perto do Teatro Municipal e partimos.

Durante o discurso do Dr. Mário Andreazza, então Ministro dos Transportes, uma de minhas amigas puxou-me pela blusa, dizendo que Marcinho estava à minha procura.

Saí, procurando-o, por entre povo e, minha surpresa foi enorme, quando Pe. Jonathan deu um pulo do alto de um barranco e quase caiu ajoelhado perto de mim.

– O senhor por aqui?! Só faltava essa!
– Não gostou da minha vinda? – perguntou Pe. Jonathan, entregando-me um “Sonho de Valsa”.
– Achei engraçado apenas. Aqui está tão ruim... Tantos discursos, uma amolação!
– Encontrei uma carona e vim.
O interessante é que para Pe. Jonathan tudo se tornava fácil e simples.

De regresso, quando nosso ônibus entrava na cidade, perto do Quartel, a turma toda da Escola Estadual cantava:

“Once there were greenfields,
kissed by the sun...
Once there were the valleys,
where rivers used to run...”

Começamos em inglês e terminamos em português:

“Como é triste meu *greenfields*
sem meu bem...”

Dois dias depois, Pe. Jonathan entregou-me as anotações que me havia prometido, as quais transcrevo aqui conforme original: “Para você refletir:

1) Ninguém que exista neste mundo poderá sair imune dos seus sofrimentos e provações.

2) O homem mais ‘humano’ é o que compreende sua natureza e age por ela, e sabe sofrer os ‘enguiços’ da natureza sem perder a ‘cachola’ e sem fazer guerra.

3) A soma da conta do nosso viver é o resultado,

comprimido e justo, das parcelas longas dos sacrifício’
Crescendo o número, crescerá o resultado.

Com suores, depois dos suores, o repouso será mais macio.

Quem não sofre não vive.

O mérito de uma vida não depende das vitórias e dos bons êxitos. Sim, do trabalho que coroa sempre o herói que o faz.

A vida humana é dom divino. Amar a vida é emprestar valor à oferta preciosa do Senhor de tudo. Alex”.

Em outro papel, dobrado ao meio, que Pe. Jonathan me entregara juntamente com o primeiro, estava escrito:

“Morrer é voltar à sua origem”.

E do outro lado:

“Quando se sofre, a solução é olhar para a Cruz. Alex”.

– Marine, amanhã você não precisará mais passar por aqui. Viajarei às quatorze horas para BH.

– Como?! Então o senhor partirá definitivamente amanhã? Por que não fica mais, Pe. Jonathan?

– Não posso, Marine. O dever me chama. Gostaria de poder ficar, mas não posso. Escreverei para você e quero sempre receber carta sua.

– Vou ficar triste... Será tão vazio... Amanhã, então?

– Sim, Marine, não posso mais...

Pe. Jonathan parecia triste. Fiquei um pouco mais e depois nos despedimos. Foi uma despedida tão triste como a primeira em NP. Desta vez, porém, havia mais esperança de acontecer um novo encontro.

Às dezessete e trinta do dia seguinte, quando passei pela esquina da rua do Santuário, as lágrimas desceram.

Um vazio pesado invadiu-me a alma. Um remorso subitamente apoderou-se de mim: Por que não matei a aula e fui à Rodoviária? Pe. Jonathan certamente havia esperado.

Cheguei à minha casa, vazia, sem objetivo. Sentindo na alma o sabor do nada. A ausência de Pe. Jonathan seria agora mais dolorosa para mim.

Alguns dias após a partida de Alexandre, recebi uma correspondência muito pesada... Ao abri-la, caíram várias notas de cinco cruzeiros sobre a minha cama. Fiquei horrorizada! Por que aquilo? Para que seria aquele dinheiro?

Li a carta. Pe. Jonathan, sem sequer fazer alusão à minha pobreza, escreveu-me que mandava aquele dinheiro para eu comprar o que necessitasse para meus estudos.

Fiquei indignada! Ofendida mesmo! Cheguei a detestar aquele Padre. Então, ele descobrira mesmo, tudo a meu respeito! E estava agora cheio de compaixão! Só para isto é que eu servia! Para ser objeto de compaixão!

Comecei a chorar, com a carta nas mãos.

Mamãe tentou me consolar, dizendo:

– Acho que não há motivo para você se ofender, minha filha! Ele apenas quer ajudá-la e você merece! É sinal da amizade dele.

– É um absurdo, mamãe! Ele é um Religioso! Não pode possuir dinheiro assim e, ainda enviá-lo a alguém! Se fosse um Padre secular, sim. Mas ele, não! Vou devolver esse dinheiro. Não posso aceitar!

– Não faça assim, minha filha. Ele é um sacerdote bondoso e só teve pena de você.

– Pena! – Gritei. – Só teve pena de mim! Durante a minha vida inteira serei objeto de pena, de compaixão, nada mais!

– Acho que você deve escrever e agradecer. E peça para que não faça mais assim.

– Objeto de pena, de compaixão... – resmunguei. Conteí o dinheiro. Trinta e cinco cruzeiros! Para adquirir essa quantia, eu precisaria lavar roupa durante meses... É agora, receber de um sacerdote, assim, sem mais nem menos...

Não respondi à carta de Pe. Jonathan, nem para agradecer. Coloquei o dinheiro em uma gaveta e não tive coragem de gastá-lo. Mais tarde, vários dias depois, sei que entreguei-o à mamãe e não sei ao certo, hoje, como ele foi empregado.

Como não recebesse mais cartas minhas, Pe. Jonathan resolveu mandar outra, com mais quinze cruzeiros. Uma longa carta e mais um cartão impresso com a seguinte oração:

“Oração para escolha da Vocação:

“Ó meu Deus, tu que lês no meu coração, concede-me a vontade de agradar somente a Ti, dá-me a graça de conhecer qual vocação devo abraçar e, uma vez conhecida, a siga e seguindo-a possa glorificar-te, realizar-me e merecer o prêmio eterno. Assim seja”.

No verso do cartão, Alexandre escreveu:

“Marine, em tuas preces não te esqueças de quem não te esquece. Rezemos um pelo outro. Teu sincero amigo. Pe. Jonathan – BH abril de 69”.

Respondi às cartas de Pe. Jonathan, agradecendo-lhe pelo dinheiro e pedindo-lhe, por caridade, que não mais fizesse assim; que ele estava me ofendendo. Depois, ainda

recebi várias cartas de Pe. Jonathan. A última não respondi.

As atividades escolares e também aquela vida de dúvida atroz a respeito do amor de Marcinho estavam me absorvendo demais.

Em maio, realizou-se na cidade de JS um concurso sobre um vulto feminino da Inconfidência Mineira. Entrei a pedido de minhas colegas, concorrendo com um poema. Este foi classificado em primeiro lugar e, no dia vinte e dois de maio, eu subia ao palco do Teatro Municipal, para receber meu prêmio. O prêmio prometido era um escudo de bronze, mas, o que recebi foi uma caneta Sheaffer... Ironia! A minha decepção foi grande, porém estava feliz, pois Marcinho compareceu às festividades.

Poucos dias após a entrega do prêmio, vendi minha caneta por quinze cruzeiros, para ajudar em casa. O Tenente do Exército que comprara a caneta “por compaixão”, também “por compaixão”, pediu-me que desse umas aulas de reforço ao seu filhinho, que ia mal nos estudos.

Comecei, assim, a lecionar Português para o filho do Tenente, todos os dias, das treze horas até às quinze e trinta. Antes, porém, eu dava uma passadinha pela casa de minha avó, que se encontrava acamada. Vovó era muito importante para mim, pois passei grande parte da minha infância a seu lado. Sofria, como sofria minha avó, tão inocentemente, nas mãos de minhas tias! E ela sempre meiga e calma. Acredito que esses sejam os Espíritos que passam pela última vez pelo nosso Planeta. Como há pessoas sofrendo e compreendendo tão dignamente o valor do sofrimento! Como não se rebelam e não se lamentam

aos quatro cantos!

Assim era minha avozinha. Aceitava os maus-tratos com dignidade de uma boa cristã.

Em junho, Marcinho não compareceu a JS e, em julho estive um pouquinho só, com ele, quando foi para o casamento de sua prima.

Na noite de três de agosto de 1969, minha querida avozinha despia-se do corpo, para entrar livre na Realidade Absoluta.

Chorei tanto! O mundo tornara-se sem sentido. Era a primeira vez que alguém, assim tão cara para mim, partia para a outra morada. Pobre vovó – eu pensava sempre – sofreu tanto! Seus últimos dias foram sobre o leito, naquela magreza que fazia com que a pele se ferisse ao contato da cama. Uma solidão sepulcral, pois minha tia não permitia que as pessoas se aproximassem dela. Eu, porém, chegava, entrava casa adentro e sentava-me a seu lado, para batermos um papo.

– Ela está dormindo, Marine! – gritava minha tia.

– Não, senhora, não está. Nós estamos conversando.

– Como vão as aulas com o menino do Tenente? – perguntava vovó.

– Estamos indo bem, vovó.

– E o Marcinho? Queria eu tanto ver sua formatura e seu casamento com Marcinho... Entretanto, minha filha, vou partir antes...

Minha garganta ficava interrompida por um nó e eu saía do quarto, antes de derreter-me em lágrimas.

Minha avozinha se foi e a vida, como sempre, continuou.

O ano de 1969 foi bem amargo para mim. Uma amargura diferente daquela que vivi no ano passado. Em 1968, a angústia que vinha de dentro de mim, não tinha uma explicação. Eu mesma criava aquele palco de dramas, onde eu era o carrasco e o inocente. Neste ano de 1969, porém, o que me assolava eram os acontecimentos exteriores: Primeiro, o pânico pela morte dos quatro irmãos afogados no Rio Grande. Depois, a cirurgia de mamãe, que quase a levou à morte. Meu relacionamento com Marcinho, que me trazia dúvidas cruéis. Seu pouco-caso. Suas aventuras, etc... Em agosto, parte minha querida avó... Tudo isso marcou-me, fazendo com que meu entusiasmo pela formatura morresse. Meu anel estava comprado, já.

Certo dia, recebi um recado de Alexandre, ou melhor, de Pe. Jonathan. Estava ele na cidade de B (vizinha de JS) e ministrava um curso para alfabetização de adultos, pelo Método SDB. Queria encontrar-se comigo, pois estava de partida para MR e não sabia quando voltaria. À tarde, tomei o ônibus para a cidade de B e ainda cheguei para o encerramento do curso ministrado por Pe. Jonathan.

Após a aula, fui jantar no Colégio das Irmãs. Depois do jantar, Pe. Jonathan saiu do Colégio dos padres e veio ao meu encontro, a fim de irmos para a Rodoviária. Voltaria eu, ainda, naquele dia, para JS.

A tarde era triste e ventosa, apesar de ser mês de outubro. A chuva havia cessado e o céu parecia carrancudo. As ruas íngremes da cidade de B estavam úmidas e feias.

Chegamos à Estação Rodoviária e comprei minha passagem. Enquanto aguardava a hora de partir, Pe.

Jonathan chamou-me para um jardim, ao lado e, entre o verde dos canteiros e as diversas cores das flores, despedi-me de Alexandre. Ele estava de terno preto. Oh! Como me lembro! Uma caneta vermelha no bolso do paletó dava um realce especial, embora talvez fosse notado só por mim. Alexandre estava bonito, apesar da idade. Seus olhos miúdos traziam sempre um quê de tristeza.

A tarde morria e os carros passavam indiferentes, ao nosso redor.

– Obrigado, por ter vindo. Adeus, Marine.

– Adeus, Padre Jo... Alexandre...

Eu estava feliz por ter tido a oportunidade de rever meu amigo. Teria eu outras oportunidades, pensei. Todavia, no grande Mistério do Universo estava escrito, sem que eu sequer imaginasse, que aquele seria, neste Planeta Terra, o último encontro de uma ex-aluna do internato e de um sacerdote, enquanto sacerdote...

A Força oculta que rege o Universo é perfeitamente sábia, ao poupar-nos de certos detalhes da vida, que nos machucarão, se deles tomarmos conhecimento...

A cidade de B ficava para trás... meus atos iam também ficando impressos no grande Livro da Vida... Os segundos, todos eles, vividos com intensidade por mim, mesmo ignorando o real sentido de cada um, seriam um dia esclarecidos... Um dia, quando a Divina Sabedoria rasgasse outra cortina à minha frente e apresentasse uma nova Revelação...

Eurico, o Presbítero imortalizara o notável escritor português. Eurico, o Presbítero fizera-me vibrar em uma aula de Literatura... O meu “gardingo de Cartéia” era Pe.

Jonathan, o Cavaleiro Negro, o soldado da grande batalha terrestre... Ele, o “Eurico”... Ele não atravessou por acaso o meu caminho...

* * *

Terceira Parte

SN. Trinta e um de maio de 1972.

Vinte e uma horas de uma noite fria e silenciosa.

No quarto, próximo à cozinha, dormia tranqüilamente um robusto bebê de quatro meses, chamado Kildary. Era meu primeiro filho. Casei-me com Marcinho, em fevereiro de 1971, e, em janeiro de 1972, nascia o garoto.

Levávamos uma vida tranqüila em SN Marcinho, além de possuir uma casa comercial, colaborava como professor e secretário no pequeno Ginásio da CM EC. Eu dava minhas aulas no Primário, como contratada e assumira também as cadeiras de Português, Inglês e Ensino Religioso, no Ginásio. O ordenado do Ginásio era insignificante e o do Estado passava até oito meses sem aparecer... Mesmo assim, levávamos uma vida decente e, agora, adornada pela grande presença de nosso filho Kildary.

SN é fruto de um pouso dos Bandeirantes que, em 1674, partiram de São Paulo, em busca das lendárias esmeraldas, que dormitavam na estonteante Vapabuçu...

A bela Serra Negra dá um ar de mistério à pequenina cidade SN. É uma serra cheia de lendas e de aparições. A própria cidade é envolvida por contos interessantes sobre fantasmas, pilões que socam fora de hora, vultos que

aparecem e correntes que se arrastam... É a pequenina Terra onde nasci e para onde voltei, depois de casada.

Voltemos, pois, à minha cozinha, na noite de trinta e um de maio de 1972. Eu me encontrava à beira do fogão, preparando uma mamadeira, antes que Kildary acordasse e pusesse a boca no mundo.

A casa estava toda fechada. Marcinho estava em seu armazém, conversando com os amigos. É de costume, em SN, os amigos se reunirem em armazéns, pois estes se fecham lá pelas tantas. Dentro de casa estávamos, pois, eu acordada e Kildary dormindo.

Pendente da porta que da cozinha ia para a sala, havia uma cortina de fios de plástico preto-e-branco, cores preferidas de Marcinho, por causa do Clube Atlético Mineiro. Estava eu de costas para a cortina, fazendo mingau, quando ouvi a voz do Pe. Jonathan, chamando-me pelo nome. Virei-me depressa para atender... Vi a cortina em movimento, como se alguém tivesse passado por ela. Desliguei o fogão, apavorada, e corri para o quarto. Deitei-me e comecei a analisar o ocorrido: Por que me virei para atender o Pe. Jonathan, se a última vez em que o vira foi na cidade de B, em 1969? Onde estaria ele, agora? Por que nos desligamos? Por que nos afastamos um do outro?

A última notícia que tive dele foi em julho de 1970, quando me escrevera, falando sobre seu apostolado em BH. Por que, meu Deus, eu não mais lhe escrevi?

Concluí que o casamento é mesmo uma solidão a dois e que talvez o Padre não me houvesse chamado. Eu estaria, certamente, fraca da cabeça, após o nascimento de Kildary...

Quando Marcinho chegou, contei-lhe o ocorrido e ele também disse que seria um cansaço mental.

Adormeci.

Adormeci e sonhei que uma infinita plantação de lírios separava-me do Pe. Jonathan que, do outro lado, estendia-me as mãos. Seus braços tornavam-se imensamente compridos, tentando tocar-me. Minhas mãos também tentavam tocar as dele e não conseguiam. Quando procurava dar passos, a fim de atravessar para o outro lado, meus pés afundavam-se em um atoleiro. Toda a enorme plantação de lírios estava sobre um pântano. Pe. Jonathan dizia: “Venha, que do lado de cá é melhor! Venha, Marine, comigo! Tudo aí é tão triste...” E seus braços tomavam uma dimensão terrivelmente grande, a fim de me puxarem. Mas, não conseguimos. Acordei.

Graças a Deus, foi apenas um sonho, pensei. Todavia, não consegui mais dormir. Lembrei-me do internato, da Escola Normal, das Irmãs e colegas, da cidade de NP e do Pe. Jonathan.

O dia seguinte, primeiro de junho de 1972, era dia santo, dia de Corpus Christi. Marcinho ia fechar o armazém para Irmos à procissão. Kildary e eu estávamos prontos, à sua ispera. Fui ao armazém, a fim de avisar ao meu marido Sue estava na hora de fechar o comércio. Quando fui voltando para dentro de casa, Marcinho chamou-me pelo i tome. Virei-me. Entretanto, a voz que eu ouvira era a do Pe. Jonathan e não a de Marcinho.

Entrei em casa. Mal, porém, fechei a porta, Marcinho, que estava ouvindo um programa da Rádio Guarani, saiu à rua e chamou-me. Voltei ao armazém.

– Como era mesmo o nome daquele Padre, seu amigo? perguntou-me, desligando o rádio.

– Pe. Jonathan – respondi.

– Ele acabou de falecer em um Pronto-Socorro de BH. Foi vítima de um acidente de carro na Avenida Amazonina Seu estado piorou de ontem para hoje, vindo a falecer.

Descrever aqui o que, naquele momento, senti, na fácil e nem sairá com precisão. Apenas sei que o nó na garganta não segurou as lágrimas que foram tão doridas... Entrei para o quarto e chorei amargamente. Marcinho que me perdoasse, pois eu precisava chorar! Chorar pelo maior amigo que tive! Chorar de saudade, chorar de dor pela perda, chorar de remorsos, por mais não ter entrado em contato com ele. Oh! Meu Deus! Por que o levaste? Ele não conheceu minha casa... Não conheceu meu filho... Nem ficou sabendo se me casei, ou não...

O remorso machucava-me muito. Fui à procissão e minhas preces durante todo o trajeto foram as lágrimas, que ninguém entendia...

A dor maior foi ao ouvir a banda de música tocando músicas eucarísticas. Pe. Jonathan gostava tanto desses movimentos populares de cantos, procissões e bandas de música!

O tempo foi passando... A dor pela perda dos entes queridos não morre... O tempo apenas mostra que a vida continua e que ficar chorando nunca fez um morto voltar. Mas eu nunca havia me conformado com a morte de Pe. Jonathan. Passei a pedir a Deus que ele me aparecesse, caso existisse mesmo alma depois da morte. Todas as noites rezava e ficava em uma atitude compenetrada, de

esperança, pensando que Pe. Jonathan fosse surgir ali, perto de mim, a me falar, a me ouvir...

Ficamos durante dois anos em SN.

Marquinho, em 1973, comprou um depósito de pães na cidade de Oliva e fomos para lá. Alugamos uma pequena casa em uma boa rua, no centro. Cursava eu, então, a Faculdade na cidade de L. Fazia Pedagogia. Apesar de não sentir grande simpatia pelo curso, sentia, eu, necessidade do mesmo, para que um dia pudesse desempenhar melhor em um cargo no campo educacional.

Em 1974, o professor de Psicologia marcou um trabalho para avaliação, sobre qualquer obra e qualquer tema, dentro da Psicologia.

Ístive em JS a fim de fazer uma visita aos meus familiares e vi em uma livraria um livro marrom. Era *Parapsicologia* – de R. Amadou. Comprei-o para fazer o meu trabalho.

Apreciei muito o assunto sobre parapsicologia. As experiências de JB Rhine e de Richet, o caso das irmãs Fox, tudo despertou em mim um grande interesse. Apesar de ser uma pessoa profundamente espiritualista, não passei daí. Fiquei somente no trabalho da Faculdade.

Continuava pedindo que Pe. Jonathan aparecesse. Um as duas vezes apenas sonhei com ele. Sonhos sem importância que até já se apagaram da minha memória.

Em 1975, já morávamos em uma rua mais acima, paralela à que moramos antes. Foi nesse ano que ganhamos nossa filha Késsia.

Certa noite, quando Késsia ainda era bem pequena, sonhei que Peri, o enorme cão do vizinho, forçava a porta

do nosso quarto de dormir. Meu marido queria passar para a cozinha, mas não conseguia, pois Peri estava na sala, perto da porta do quarto. Finalmente, depois de muito relutar, Marcinho conseguiu passar para a cozinha e abrir a porta para que o cão saísse. Foram momentos de grande medo, pois Peri não estava querendo sair de dentro de nossa casa e qualquer ameaça seria perigosa.

Um forte empurrão na porta do quarto fez-me acordar tremendo. Chamei Marcinho para que ele olhasse o que estava empurrando a porta do quarto. Ele, porém, disse qualquer coisa sem sentido e virou-se para o canto, dormindo.

Minutos mais tarde, Marcinho levantou-se para trabalhar. Ao abrir a porta do quarto, deu um pulo para trás, fechando-a novamente.

– Venha ver o que está aqui! – disse-me.

– Credo! Eu não! – respondi.

Marcinho tornou a abrir a porta e gritou:

– Sai, Peri!

A este nome, levantei-me depressa. Não! Não podia ser! Outro sonho significativo!

Marcinho pegou o banquinho e foi passando, protegendo-se com ele. Abriu a porta da cozinha e, com cuidado, colocou Peri para o quintal.

Ficamos sabendo, depois, que o cão tinha medo de foguetes. Houvera um foguetório na véspera, perto de casa e, como a porta da cozinha estivesse aberta, o animal, depois de furar a cerca de taquara do quintal, entrara pela nossa casa adentro, escondendo-se em um quartinho que ninguém usava.

Em 1977, nasceu nossa filha Keila. Nasceu de oito meses de gestação. Era saudável e gordinha.

Se eu parasse para analisar minha vida, sentiria que estava vendo um retrocesso. Na cidade de Oliva, lecionei somente dois meses em uma escola. Os aborrecimentos foram tantos que Marcinho resolveu que eu não trabalharia fora de casa. Havia, porém, um espaço para mim, na Gazeta local. Sempre publicava meus poemas e minhas crônicas. Tinha um bom círculo de amizades, mas, na realidade sempre estava faltando algo que eu não sabia mesmo o que.

No mês de agosto de 1979, inscrevi-me para o Concurso do IPSEMG.

No momento da prova, pedi à alma de Pe. Jonathan que me ajudasse, que me iluminasse. Eu queria passar e trabalhar. Não agüentava mais o confinamento dentro de casa. Não fui criada para o limitado. Era necessário que algo mudasse em minha vida, não sabia o que e nem como...

Alguns meses depois, o resultado do concurso saiu no *Minas Gerais*. Nosso vizinho mostrou-me o jornal. Consegui o primeiro lugar. Fiquei muito feliz! Felicidade que logo se esvaiu. Eu estava grávida. Como trabalhar com mais um filho pequeno?

Mandei celebrar uma Missa pela alma do Pe. Jonathan. Fui à Missa. Havia eu há muito tempo abandonado as práticas religiosas. Nem mesmo sabia direito o motivo de tal atitude. Sempre achei a filosofia cristã maravilhosa, mas a Igreja Católica não preenchia minha sede de espiritualidade. Li sobre outras seitas. Não gostei. Fiquei,

então, apenas com minha fé em Deus, com minhas orações da noite que, talvez, fossem mais hábito que piedade. Minha noção de infinito e de espiritualidade, todavia, era aguçada... Uma lembrança bizarra, de vez em quando, torturava-me o espírito. Tal lembrança bastava para eu me fechar em mim e passar vários dias em clima de introspecção e em crises de angústia: Era um luar, milharal com folhas prateadas pelos raios da lua. Um bosque encantador surgia, em seguida. Lindos cavalos de raça e cães de caça. Uma enorme construção mal focalizada, uma nobreza sem explicação e um homem demasiadamente branco e esquisito que me atormentava. Quando surgia a lembrança desse sujeito branco, sem nitidez, estranha presença, eu sentia repugnância, medo, vergonha, atração e submissão... Não sei explicar... Era o ponto da minha crise que mais esforço exigia de mim.

Comecei a aceitar tais recordações como coisa imanentes em mim, coisas do meu eu interior. Desde criança, isso ocorria. São coisas que não me aconteceram, realmente, tenho certeza absoluta. Lembro-me muito bem de coisas que me aconteceram, desde tenra idade. Tais coisas fazem parte da minha vida, que qualquer um conhece. Minhas “crises”, no entanto, não foram vividas por mim, desde que nasci, na cidade de SN. Não foram vividas por mim em NP, nem em JS nem em Oliva... É um estado de espírito... inexplicável...

As noites de luar traziam-me mais confusão à alma. Uma sensação de ter sido nobre e de ter vivido em outro lugar. Uma necessidade cruciante de recordar com exatidão e não conseguir.

Marcinho ficara revoltado com minha gravidez.

A agência do IPSEMG seria inaugurada em maio de 1980, justo no mês do parto. Solicitamos uma substituta para mim, quando os trabalhos tivessem início. Não foi possível. Ou eu assumiria, ou cederia o lugar para a segunda colocada. E foi assim que aconteceu. Não pude trabalhar na agência do IPSEMG.

Às vinte e quatro horas do dia vinte e cinco de maio de 1980, nascia meu filho Kilden Alexandre. Nasceu de parto normal, sem muito padecer para mim. Passei bem. Nem necessidade daqueles desagradáveis pontos houve. Foi o parto mais feliz de minha vida.

Kilden era magrinho, muito magrinho. Estava sempre com as mãozinhas frias. Por isso, era sempre colocado no canto de minha cama, para que eu segurasse e esquentasse suas mãozinhas.

Morávamos, então, em um chalezinho que Marcinho comprara, em um bairro novo, de casas elegantes.

Estávamos felizes. Kildary, com oito anos, era um menino inteligente e bem comportado. Era nosso orgulho. As professoras diziam que ele era maduro e responsável. Um homenzinho!

Késsia já estava no jardim de infância e tinha um ótimo desenvolvimento. Keila ainda estava com três anos. Era uma gracinha. Muito levada. Kilden, o pequenino, era bonzinho e dormia bem. De vez em quando, todavia, durante o sono, sua respiração tornava-se rápida e ofegante, chegando mesmo a fazer grande barulho. “Está sonhando...” pensava eu. E mudava-o de posição. Desde a época do nascimento de Kilden, houve uma

transformação inexplicável em nossa casa. Certa noite, às vinte e uma horas, eu amamentava o bebê, sentada na cama. Havia um pequeno criado-mudo encostado ao canto, entre a cama e a parede. No quarto ao lado, já dormiam as crianças. Estava eu em silêncio, observando o rostinho de Kildary, que mamava de olhos fechados.

De repente, ouvi várias batidas no pequeno criado-mudo, que se encontrava a um palmo de mim. Apavorada, coloquei as pernas em cima da cama e comecei a gritar por Kildary; o pobre menino veio correndo. Perguntei-lhe se ouvira alguma coisa e ele respondeu-me que ouviu fortes batidas em meu quarto. Tremendo, coloquei o bebê na cama e pus-me de pé. Minhas pernas estavam trêmulas. Perguntei ao Kildary se teria coragem de ir à cozinha pegar um copo d'água para mim.

– Vou, sim, mamãe.

No momento em que Kildary ia saindo do quarto, ouvimos muitos passos de pessoas que vinham correndo da cozinha. Um grande barulho, como se essas pessoas tivessem batido com as mãos na geladeira, que ficava na copa bem defronte à porta do nosso quarto. Kildary deu um grito, afastando-se e caindo sentado sobre uma cadeira. O barulho continuou em direção à porta do meu quarto, virando-se em seguida para o banheiro, onde cessou.

Senti que eram várias pessoas, umas agarradas às outras, como se estivessem brincando de trenzinho. Os passos eram de várias pessoas correndo e pulando.

Kildary não quis comentar. Nem eu. Fomos os dois, abraçados e trêmulos, ao outro quarto, pegamos as meninas e as colocamos em minha cama. Ele também ficou

em minha cama e assim permanecemos, com a porta do quarto trancada, até que Marcinho chegasse.

Muito barulho e coisas inexplicáveis foram se sucedendo. Certa noite, à meia-noite, estávamos, Marcinho e eu, na cozinha, tomando café e conversando. Ele chegava tarde do trabalho, nos fins de semana. Era um sábado. A casa estava toda limpinha e silenciosa. As crianças dormiam. De repente, ouvimos batidas fortes na copa, bem perto da cozinha.

Na copa havia a geladeira, a mesa com cadeiras, um pequeno armário e um “cercadinho” para bebê. Este ficava a um canto, bem perto da cozinha.

No momento em que ouvi o barulho, dei um pulo e sentei-me no colo de Marcinho. Novamente o barulho se fez ouvir mais forte, mais nítido. Marcinho também ouvira. O barulho, da primeira vez, parecia ter vindo de perto do armarinho. Da segunda vez, sem dúvida alguma, viera do cercadinho de madeira. Fomos à copa. Nada. Tudo silencioso e nos devidos lugares...

Outra noite, às vinte e uma horas, estávamos já deitados. Só Marcinho ainda trabalhava. Ouvi barulho de salto alto do lado de fora da janela do meu quarto. Havia uma rampa que subia para o alpendre, bem debaixo da janela do quarto.

Fiquei aguardando, com a cabeça erguida, que alguém chamasse ou batesse à porta.

Não chamaram. Nem bateram. Os passos de salto alto continuaram dentro do meu quarto, da penteadeira para o lado do berço de Kilden. Cobri a cabeça, morrendo de medo. Gritei por Kildary, que logo apareceu. Novamente

coloquei todos em minha cama e tranquei a porta do quarto, até que Marcinho chegasse.

Poucos dias depois, às vinte e uma horas, também, estando deitada e Kilden dormindo, vi, de repente, um vulto claro perto do berço. Só um vulto, que desapareceu, em seguida...

Certa vez, fomos dormir bem mais cedo que de costume. E, como estivesse cansada, adormeci logo. Acordei, ouvindo o barulho do carro de Marcinho, que descia nossa rua e entrou na garagem. Meu marido bateu a porta do carro, fechou o portão e subiu a rampa do alpendre fazendo barulho com as chaves que batiam no garrafão de café. Em seguida, como de costume, ouvi o ruído da chave na fechadura. Ouvi, também, Marcinho bater com a chave na porta, pois, do lado de dentro, havia ficado a outra chave. Levantei-me correndo, abri a porta, cuja chave estava realmente do lado de dentro, dizendo ao meu marido que o sono era tanto, que não me lembrara de retirar a chave da porta... Nesse instante, vi que o alpendre estava vazio, que o portão da garagem estava aberto e que nem o nosso carro e nem Marcinho estavam lá... Corri para dentro, amedrontada e bati com a porta. Olhei o relógio, que marcava vinte e uma horas e dez minutos...

Retirei a chave da fechadura e fui para meu quarto, sem entender mais esse acontecimento...

O maior sonho de Marcinho era reformar aquela casa. O terreno era grande e ele queria fazer outras para alugar.

Reformamos a casa. Ela ficou totalmente nova, linda! Ficou grande e confortável. No meu íntimo, porém, tudo aquilo era sem importância para mim. O vazio que sentia,

de vez em quando, e também aqueles fenômenos estranhos de ouvir barulhos... Tudo ia me abatendo cada vez mais...

Os ruídos que, durante as minhas noites de insônia, eu ouvia, NO distante e saudoso sítio do M, nos meus tempos de criança, eram qualificados, por meus pais, como se fossem medo... coisas de criança que não dorme... impressões apenas...

E agora? Eu não era mais criança... Os ruídos continuam... Meus filhos ouvem... Meu marido, uma vez, também ouviu... Minha casa não é mal-assombrada... Em qualquer lugar que eu esteja há barulhos... Não sou paranormal, entretanto, sinto algo estranho em mim... Tenho medo de estar louca...

Em outubro de 1981, nasceu nossa filha Kristine. Kilden estava com um ano e cinco meses. Por ser ainda muito pequeno e por ser Kristine uma criança tranqüila, nossa atenção para com o garoto foi redobrada.

A partir dos dois anos, uma coisa, que no início não foi motivo de minha atenção, começou a acontecer: Kilden gritava, nervoso, que ele era o Alexandre, ele não era Kilden.

– Eu não sou Kilden, boba! Eu sou Alexandre!

Na realidade, nada disso tinha importância, pois seu nome era Kilden Alexandre. Que teria demais, se ele estava preferindo o segundo nome?

Outras vezes, gritava:

– Eu não sou Kilden, boba! Eu sou o Padre! Eu sou Alexandre!

– Ah! Você vai ser padre!?! – dizíamos.

– Não! Eu não vou ser padre, não! Eu sou o Padre!

Nada significava para mim. Era apenas um ponto de vista do garoto. Estava eu mergulhada demais no indiferentismo perante a vida, na revolta, na frustração pelo fato de achar que eu, Marine Waterloo, merecia um lugar de destaque em algum setor cultural daquela cidade, ou até do Estado...

Os gritos e os berros de Kilden apenas demonstravam que ele era uma criança agitada e que até para com sua mãe era agressivo, pois quantas vezes disse-me palavrões, que ninguém em casa usava, só para explicar que ele era o “Padre”.

Apesar de não ser mais uma católica de freqüentar missas, comunhões e procissões, também não havia eu aderido a outras seitas. Muito menos sequer pensava em admitir como certa qualquer noção de idéia do Espiritismo. Nunca havia estudado sobre o Espiritismo. Pensava que o que eu sabia bastava para fazer um julgamento. E o que sabia eu? Sabia erroneamente o que muita gente sabe: O Espiritismo é uma seita do diabo; é coisa de ignorantes e acaba por enlouquecer a pessoa que a ele se sujeita. Era mais ou menos assim que eu pensava.

Com uma variante, porém: A filosofia católica, na minha opinião, quase nada tinha de Cristã. Por isso, eu me sentia Cristã e não Católica. Era lamentável para mim e para as pessoas que me conheceram no tempo de Colégio, que eu não mais fosse Católica praticante.

Jamais passaria pela minha cabeça que houvesse um sentido espiritualista, um sentido reencarnacionista nas palavras de meu filho Kilden Alexandre. Ele fazia questão de deixar claro, com suas crises de exaltação, que ele não

“ia” ser padre. Ele “era” o Padre.

Certa tarde, fui vítima de duas coisas esquisitas: Pedi ao Kildary que fosse ao bar de um parente de meu marido, a fim de comprar qualquer coisa, que não sei mais... Enquanto Kildary saiu, levei Kilden para tomar banho.

Era o limiar de 1983. Um ano promissor para mim, pois andava pela minha cabeça um desejo intenso de escrever algo que tivesse um cunho espiritual e artístico.

Foi assim, que, durante alguns dias, entrei em um clima retrospectivo e escrevi Sinfonia de Preces. Foi, realmente, um ano de profundas “revelações” para mim.

Voltemos pois, ao banho de Kilden. Embrulhei-o com a toalha e levei-o para o quarto, a fim de vestir-lhe as roupinhas. Enquanto seguia para o quarto, perguntei-lhe:

– Onde a mamãe arranhou este amorzinho? Onde?

Sempre tive o costume de brincar assim com as crianças. Elas sempre responderam que as arrumei no Hospital. Keila que sempre foi mais brincalhona respondia que “foi na casa do conde”...

A resposta de Kilden, todavia, deixou-me no mundo da Lua. De olhos arregalados, bem sério, o menino disse-me:

– Sabe? Eu ia de motoca. Aí, veio um caminhão e bateu na minha motoca. Eu caí com a cabeça no chão e morri. Eu fui lá no fundo e, então, você arrumou outro eu!...

Apavorada com aquela resposta, perguntei-lhe:

– Quando, meu filho, aconteceu uma coisa dessa?

– Quando eu era Padre! A minha motoca foi no chão e eu fui lá no fundo, no buraco... e você arranhou outro eu!

– E o caminhão?

– O caminhão foi embora para longe...

Deixei-o sobre a cama, seminu e fui ao outro quarto anotar o que ele dissera. Aquela resposta mexeria com o gelo de qualquer céptico. Era necessário que fosse anotada.

Lembrei-me dos gritos de Kilden quando era chamado pelo primeiro nome... Lembrei-me de que ele sempre estava a dizer que era o Padre... Lembrei-me, também, do dia primeiro de junho de 1972, quando a Rádio Inconfidência anunciara a morte do Pe. Jonathan, meu maior amigo... Acidente na Avenida Amazonina. Meu Deus, a minha cabeça estava a mil!...

Sentei-me na sala, atordoada. Só nesse instante é que notei que Kildary ainda não havia voltado do bar. Vi-o todo sujo de terra, com as mãos sangrando e o rosto machucado. Pensei que ele pudesse ter caído e se machucado. Na minha cabeça as imagens se alternavam: Kilden, pequenino, contando sua história, o acidente do Pe. Jonathan e, por fim, Kildary machucado...

Imagine o meu susto, quando Kildary empurrou a porta e entrou todo machucado, conforme eu tinha sentido minutos antes.

Impressionada comigo mesma, nem perguntei o que havia acontecido. Tirei-lhe a jaqueta e coloquei remédio em seus arranhões, que eram leves, felizmente. Kildary havia subido em um barranco, tropeçado e caído.

Alguns dias depois, procurei pelo Sr. Jota Bueno, um espírito, que era amigo de meu marido. O Sr. Jota não estava em sua casa. Estava em uma reunião em casa do Sr. JS Pereira. O Sr. JS Pereira era antes, líder do Movimento Familiar Cristão, preparava encontros conjugais da Diocese,

cursos para noivos, etc... Viajava sempre com o Sr. Bispo e era grande amigo dele.

Certa vez, o Sr. Pereira adoecera e, como os médicos não conseguissem sua cura, resolveu frequentar algumas reuniões do Centro Espírita, onde obteve a sua cura. Após longa reflexão, o Sr. Pereira foi ao Sr. Bispo, Dom Claudio, seu amigo, e comunicou-lhe que seria daquele momento em diante um espírita praticante, assim como o fora no Catolicismo. Não queria, todavia, perder a amizade de Dom Cláudio.

Estavam o Sr. Jota Bueno e o Sr. J.S .Pereira em conversa sobre Espiritismo, quando cheguei à casa deste.

Logo acomodei-me entre eles, em um amplo e confortável salão. Conversavam eles sobre o sincretismo religioso na Bahia.

O meu problema foi exposto aos dois, pois ambos eram amigos.

O Sr. Jota Bueno ouviu minha narrativa com naturalidade. Já era velho adepto do Espiritismo. O Sr. Pereira ficou estupefato!

– Observe seu menino, de agora em diante – disse-me o Sr. Bueno. – Você verá que muita coisa em comum ele certamente terá com o “falecido” Pe. Jonathan. Talvez ele tenha vindo para fazer, por você, o que não pôde fazer quando encarnado como sacerdote. Ele, certamente, nem será padre nesta encarnação. Cabe a você ser seu guia para o caminho do bem. Algo ficou por fazer no passado e, agora como mãe e filho vocês têm um compromisso...Não é nada espantoso. Tudo é muito natural. A reencarnação é muito natural. Com o tempo você descobrirá coisas, mas

não se apavore. Observe e procure sempre ajudar,

Quanto aos barulhos – continuou – são Espíritos designados, por um plano superior, para alertar você quanto à existência de um mundo espiritual e preparar você para a nova revelação, que é a reencarnação do seu amigo Padre, como seu filho Kilden. Pode também ser que amigos de Pe. Jonathan ainda não o deixaram definitivamente, vindo a provocar ruídos em sua casa, após o nascimento de seu filho.

O fato, querida Marine, é que Deus, através dos Espíritos, quer torná-la consciente de uma missão que muito você procura e ainda não encontrou. Cabe a v guiar seu rumo de agora em diante.

Saí da residência do Sr. Pereira leve e encorajada. De repente, uma dúvida atroz tomou conta de mim: E se ele veio para fazer uma vingança? Se a minha amizade foi motivo de algum pensamento errado para ele, se o meu casamento foi motivo de raiva? Pe. Jonathan, agora como Kilden, provocaria discórdia em minha vida, meu Deus?

Na semana seguinte, comecei a freqüentar as reuniões de um Centro Espírita. Senti-me muito bem lá. Havia uma boa Biblioteca e eu me atirei avidamente sobre os livros, mais por curiosidade, que para me instruir e tomar posições interiores que me aproximassem da vida espiritual. A ânsia por descobertas e por conclusões sempre esteve presente em minha vida. O desejo de questionar e ter consciência daquilo que faço são fortes em mim. O meio termo, a mediocridade não foram feitos para mim. Por isso, eu precisava ir a fundo. As poucas pessoas que respondiam às minhas perguntas, nunca me satisfaziam plenamente

e, eu estava sempre naquele desejo desmedido de ler, de ouvir, de sentir coisas do outro mundo. Olhava a esposa do Sr. Pereira, com um lápis sobre o papel, tentando uma psicografia, semanas a fio... Tentava eu me concentrar e passar por algo diferente, porém nada acontecia...

Certa vez, o Sr. Jota Bueno perguntou-me:

– Sentiu alguma coisa, Marine?

– Não senhor. Nada!

– Olhe, senti uma paisagem muito clara perto de você. Parecia uma noite enluarada. E o lugar era Viena... Não sei explicar mais o que se passou... não foi nítido... (Disse o Sr. Jota).

Antes, porém, que esses fenômenos sobre Kilden Alexandre ocorressem, antes de tudo que narrei acima, certa vez estávamos em BH, em pleno meio-dia, dentro de nosso carro. O rádio estava ligado e nós seguíamos rumo ao centro da cidade. Meu marido conversava com seu sobrinho Saulo, que dirigia o carro para nós.

Na seqüência musical daquela rádio, uma música trouxe-me uma profunda alienação daquele local movimentado de BH. Senti-me em um lugar que já me era familiar. A claridade do luar prateando as folhas... Dentro de uma alameda encantadora... Eu e cavalos lindos, com cães de caça. O luar embevecia-me... Eu só sentia esse fenômeno e ouvia a música do rádio, como se ela estivesse saindo do meio daquele arvoredo prateado pela Lua... Alguém, mal focalizado, mas que era sumamente branco, intimidava-me... O meu esforço para clarear aquelas imagens era torturante.

A música havia cessado. Senti a grande BH com seus

carros, seu povo e seu comércio agitado. Marcinho conversava animadamente com Saulo.

Alguns anos mais tarde, houve uma feira de discos na Praça Central de Oliva. Marcinho, impossibilitado de lá comparecer, pediu a um amigo que comprasse, para nós, dois discos à sua escolha. À tarde, Marcinho foi jantar e levou os discos para mim. Um era The Royal Banc, e o outro era As Maiores Valsas de Viena. Em dado momento, ao ouvir uma das músicas, parei espantada. Tive a mesma sensação de antes, em BH. Era a música que ouvira no rádio do carro. Olhei a capa do disco: Conto dos Bosques de Viena...

Com o decorrer do tempo, notei que as crises de “aflição”, que Kilden sentia durante o sono, coincidiam com o momento em que eu pedia à “alma” de Alexandre que me aparecesse. Consciente, agora, do fenômeno, parei com a invocação.

Certa tarde, estava em um quarto com as crianças, preparando as malas para uma viagem que faríamos.

Ao tirar vários papéis de dentro de uma grande mala, caiu um postal em preto e branco, que, de tão escondido, já havia me esquecido dele. Kildary e Kilden pegaram a foto. Kilden, então disse, assentando-se ao chão:

– Olha! Aqui eu ficava e aqui embaixo ficava a mamãe!

A foto era do Bairro dos Coqueirais, em NP, onde estudei e fiquei conhecendo Pe. Jonathan, em 1968.

Kilden colocou o dedinho sobre o colégio dos padres – que eu apelidara de “construção da colina” – e sobre o colégio das Irmãs, onde fui interna.

Curiosa, perguntei-lhe o que ele fazia naquele “casarão”.

– Eu jogava bola com muitos meninos, boba! Você está cansada de saber!

– Quando você jogava bola com os meninos? – perguntei-lhe.

– Quando eu era padre, uai! – respondeu Kilden, gritando impaciente.

Kildary olhou-me, rindo, sem saber o motivo da minha cara de espanto.

Kilden Alexandre, ajoelhado e assentado sobre os calcanhares, de cabeça baixa, continuava contemplando o postal, como se nós não mais estivéssemos por perto. De vez em quando, o menino se isolava em meditação, com a chupeta na boca e a ponta do travesseirinho no nariz. Apesar de levado e muito vivo, ele tinha momentos assim.

Peguei a foto, lendo, surpresa, o que estava escrito atrás, com a caligrafia do Pe. Jonathan.

“Marine, quantas recordações traz essa foto! Recordações que ficarão eternamente indelévels para você e para o Alexandre.”

A dor pela saudade de Pe. Jonathan confundia-se com aquele pesadelo provocado por um garotinho tão pequenino, que dizia com tanta certeza ser ele Alexandre, o Padre...

O Bairro dos Coqueirais foi realmente o palco de um grande ato da misteriosa peça da minha vida... Um dia, se a história de Alexandre vier a público, certamente, a foto desse bairro ocupará um bom espaço.

Em outra ocasião, Marcinho comprou, para nós, um disco do cantor Paulo Sérgio. Ao ouvirmos a primeira música, *Última Canção*, notei que Kilden, debruçado sobre o bracinho, chorava no sofá.

- Que foi? Por que você está chorando? – pergunte-lhe.
- Fico triste, por causa da música – respondeu-me.
- Por que ficar triste, se você nem conhece a música?
- Conheço, sim! Eu sou o Alexandre! – gritou.

Foi assim que, sofrendo muito, lendo e tentando comprovar o que estava se passando, que resolvi pedir em BH aos padres do Liceu, onde Pe. Jonathan passou seus últimos anos de vida, a biografia daquele que, de certo modo, transtornou um período da minha juventude e, agora, certamente, voltara para transtornar ou engrandecer a nossa caminhada...

Mesmo demonstrando boa vontade, os Padres do Liceu não foram rápidos no fornecimento da biografia, que aqui transcrevo.

“INSPETORIA S J B – MINAS – BRASIL
AC. – Minas Gerais – BH – Minas
17/08/1924 1º/06/1972
PADRE JONATHAN

Mais uma vez cabe-me a dolorosa incumbência de escrever a carta mortuária de um de nossos irmãos sacerdotes. ‘Desta vez mais sentidamente, porque Deus me deu a invejável ventura de ser um daqueles com quem cooperei a fim de poder realizar seu desideratum.’

Eram seus pais AM e ABM. Eram agricultores, bons cristãos e muito religiosos. Tiveram três filhos: AMF (único supérstite), IRM e o caçula, Jonathan.

Sua professora, Dona A. Naves, que tinha um filho em nosso Ginásio DH do qual eu era o Diretor, disse-me:

‘Tenho um aluno que termina o quarto ano, órfão de pai, muito bom e que deseja ser sacerdote, mas é pobre e não pode pagar a anuidade do Seminário.’ Eu lhe disse: ‘Pode arranjar o enxoval dele e mande-o para cá.’ Já abrigava eu alguns, que tinham este ideal, com uma pensão reduzida. Lá ficou um ano em observação, até que, vendo nele uma vocação firme, o mandei para nosso Seminário, que então estava em L (SP). Lá terminou a terceira série ginásial, fez a quarta em L e ingressou no noviciado, em Pinda, em 1946. Aí fez o primeiro trienal.

Fez dois anos de Filosofia em L e mais um em JS no Colégio SJ. Em 1949, foi mandado à Esc. Pe. Sac, em JS. Terminado o tirocínio, que era três anos, fez os votos perpétuos, em 1956. No seu *curriculum vitae*, não teve nem um voto negativo, o que muito o abona. Por ocasião de sua primeira missa cantada, a cidade fez-lhe uma grande festa, na qual tive a honra de pregar, pois era o primeiro padre S, filho de AC.

Fora destinado para a nossa incipiente obra: Instituto S. de Educação e Assistência, como vice-pároco, num dos grandes bairros populares, de... MR. Foi o lugar em que a Divina Providência o colocou: era o *the right man in the right place*, isto é, ‘O homem certo no lugar certo’, como dizem os ingleses.

Cedo aqui a palavra ao seu diretor por nove anos, Pe. Clec, já tendo encontrado lá o Pe. Jonathan, que ali esteve dez anos: ‘O que caracterizou a vida de Pe. Jonathan foi: O desapego de si mesmo e a doação de sua pessoa aos outros. Incania os problemas mais intrincados com aquela proverbial mansidão e gesto mineiro. Às vezes

intransigente, especialmente em questão de modas impróprias, não perdoava o erro.

Não se acovardava diante daquilo que não estava certo. Era taxativo: poucas e boas, deixando o freguês ou freguesa com cara-de-pau. Convivi nove anos com o Pe. Jonathan; por incrível que pareça, nunca altercamos ou tivemos qualquer diferença em nossas relações fraternais. Harmonia e compreensão, fizeram com que os dois pautassem uma vida de trabalho, de sacrifícios, de dedicação, cujos feitos aí estão: uma obra verdadeiramente S..., como a acharam tantos Superiores de Turim, que nos visitaram.

Pe. Jonathan era humilde... humilde... humilde. Obediente, obediente, obediente, *Vir humilis et obediens*. Nunca exigiu nada, nunca pediu nada, nunca reclamou da comida, da habitação ou do vestuário. Nesse ponto era extraordinário.

Sofreu calúnias. Nunca se queixou publicamente, sempre guardou dentro de si a incompreensão de alguns. Era incapaz de zangar-se, vingar-se, murmurar até, de quem quer que seja. Nunca ouvi sair de sua boca uma palavra menos delicada. Quando a obediência o destinou a NP a sua saída foi um triunfo, como atestam as fotografias. MR em peso se movimentou no bota-fora do Pe. Jonathan; torno a repetir, sua característica era a humildade.

‘A humildade com obediência remove montanhas.’ Não era nos bastidores que Pe. Jonathan era considerado, também na Assembléia, por meio do Deputado P.F. que o exaltou, com um elogio fúnebre na Câmara. Eis suas palavras: “Sr. Presidente, Senhores Deputados, ocupo hoje

a tribuna desta Casa para comunicar, com profundo pesar, o falecimento do Pe. Jonathan. O Pe. Jonathan foi ele juntamente com o Pe. Clec, o Dr. OG e outros abnegados que ergueram aquela monumental construção que é a Igreja de Santa B. O Pe. Jonathan também junto com seus companheiros, especialmente o Dr. O construíram um dos melhores ginásios do subúrbio da zona norte, que funciona ao lado da Igreja de Santa..., que, apesar de novo já abriga 600 alunos. Foi também construída uma praça de esportes com ludo o que há de mais moderno. Tudo isso se deve, sem dúvida, aos esforços também desse incansável Pe. Jonathan, que dedicou toda a sua vida à comunidade dos pobres. Sua grande meta era contribuir para amenizar os problemas sociais que afligem as camadas mais pobres.

Eu que provei da amizade do Pe. Jonathan, eu que acompanhei sua luta diária, em prol do interesse daquela comunidade, posso, Sr. Presidente e Senhores Deputados, posso falar com segurança e tranqüilidade do quilate daquele homem, do valor de sua dedicação em prol do interesse comum. MR, Sr. Presidente, perdeu, sem dúvida, uma de suas maiores expressões e o clero e as obras S. uma de suas vigas mestras.

Tentamos adiar o enterro, mas não foi possível. Quero oportunamente apresentar um Projeto de Lei, dando a um logradouro público o nome de Pe. Jonathan. É uma homenagem que podemos fazer, porque o Pe. Jonathan merece, pelos relevantes serviços prestados ao povo e em particular a MR. Obrigado, Sr. Presidente.’

Em NP, para onde foi destinado como professor e auxiliar do povo, ia aos domingos ao Bairro de F, outrora, Morro do

S; atendia à Usina Anflo, a uns quilômetros do Bairro dos Coqueirais. Sempre demonstrou sua predileção pelos pobres.

Aqui em BH, para onde veio em 1970, seu campo era mais vasto. Era capelão do Cemitério PC, subordinado ao Bairro NC, do qual ele era encarregado, também em VA, nos quais se dedicava de alma e corpo. Pôs mãos à obra na construção da Igreja de NC e conseguiu, com pedidos às empresas, armação de ferro com a Belgo-Mineira, cimento com a Fábrica Itaú. Ganhava tijolos, basculantes, etc. conseguindo asfaltamento das ruas, aterros. Lá está a Igreja, faltando apenas o acabamento. Desenvolvia uma atividade múltipla. Distribuía centenas de cobertores para os pobres, arranjava colocação para os desempregados. Amigo das emissoras, sobretudo da G e da I. Pedia uma notícia sobre o Colégio e ele logo arranjava. Era Coordenador Arquidiocesano na Campanha Alfabetização de Adultos, pelo Método SDB.

Indo, no dia 30 de maio, à Prefeitura para conseguir algum melhoramento para os bairros, na Av. Amazonina foi atropelado por um caminhão, desgovernou-se a Vespa e chocou-se com um Volks que esperava abrir o sinal, caindo com a cabeça no asfalto, fraturou o crânio. Foi levado ao Pronto-Socorro. Avisado o Colégio, o Padre D foi imediatamente para lá; coincidência, o médico de plantão era o filho de sua professora, que me tinha pedido o lugar para ele em NP, era o Dr. JN. Quis o Padre Diretor trazê-lo para o Hospital, mas disseram os médicos que morreria no caminho. Lá ficou em estado de coma, até a manhã do dia primeiro, dia do Corpo de Deus, quando faleceu. Foi trazido para o Colégio, ficando até às quinze

horas, quando foi celebrada a Missa de corpo presente por quinze sacerdotes. Ao fim da Missa, tivemos a presença de OJ e de DS e de todo o clero. Como iam à Procissão, não puderam acompanhar o enterro. Após a Missa, o corpo foi levado para o cemitério PC, passando antes pela Igreja NC que ia ser benta dia onze. Da Igreja, o povo quis levá-lo à mão até o PC, onde todos quiseram vê-lo; era uma verdadeira multidão, calculada em oito mil pessoas. Saudou-o o seu colega Padre TG. A Missa de sétimo dia foi celebrada por Dom S com seis sacerdotes. Disse umas palavras de encômio ao humilde sacerdote, cujo zelo levava ali aquela multidão.

No dia onze, quando deveria ser benta a Igreja, Dom J celebrou a Santa Missa, com oito sacerdotes, dizendo ao povo que aquela homenagem simbolizava a dedicação do Pe. Jonathan para com o povo de NC e VA.

Meus caros irmãos, como nos impressiona bem, nestes tempos calamitosos de deserção de tantos colegas nossos no sacerdócio, ver esta apoteose, como uma afirmação do sacerdote fiel à sua missão.

Pecamos a Deus que Pe. Jonathan, lá no céu, nos auxilie a arrebanhar muitos jovens para engrossar as fileiras da gloriosa milícia de Cristo.

Uma prece para este octogenário irmão, que já terminou sua carreira e espera da Infinita Misericórdia de Deus um lugarzinho na sua glória.

BH, 15 de junho de 1972

Pe. Allanco”.

Aí está, pois, a biografia que recebi.

Pe. Jonathan estava em estado de coma, quando em

1972, às vinte e uma horas, na minha cozinha, em SN ouvi a sua voz a me chamar. Ele estava em estado de coma, nessa mesma noite, em que sonhei que ele esticava imensuravelmente as mãos, tentando passar-me para lado melhor, onde os lírios espalhavam aromas indescritíveis... Kilden Alexandre contou com exatidão como foi o acidente, trocando apenas a vespa pela moto...

Agora, posso concluir que, não foi à toa que, em 1969, Jonathan esteve em SN, para ajudar durante a Semana Santa. Não foi à toa que quis conhecer Marcinho e não foi à toa que vasculhou a minha vida naquele miserável bairro de JS.

Aqui transcrevo um trecho de “OG” de 27/07/69:

“Pai T... aprende a ler para levar vida melhor.

(...) As aulas são dadas por duas professora familiarizadas com o método, cuja aplicação, nesta Capital, é coordenada por outro sacerdote, Pe. Jonathan. Toda as noites os três sobem o morro para duas horas de convivência com aquela gente simples, que sente renascer, com a instrução, novas perspectivas de vida e trabalho.

Pe. Jonathan informou a ‘OG’ que o curso é mais intuitivo que dedutivo e baseia-se em figuras que facilitam o aprendizado rápido.

Disse Pe. Jonathan que o curso de alfabetização dos Padres S traduz o empenho de dar aplicação prática à lição do Papa Paulo VI, para quem ‘saber ler e escrever, adquirir uma formação profissional, é ganhar confiança em si mesmo e descobrir que pode avançar como os outros.’

APELO:

Ao terminar, Pe. Jonathan, dirigiu, por intermédio de

‘OG’ o seguinte apelo à opinião pública:

“Esperamos que todas as áreas de informação e propaganda, principalmente a imprensa, o rádio e a televisão, as autoridades e todos aqueles que possam colaborar conosco permaneçam ao nosso lado, a fim de que possamos elevar o nível de nosso irmão, tornando-o útil à sociedade, à Pátria e a Deus. Somente assim, poderemos afirmar que somos autênticos cristãos e verdadeiros patriotas.”

* * *

Quarta Parte

Os anos foram se passando...

Em 1985, Marcinho realizou seu antigo sonho. Vendeu tudo o que tinha adquirido na cidade de Oliva, para irmos morar em J.S. Marcinho sempre gostou de J.S.

Apesar de termos vindo para J.S. em boa situação financeira, ficamos, logo, em apuros. Têm sido tempos de duras provas para nós... Mas, só tivemos perdas materiais, pois no terreno espiritual, só ganhamos. Amadurecemos, entendemos melhor o valor de tudo que acontece e sabemos mostrar aos nossos filhos os verdadeiros valores da vida. Em Oliva, nossa vida era cômoda e egoísta demais.

Em 1986, nasce nossa caçula, Kléria.

Kilden Alexandre, desde cedo, mostra-se mais irrequieto que os outros.

Com o passar do tempo, duas coisas ocorreram:

1) Kilden não mais gritava que era Alexandre ou o Padre e nem se lembrava mais das coisas que a esse respeito dizia.

2) Ele e Marcinho não se dão bem. Desde muito pequeno, acaba sendo espancado pelo pai, que se atira enraivecido sobre ele, dizendo que vai acabar matando-o. Reconheço que Marcinho, às vezes, faz enorme esforço para viver em paz com Kilden. Leva-o ao campo, leva-o por todos os lados, nos fins de semana, conversa amigavelmente com ele, dá-lhe conselhos. Kilden promete ser bonzinho, durante a semana... De repente, tudo muda, a um mínimo erro que o menino comete em leitura, ou qual a alteração que tem com as

irmãs, Marcinho pega o cinto e surra-o bastante, puxa-lhe a orelha, ou dá-lhe murros na cabeça.

Sofro tanto, vendo meu filho sofrer. Há dias que acaba em um desentendimento total: Eu, Marcinho e Kilden.

Uma outra coisa não entendo também: se, realmente, o garoto é Pe. Jonathan, por que é lento quanto ao aprendizado de leitura, se Pe. Jonathan alfabetizou milhares de pessoas?

Kilden adora jogar futebol e, como diz o pai, “é bom de bola”. Essa atividade coincide com a do Padre, que possuía vinte e dois times de futebol de meninos e estava sempre entre os mesmos, jogando bola.

Pe. Jonathan fazia amizade com todos, negros, brancos, pobres, ricos, homens, mulheres e crianças. Meu filho é assim também. Facilmente se enturma, começa a brincar e, todas as vezes que saímos à rua, sempre há uma pessoa que o cumprimenta.

Estamos sempre juntos. Aos domingos, é o primeiro a se levantar para ir ao Catecismo da Paróquia e à Missa. Apesar disso, vai também ao Centro Espírita comigo.

Em casa, todos vão à Missa, exceto eu.

Kilden diz que vai pilotar avião, quando crescer. Ele

aprecia coisas perigosas e isso deixa-me apavorada. Ao contrário de Kildary, que é mais acomodado desde pequeno, Kilden nunca pára. Por falar em Kildary, ele cursa agora o primeiro ano de Filosofia do Seminário JF. É muito responsável e estudioso. Até o momento, seu desejo é tornar-se sacerdote.

Mas Kilden, pelo menos até agora, não mostrou nenhuma inclinação bem definida, ainda nem mesmo para o sacerdócio.

* * *

Termina aqui o relatório de D. Marine Waterloo, cujo teor achamos interessante incluir, na íntegra, nesta monografia.

Passaremos, daqui por diante, a analisar o presente caso, sob o ponto de vista parapsicológico, a fim de medir o valor de seu conteúdo como evidência de apoio à hipótese da reencarnação.

Embora encontremos nesse relatório inúmeros fatos que sugerem ser Kilden a reencarnação do Pe. Jonathan, torna-se necessário esgotar as demais hipóteses que poderiam explicá-lo sem lançar mão da tese reencarnacionista.

* * *

CAPÍTULO II

Análise das Evidências

Porém, se ostensivas lembranças de vidas passadas não constituem provas satisfatórias de reencarnação, que outro tipo de evidências poderia haver para sustentar essa doutrina?

Ken Wilber

(Morte, Renascimento e Meditação. In *Explorações Contemporâneas da Vida depois da Morte*, São Paulo: Cultrix, 1992, p. 164)

FATOS RELEVANTES QUE PRECEDERAM O NASCIMENTO DE KILDEN ALEXANDRE

Do exame atento do relatório que acabamos de transcrever, podem ser destacadas passagens importantes que implicam manifestações de fenômenos paranormais ocorridos muito antes do nascimento do quarto filho de D. Marine Waterloo. Tais fatos sugerem que o elo estabelecido em vida entre D. Marine e o Pe. Jonathan permaneceu indissolúvel mesmo após o desencarne deste último.

Na extensa bibliografia acerca dos fenômenos paranormais registrados pelos investigadores da

tradicional Society for Psychical Research – SPR, fundada em Londres, no ano de 1882, há uma seção concernente aos chamados *Fantasma dos Vivos*. Trata-se dos numerosos casos coletados pelos investigadores daquela sociedade, registrados em seus famosos Proceedings e, mais tarde, enfeixados em um livro pela esposa do primeiro presidente da SPR. O título desse trabalho é *Phantasms of the Living* e o nome da mencionada autora é Eleanor Mildred Sidgwick.

Há também outra coletânea de casos de comunicação de vivos, com o mesmo título, *Phantasms of the Living*, organizada pelos antigos sócios fundadores da SPR, Edmund Gurney, Frederick W.H. Myers e Frank Podmore.

Esses dois trabalhos foram reeditados algumas vezes e, ultimamente, formam um volume único lançado em 1975 pela Arno Press e pela University Books, Inc. sob o título *Perspectives in Psychical Research* (520 páginas).

Os trabalhos aos quais nos referimos tratam de comunicações paranormais que ocorrem entre pessoas vivas. As comunicações mais comuns costumam dar-se em situações de forte crise, especialmente no momento da morte. São os chamados avisos de morte. Na coletânea de casos relatados nos livros *Phantasms of the Living*, há cerca de mil casos bem documentados de pessoas que apareceram visivelmente, ou deram outros tipos de sinais, a parentes ou amigos muito queridos, informando-os de sua morte. Comumente, tais avisos coincidem com o estado de coma do comunicador prestes a morrer, portanto, ainda vivo. Daí a denominação: Fantasma de Vivos. Os mais dramáticos são aqueles que produzem sinais inteligíveis;

por exemplo: aparecem visivelmente, e emitem voz e chegam a dar o aviso verbalmente; produzem ruído, movimentam objetos ou falam, embora se mantenham invisíveis, chamando as pessoas pelo nome ou mesmo dando o aviso; influenciam as pessoas durante o sono, aparecendo e comunicando que acabaram de morrer; provocam sonhos simbólicos capazes de serem interpretados corretamente, etc.

Outros limitam-se a produzir fortes intuições ou pressentimentos induzidos telepaticamente. Alguns chegam a influenciar os animais de estimação, mesmo achando-se a grandes distâncias.

No caso de D. Marine Waterloo, o Pe. Jonathan, no momento em que se sentiu morrer, tentou avisar D. Marine, por três vezes:

1) Primeiro Aviso: A Voz do Padre.

D. Marine achava-se em estado de vigília. Eis a sua descrição, na íntegra:

“Voltemos, pois, à minha cozinha, na noite de 31 de maio de 1972. Eu me encontrava à beira do fogão, preparando uma mamadeira, antes que Kildary acordasse e pusesse a boca no mundo.

“A casa estava toda fechada. Marcinho estava em seu armazém, conversando com os amigos. É de costume, em SN os amigos se reunirem em armazéns, pois estes se fecham lá pelas tantas. Dentro de casa estávamos, pois, eu acordada e Kildary dormindo.

“Pendente da porta que da cozinha ia para a sala, havia uma cortina de fios de plástico preto-e-branco, cores preferidas de Marcinho, por causa do Clube Atlético

Mineiro. Estava eu de costas para a cortina, fazendo mingau, quando ouvi a voz do Pe. Jonathan, chamando-me pelo nome. Virei-me depressa para atender... Vi a cortina em movimento como se alguém tivesse passado por ela. Desliguei o fogão, apavorada, e corri para o quarto. Deitei-me e comecei a analisar o ocorrido: Por que me virei para atender o Pe. Jonathan, se a última vez que o vira fora na cidade de B, em 1969? Onde estaria ele, agora? Por nos desligamos? Por que nos afastamos um do outro?

“A última notícia que tive dele foi em julho de 1970, quando me escrevera, falando sobre seu apostolado BH. Por que, meu Deus, eu não mais lhe escrevi?

“Concluí que o casamento é mesmo uma solidão a dois e que talvez o Padre não me houvesse chamado. Eu estaria, certamente, fraca da cabeça, após o nascimento de Kildary...

“Quando Marcinho chegou, contei-lhe o ocorrido e ele também disse que seria um cansaço mental.

“Adormeci”.

Teria, D. Marine, sido vítima de uma simples alucinação subjetiva devido a um suposto cansaço mental?

Não devia ser assim tão tarde da noite quando ela estava fazendo o mingau para o seu primeiro filho. Ela ainda esperou o marido chegar e, ao que parece, achava-se ainda bem desperta. Além disso, quem ou o que teria movimentado os fios da cortina como se alguém houvesse passado por ali? Não havia corrente de ar no momento.

Outro fato estranho é a coincidência entre os dois eventos simultâneos que parecem ter ocorrido na ocasião. A voz que a chamou e que ela identificou como sendo a

do Pe. Jonathan (apesar de fazer muito tempo que não se correspondiam) e o movimento anormal da cortina. Parece que não se tratava de uma simples alucinação subjetiva originada por cansaço ou esgotamento nervoso.

Mas, prossigamos, a fim de tirarmos conclusões mais consistentes.

2) Segundo Aviso: O Sonho.

Após o episódio da voz do Padre e o concomitante movimento dos fios da cortina, deu-se outra modalidade de fenômeno, que também possui todas as características de um **aviso de morte**. Eis a sua descrição extraída do Relatório de D. Marine:

“Adormeci e sonhei que uma infinita plantação de lírios separava-me de Pe. Jonathan que, do outro lado, estendia-me as mãos. Seus braços tornavam-se imensamente compridos, tentando tocar-me. Minhas mãos também tentavam tocar as dele e não conseguiam. Quando procurava dar passo, recordações dos tempos da Escola Normal é que lhe vieram à lembrança.

3) Terceiro Aviso: A Notícia da Morte do Pe. Jonathan.

Vamos observar que ocorreu um terceiro e último aviso dado pelo Pe. Jonathan, mas desta vez ele já devia estar clinicamente morto.

GN Tyrrell, em sua obra intitulada *Apparitions*, faz uma crítica a respeito da interpretação dada a determinadas categorias de aparições relatadas na obra *Phantasms of the Living*. A interpretação em causa foi sugerida por um dos autores da segunda coletânea desses casos aos quais nos referimos linhas atrás, cujo nome é Edmund Gurney, um dos fundadores da SPR. Gurney atribui a **simples**

coincidências a maioria dessas manifestações. Como consequência, Gurney classifica-as na categoria de alucinações subjetivas, criadas apenas pela imaginação do sujeito.

Tyrrell contesta esse ponto de vista de Gurney, mostrando que, ao contrário, a maioria desses casos são na realidade manifestações autênticas implicando comunicação entre pessoas. Tyrrell admite, inclusive, a comunicação tangível entre o morto e o vivo, tanto no momento de morrer como em outras circunstâncias (Tyrrell, 1973, pp. 32 e 33)

Tyrrell divide as aparições em quatro classes principais:

I) Comunicações obtidas experimentalmente, em que uma pessoa tenta deliberadamente apresentar-se visível a outra pessoa, ou comunicar-se com ela de qualquer maneira, mas fora de situações críticas.

II) Aparições, sensações de toque, vozes, etc, reconhecidamente de uma dada pessoa distante e que esteja passando por alguma forte crise.

III) Aparições, vozes, ruídos, toques ou outros tipos de sensação permitindo reconhecer quem seja o autor, tão logo ocorra a sua morte, porém sem o prévio conhecimento, por parte da pessoa avisada, de qualquer crise grave a respeito do paciente falecido. Quem vê, ouve ou percebe a aparição pode não ter tido até então a menor informação prévia acerca do manifestante.

IV) Espíritos ou aparições, que habitualmente assombram alguns lugares ou casas. (Tyrrell, 1975, p.33)

No presente caso, D. Marine experienciou fatos que se enquadram perfeitamente na segunda e terceira classes

distinguidas por Tyrrell e antes descritas. A última manifestação do Pe. Jonathan deu-se nas seguintes circunstâncias, conforme o Relatório:

“O dia seguinte, primeiro de julho de 1972, era dia santo, dia de *Corpus Christi*. Marcinho ia fechar o armazém para irmos à procissão. Kildary e eu estávamos prontos, à espera. Fui ao armazém, a fim de avisar ao meu marido que estava na hora de fechar o comércio. Quando fui voltando para dentro de casa, Marcinho chamou-me pelo nome. Virei-me. Entretanto, a voz que eu ouvira era a do Pe. Jonathan e não a de Marcinho.

“Entrei em casa. Mal, porém, fechei a porta, Marcinho, e estava ouvindo um programa da Rádio Guarani, saiu à rua e chamou-me. Voltei ao armazém.

“– Como era mesmo o nome daquele Padre, seu amigo? Perguntou-me, desligando o rádio.

“– Pe. Jonathan. Respondi.

“– Ele acabou de falecer em um Pronto-Socorro de BH. Foi vítima de um acidente de carro na Avenida Amazonina. Seu estado piorou de ontem para hoje, vindo a falecer”.

Esse último episódio completa e fecha sentido com as duas primeiras ocorrências que, obviamente, deviam ser o clássico **aviso de morte** do Pe. Jonathan. Este, naturalmente, tentou informar D. Marine, no momento crítico em que se encontrava à beira da morte.

A literatura parapsicológica moderna inclui, atualmente, as Experiências de Quase Morte (EQM). Tais ocorrências, inicialmente interpretadas como simples alucinações provenientes de distúrbios cerebrais devidos à falta de oxigênio e a outros fatores correlatos, tornaram-

se objeto de ampla investigação rigorosamente científica, por parte de inúmeros médicos e psicólogos. Sabe-se, mediante milhares de depoimentos fornecidos por pessoas que estiveram clinicamente mortas e foram ressuscitadas, que, mesmo durante o período de ausência dos sinais de vida, a maioria desses pacientes manteve-se consciente. Além disso, os pacientes sentiram-se sair fora do corpo de onde passaram a ver todo o ambiente em que se achavam, avistando, inclusive, o seu próprio corpo inanimado. Alguns assistiram às dramáticas manobras e esforços praticados pelos médicos e enfermeiros, visando fazê-los ressuscitar. Outros viram-se deslizando através de túnel, no extremo do qual enxergaram um “Ser-de-Luz” que os esperava e os acolheu amorosamente. Tais experiências são variadas, porém seguem fundamentalmente um mesmo padrão. (Moody, Jr., 1975, 1977, 1988, 1992; Ritchie, 1980; Sabom, 1982; Morse e Perry, 1990; Ring, 1992; Mercier, 1992)

De um modo geral, parece que, no momento de desligar-se do corpo por ocasião da morte, o Espírito pode sentir-se suficientemente lúcido e livre para buscar aqueles a quem ele mais ama. Em algumas dessas ocasiões, devem ocorrer os referidos fenômenos de **aviso de morte**.

É bem provável que algo semelhante tenha ocorrido entre o Pe. Jonathan e D. Marine, naquela ocasião.

Será que D. Marine não costumava ter freqüentes sonhos com o Pe. Jonathan, devido à sua intensa estima por ele, agravada ainda mais pela saudade?

Em seu Relatório ela se queixou justamente do fato de ter dificuldade em sonhar com o Pe. Jonathan. Mesmo

depois da morte dele, tal situação não se alterou, apesar do seu intenso desejo de revê-lo ainda que em sonhos:

Continuava pedindo que Pe. Jonathan aparecesse. Um das duas vezes apenas sonhei com ele. Sonhos sem importância que até já se apagaram da minha memória”.

Portanto, há boas evidências de que Pe. Jonathan se achasse, de certo modo, extremamente apegado à D. Marine e, provavelmente, foi a ela que seu Espírito buscou nos instantes em que se desligava dos laços carnis. Este episódio do **aviso de morte** permite **hipotetizar** que o Espírito do Pe. Jonathan houvesse permanecido relacionado com D. Marine, durante os sete anos, dois meses e vinte e quatro dias que se passaram até o momento da concepção de Kilden, quando então realizou a sua ligação reencarnatória definitiva. É uma pena que ainda não se tenham meios de sondar mais diretamente tais períodos muito curtos de intermissão, para conhecer exatamente o que se passa entre a morte e o início da encarnação seguinte.

Entretanto, o curto período de intermissão assinalado no presente caso constitui mais uma evidência a favor da hipótese da reencarnação. Levantamentos estatísticos revelam que as crianças capazes de recordar-se de encarnações anteriores geralmente passam por um período de intermissão bastante curto. A média do tempo de intermissão contado no calendário terrestre, para tais crianças é de aproximadamente seis anos, variando de zero a trinta e dois anos.

Atualmente, para as pessoas comuns, que não manifestam lembranças reencarnatórias, o tempo médio

de intermissão é de aproximadamente duzentos e cinquenta anos terrestres. (Goldstein, 1991)

O pequeno espaço de tempo contado entre a morte do Pe. Jonathan e sua alegada reencarnação como Kilden, aproxima-se bastante da média mundial, conforme assinalamos linhas atrás. Esse dado favorece a hipótese da reencarnação.

O curto período de intermissão explica, também, o motivo pelo qual tais crianças, como Kilden, guardam a lembrança de episódios ligados a suas vidas anteriores, principalmente aqueles que foram, para a personalidade prévia, marcados por fatos dramáticos e/ou sofrimentos intensos. Os momentos de grande felicidade podem, também, deixar recordações dessa categoria.

FENÔMENOS ESTRANHOS OCORRIDOS APÓS O NASCIMENTO DE KILDEN ALEXANDRE

“Desde a época do nascimento de Kilden, houve uma transformação inexplicável em nossa casa” – informou D. Marine, em seu relatório.

Já durante a gravidez, parece que se manifestou algo semelhante a um antagonismo ou rejeição do pai em relação à criança que iria nascer:

“Marcinho ficava revoltado com minha gravidez”. Esclareceu D. Marine quando comentou o episódio do seu concurso para conquistar uma colocação na Agência do IPSEMG, que seria inaugurada na cidade em que moravam. Naquela ocasião, ela obteve o primeiro lugar

no concurso. Porém não pôde assumir em razão de a Agência ter sido inaugurada justamente no mês de maio DE 1980, ocasião em que Kilden nasceu. Como D. Marine não estava em condições de assumir o cargo, perdeu o seu lugar para a segunda colocada.

Seria exclusivamente essa a razão para a aversão à criança que estava em vias de nascer? Não haveria, nesse caso, a manifestação de uma rivalidade antiga entre dois Espíritos adversários, cujo passado reencarnatório demandaria uma reconciliação necessária à evolução de ambos? A vida costuma escrever semelhantes dramas, urdidos e representados pelos próprios protagonistas, ando ao aperfeiçoamento de cada um.

Prossigamos:

Kilden, conforme declaração de D. Marine, “era bonzinho e dormia bem”. Todavia, “durante o sono, sua respiração tornava-se rápida e ofegante, chegando mesmo a fazer grande barulho”. D. Marine pensava: “Está sonhando...”, e mudava-o de posição.

Com o quê sonharia uma criancinha nascida há pouco tempo, para manifestar sinais de aflição? Seriam sintomas de alguma anomalia orgânica? O depoimento de D. Marine não esclarece bem esse particular e não toca no assunto além disso. Ao que parece, foram sintomas pouco alarmantes naquela ocasião.

Entretanto, outros fatos estranhos passaram a ocorrer. Vejamos como D. Marine os descreve em seu Relatório:

“Certa noite, às vinte e uma horas, eu amamentava o bebê, sentada na cama. Havia um pequeno criado-mudo encostado ao canto, entre a cama e a parede. No quarto

ao lado já dormiam as crianças. Estava eu em silêncio observando o rostinho de Kilden, que mamava de olhos fechados.

“De repente, ouvi várias batidas no pequeno criado-mudo, que se encontrava a um palmo de mim. Apavorada, coloquei as pernas em cima da cama e comecei a gritar pelo Kildary; o pobre menino veio correndo. Perguntei-lhe se ouvira alguma coisa e ele respondeu-me que ouviu fortes batidas em meu quarto. Tremendo coloquei o bebê na cama e pus-me de pé. Minhas pernas estavam trêmulas. Perguntei ao Kildary se teria coragem de ir à cozinha pegar um copo d’água para mim.

“– Vou, sim, mamãe.

“No momento em que Kildary ia saindo do quarto, ouvimos muitos passos de pessoas que vinham correndo da cozinha. Um forte barulho, como se essas pessoas tivessem batido com as mãos na geladeira, que ficava na copa bem defronte à porta do nosso quarto. Kildary deu um grito, afastando-se e caindo sentado sobre uma cadeira. O barulho continuava em direção à porta do meu quarto, virando-se em seguida para o banheiro, onde cessou.

“Senti que eram diversas pessoas, umas agarradas às outras, como se estivessem brincando de trenzinho. Os passos eram de várias pessoas correndo e pulando”.

D. Marine concluiu sua narrativa desse acontecimento, dizendo que nem Kildary nem ela quiseram comentar o ocorrido. Foram os dois, trêmulos e abraçados, ao quarto onde estavam as meninas e trouxeram-nas para a cama do casal, onde ficaram todos, com a porta trancada, até a chegada do Sr. Marcinho.

D. Marine prossegue relatando a série de inúmeros fenômenos inexplicáveis que ocorreram naquela época. Eram barulhos os mais estranhos e variados sem causa aparente:

“Certa noite, à meia-noite, estávamos, Marcinho e eu, na cozinha, tomando café e conversando. Ele chegava tarde do trabalho, nos fins-de-semana. Era um sábado. A casa estava toda limpinha e silenciosa. As crianças dormiam. De repente, ouvimos batidas fortes na copa, bem perto da cozinha.

“Na copa havia a geladeira, a mesa com cadeiras, um pequeno armário e um ‘cercadinho’ para bebê. Este ficava a um canto, bem perto da cozinha.

“No momento em que ouvi o barulho, dei um pulo e sentei-me no colo de Marcinho. Novamente o barulho se fez ouvir mais forte, mais nítido. Marcinho também ouvira. O barulho, da primeira vez, parecia ter vindo de perto do armarinho. Da segunda vez, sem dúvida alguma, viera do cercadinho de madeira. Fomos à copa. Nada. Tudo silencioso e nos devidos lugares...

“Outra noite, às vinte e uma horas, estávamos já deitados. Só Marcinho ainda trabalhava. Ouvi barulho de salto alto do lado de fora da janela do meu quarto.

“Fiquei aguardando, com a cabeça erguida, que alguém chamasse ou batesse à porta.

“Não chamaram. Nem bateram. Os passos de salto alto continuaram dentro do meu quarto, da penteadeira para o lado do berço de Kilden. Cobri a cabeça, morrendo de medo. Gritei por Kildary, que logo apareceu. Novamente coloquei todos em minha cama e tranquei a porta do

quarto, até que Marcinho chegasse.

“Poucos dias depois, às vinte e uma horas, também, estando deitada e Kilden dormindo, vi, de repente, um vulto claro perto do berço. Só um vulto, que desapareceu, em seguida...

“Certa vez, fomos dormir bem mais cedo que de costume. E, como estivesse cansada, adormeci logo. Acordei, ouvindo o barulho do carro de Marcinho, que descia nossa rua e entrou na garagem. Meu marido bateu a porta do carro, fechou o portão e subiu a rampa do alpendre, fazendo barulho com as chaves que batiam no garrafão de café. Em seguida, como de costume, ouvi o ruído da chave na fechadura. Ouvi, também, Marcinho bater com a chave na porta, pois, do lado de dentro, havia ficado a outra chave. Levantei-me correndo, abri a porta, cuja chave estava realmente do lado de dentro, dizendo ao meu marido que o sono era tanto, que não me lembrara de retirar a chave da porta... Nesse instante, vi que o alpendre estava vazio, que o portão da garagem estava aberto e que nem o nosso carro e nem Marcinho estavam lá... Corri para dentro, amedrontada e bati com a porta. Olhei o relógio, que marcava vinte e uma horas e dez minutos...

“Retirei a chave da fechadura e fui para meu quarto, sem entender mais esse acontecimento...”

D. Marine contou que sua casa passou por uma grande reforma física, tornando-se maior, mais confortável e mais bonita. Porém aqueles ruídos continuaram a molestá-la. Esse fato provocava-lhe um certo abatimento. Embora D. Marine não se considere uma paranormal, há inúmeras evidências apontando justamente para o oposto. De fato,

D. Marine, ela própria revela isso não apenas pelos acontecimentos mais recentes, que nós já examinamos anteriormente, mas igualmente por outros mais antigos, ocorridos em sua meninice:

“Os ruídos que, durante as minhas noites de insônia, eu ouvia, no distante e saudoso sítio de M, nos meus tempos de criança, eram qualificados, por meus pais, como se fossem medo... coisas de criança que não dorme... impressão apenas...”

“E agora? Eu não sou mais criança... Os ruídos continuam... Meus filhos ouvem... Meu marido, uma vez, também ouviu... Minha casa não é mal-assombrada... Em qualquer lugar que eu esteja há barulhos... Não sou paranormal, entretanto, sinto algo estranho em mim... Tenho medo de estar louca...”

Pela nossa experiência e com todo o respeito e consideração que D. Marine tem de nossa parte, ousamos afirmar que ela possui dotes de paranormalidade, principalmente a psicocinesia. Os fenômenos por ela relatados e aqui transcritos caracterizam casos típicos de poltergeist, de natureza muito branda se comparados com os casos mais comuns com os quais temos lidado. Em termos técnicos, D. Marine atua como um epicentro. O epicentro é a pessoa que viabiliza a produção dos fenômenos, embora sua participação seja em absoluto inconsciente e, *ipso facto*, involuntária.

Mas, resta saber qual ou quais os agentes produtores dos ruídos. Arriscamo-nos a formular uma hipótese de trabalho. De acordo com nossa modesta experiência, temos a impressão de que alguns, talvez não todos os ruídos,

foram produzidos pelo próprio Espírito do Pe. Jonathan. Essa nossa proposição pode soar como um tremendo absurdo, uma autêntica insensatez. Mas tentaremos explicar-nos a esse respeito:

O processo da reencarnação parece iniciar-se logo após a ocasião em que se dá a fusão dos dois gametas no ato da fecundação, após a qual se forma o zigoto. Uma vez efetuada a ligação inicial do **modelo organizador biológico (MOB)** do Espírito ao **ovo**, a operação prossegue gradualmente à medida que as sucessivas duplicações mitóticas das células do embrião vão ocorrendo. Durante o processo em que o embrião está se formando, o **MOB** irá ganhando terreno naquele ser começante, orientando a disposição celular do novo organismo em crescimento.

A ligação prossegue passo a passo, mas sempre há uma porção muito maior, do próprio Espírito, que se acha fora do corpo em vias de formação. Essa parte livre do Espírito mantém-se fora do nosso espaço ainda mesmo após o nascimento e durante toda nossa vida. No recém-nascido, pode-se dizer que o Espírito se encontra praticamente quase todo livre ainda. Somente uma pequena fração da zona do MOB acha-se presa ao corpo da criança. Desse modo, pode-se dizer que o bebê possui duas personalidades:

Uma delas é a que está se desenvolvendo sob a orientação do MOB. Essa personalidade em formação conserva-se ainda semi-inconsciente, predominando, nela, mais os instintos e os reflexos normais. Ela irá moldar-se, mais tarde, sob as influências morfogenéticas do MOB e da hereditariedade biológica, combinadas com a adaptação ao meio onde a criança passará a desenvolver-se.

Nos primeiros estágios do crescimento, a personalidade é como a argila nas mãos do ceramista. Ela traz combinadas as qualidades essenciais dos caracteres genéticos herdados dos pais, mais as potencialidades do Espírito conquistadas ao longo das encarnações passadas. Essas últimas são uma espécie de auto-herança espiritual, à qual se denomina sankharâ (terminologia budhista, ainda sem tradução). (Andrade 1984, PP. 203-205). Desse modo, torna-se possível a educação da pessoa na infância e, como consequência, a formação de uma nova personalidade. Naturalmente, ela sofrerá as influências do caráter da personalidade anterior, inclusive suas fobias, seus gostos, seus maneirismos, etc., porém em um ritual em processo de desaparecimento para, mais tarde, ceder lugar, totalmente, ao novo corpo físico em desenvolvimento.

A respeito do fenômeno atrás mencionado, que ocorre com os nascituros, vamos transcrever um trecho da *Encyclopaedia of Psychic Science*:

“Em base de alguns curiosos experimentos em regressão da memória, Cel. Rochas acreditava que o duplo só estava completo aos sete anos de idade e que a forma astral penetra o corpo a não ser um instante antes do nascimento e então só parcialmente. Maxwell estudou uma jovem mulher que fora encarregada de cuidar de uma criança desde seu nascimento. Ela via a seu lado uma nuvem luminosa com traços mais bem formados que aqueles da criança e um tanto maiores que ela. Essa sombra, no seu nascimento, estava mais exteriorizada da criança. Ela parecia penetrar gradualmente no corpo. Aos catorze meses de idade a penetração era cerca de dois terços

completa.” (Fodor, 1974, p.100, 2ª coluna)

Quando o indivíduo se encontra ainda em gestação e logo mais como recém-nascido, aquela parte do Espírito, ainda não integrada no corpo do recém-nascido, em alguns casos, pode eventualmente estar na posse de certa porção de consciência da personalidade anterior. Nessa situação, às vezes, a personalidade anterior consegue atuar como um Espírito livre. Este, encontrando um “epicentro” à disposição, poderá provocar **fenômenos de efeitos físicos**, como ruídos, tropel de passos, imitações de sons, aliar-se a outras entidades e organizar barulhos semelhantes a movimentos coletivos, etc.

Pensamos que o Espírito do Pe. Jonathan esteve, esses meios, tentando dar sinais de sua presença. É preciso levar em consideração que, na fase reencarnatória, a personalidade anterior, localizada na parte livre do Espírito, pode não estar mais de posse de sua consciência integral. Por essa razão, neste caso seus atos seriam menos racionais, mais atabalhoados e estranhos, equivalendo ao comportamento de uma pessoa embriagada ou de alguém presa de forte perturbação.

Estas são as razões pelas quais supomos ter havido tentativas de comunicação do remanescente da personalidade do Pe. Jonathan, naquela ocasião. Sem embargo disso, é possível que outras entidades espirituais tenham se aproveitado da oportunidade para provocar um pequeno *poltergeist*. Há muitos desses Espíritos pouco evoluídos que se divertem em assustar as pessoas.

Entretanto queremos, de início, lembrar que estamos conjecturando acerca de situações ainda na dependência

de demonstração da premissa maior, tal seja a de que, realmente, o menino Kilden é a reencarnação do Pe. Jonathan. O objetivo deste trabalho é verificar a validade dessa primeira hipótese. Portanto, não estamos afirmando em caráter definitivo nenhuma dessas suposições. O nosso veredicto ficará para o final da presente monografia.

Finalmente, esclarecemos que, entre as ocorrências de *poltergeist* por nós investigadas, encontramos um caso no qual os surtos de manifestação dos fenômenos coincidiram com as épocas de gravidez do “epicentro” – uma senhora casada. (Andrade, 1988b, Cap. III)

Nos fenômenos de *poltergeist*, a presença de um epicentro é praticamente indispensável. Excepcionalmente, podem ocorrer fenômenos físicos paranormais na ausência do agente humano, mas tal fato nem sempre é do tipo *poltergeist*. É mais certo que se trate de uma assombração. No caso dos fenômenos relatados por D. Marine, deve suspeitar-se de duas pessoas que poderiam ter funcionado como epicentro: o primeiro filho, Kildary, na ocasião com oito anos apenas; e a própria D. Marine.

É pouco provável que Kildary, com tão pouca idade, atuasse como epicentro. Achamos mais verossímil que D. Marine tenha sido o agente dos fenômenos. Em um longo questionário que lhe propusemos, havia uma pergunta acerca das manifestações paranormais que ocorreram com ela. Pela resposta, ficamos sabendo que desde muitos anos D. Marine testemunhou fenômenos dessa natureza, os quais têm ocorrido sempre em sua presença. É bem provável, portanto, que seja ela o epicentro das ocorrências registradas na ocasião em que Kildary era ainda um recém

nascido.

Sem embargo das considerações anteriores, uma vez demonstrada a reencarnação do Pe. Jonathan como Kilden, os fenômenos paranormais teriam grande significância para a elaboração de uma hipótese explicativa do processo do renascimento.

Vamos passar, agora à análise das primeiras recordações do paciente.

TABELA DAS PRIMEIRAS RECORDAÇÕES DO PACIENTE

1) A partir dos dois anos começou a declarar que e não era Kilden e sim Alexandre!

Transcrevemos as palavras do relatório de D. Marina Waterloo:

“A partir dos dois anos, uma coisa, que no início na foi motivo de minha atenção, começou a acontecer: Kilden gritava, nervoso, que ele era o Alexandre, ele não era Kilden.

– Eu não sou Kilden, boba! Eu sou Alexandre!

Na realidade, nada disso tinha importância, pois seu nome era Kilden Alexandre. Que teria demais, se ele estava preferindo o segundo nome?”.

De fato, para uma pessoa, como D. Marine, que teve uma educação religiosa rigorosamente católica, dificilmente poderia despontar em sua mente a suposição de que seu filho fosse a reencarnação do Pe. Jonathan. Acrescente-se a esse fato, a circunstância especial de menino possuir um nome duplo, Kilden Alexandre. Seria

muito natural que, embora com dois anos, ele mostrasse preferência pelo segundo nome, Alexandre.

Esse alheamento à idéia da possibilidade da reencarnação, por parte de D. Marine, mostra-se mais nitidamente no episódio seguinte:

2) Algumas vezes, talvez irritado por não estar sendo compreendido, Kilden declarava, aos berros e enfurecido, que ele era o Padre!

Vamos, mais uma vez, transcrever as palavras da mãe do garoto:

“Outras vezes, gritava:

– Eu não sou Kilden, boba! Eu sou o Padre! Eu sou Alexandre!

– Ah! Você vai ser padre! – dizíamos.

– Não! Eu não vou ser padre, não! Eu sou o Padre!

“Nada significava, para mim.

“Era apenas um ponto de vista do garoto. Estava eu mergulhada demais no indiferentismo perante a vida, na revolta, na frustração pelo fato de achar que eu, Marine Waterloo, merecia um lugar de destaque em algum setor cultural daquela cidade, ou até do Estado...

“Os gritos e os berros de Kilden apenas demonstravam que ele era uma criança agitada e que até para com sua mãe era agressivo, pois quantas vezes disse-me palavrões, que ninguém em casa usava, só para explicar que ele era o ‘Padre’”.

Naquela época, um tanto amadurecida e, provavelmente, algo desiludida, D. Marine “já não era mais uma católica de missas, comunhões e procissões,” como se expressou ela própria, em seu relatório quando

focalizava o presente episódio da infância de Kilden. Entretanto, D. Marine ainda não havia cogitado de qualquer outra seita ou filosofia religiosa, muito menos o Espiritismo. Nesse particular, ela própria tinha a opinião comum acerca da Doutrina Kardecista, especialmente a dos católicos: “O Espiritismo é uma seita do diabo; é coisa de ignorantes e acaba por enlouquecer a pessoa que a ele se sujeita”.

E, em um trecho de seu relatório, D. Marine foi incisiva:

“Jamais passaria pela minha cabeça que houvesse um sentido espiritualista, um sentido reencarnacionista nas palavras de meu filho Kilden Alexandre. Ele fazia questão de deixar claro, com suas crises de exaltação, que ele não ia ser padre, ele era o Padre”.

D. Marine informou-nos, pessoalmente, que sua concunhada MC e suas duas filhas V e D moravam, naquela época, na mesma cidade de Oliva. Elas presenciaram, várias vezes, os fatos atrás narrados, ou seja, “os gritos que o Kilden dava, dizendo que era o Padre, que não era o Kilden e que ele era o Alexandre”.

Porém, nem essas suas parentas tiveram a idéia de que Kilden estava falando acerca de sua identificação reencarnatória com um padre. Naquela época, no interior de Minas Gerais, o Catolicismo era a religião predominante. Pouquíssimas pessoas sabiam sequer o que seria a reencarnação.

Até hoje, tais idéias são tidas como “coisas do Espiritismo”. Há uma crença generalizada de que aqueles que se envolvem com o Espiritismo terminam por enlouquecer. O Diabo seria o possuidor das almas dessas

criaturas desavisadas, etc, etc. Essas idéias foram maciçamente disseminadas através de sermões e literatura pseudo-científica orientados pelo clero católico. Por conseguinte, não é para admirar-se que não só D. Marine, como mesmo os seus parentes, todos tradicionalmente católicos, deixassem de perceber, nos gritos e protestos de Kilden, a sua afirmação de que **era o Padre**. Sim, o Pe. Jonathan, cujo pseudônimo, combinado em vida com D. Marine, fora **Alexandre**. Ele, ainda criança, talvez não possuísse em seu novo cérebro o nome **Jonathan**, com o qual pudesse identificar o Padre. Usou então o pseudônimo que, inclusive, fazia parte de seu atual prenome duplo: Kilden **Alexandre**.

Entretanto, ele terminou por vencer a dificuldade de sua identificação, como iremos ver a seguir:

3) Por ocasião de um banho, Kilden conseguiu fazer sua mãe entender que ele era realmente a reencarnação do Padre.

D. Marine havia pedido ao filho mais velho, Kildary, que fosse ao bar para comprar determinada coisa (ela não se recorda do que era). A seguir, ela levou Kilden ao banho. O garoto estava, nessa ocasião, com três anos incompletos.

Após retirá-lo da bacia, embrulhou-o com a toalha e levou-o ao quarto para vesti-lo. Vamos passar a palavra à D. Marine:

“Enquanto seguia para o quarto, perguntei-lhe:

– Onde a mamãe arranjou este amorzinho? Onde?”

“Sempre tive o costume de brincar assim com as crianças. Elas sempre respondiam que as arrumei no hos-

pital. Keila que sempre foi mais brincalhona, respondia que ‘foi na casa do Conde...’

“A resposta de Kilden, todavia, deixou-me no mundo-da-Lua. De olhos arregalados, bem sério, o menino disse-me:

– Sabe? Eu ia de motoca. Aí, veio um caminhão e bateu na minha motoca. Eu caí com a cabeça no chão e morri. Eu fui lá no fundo e, então, você arrumou outro eu!...

“Apavorada com aquela resposta, perguntei-lhe:

– Quando, meu filho, aconteceu uma coisa dessa?

– Quando eu era Padre! A minha motoca foi no chão e eu fiquei lá no fundo, no buraco... e você arranjou outro eu!

– E o caminhão?

– O caminhão foi embora para longe...

“Deitei-o sobre a cama, seminu e fui ao outro quarto anotar o que ele dissera. Aquela resposta mexeria com o gelo de qualquer céptico. Era necessário que fosse anotada.

“Lembrei-me dos gritos de Kilden quando era chamado pelo primeiro nome... Lembrei-me de que ele sempre estava a dizer que era o Padre... Lembrei-me, também, no dia primeiro de junho de 1972, quando a Rádio Inconfidência anunciara a morte do Pe. Jonathan, meu maior amigo... Acidente na Avenida Amazonina. Meu Deus, a minha cabeça estava a mil”.

Com esse episódio, D. Marine teve, afinal, a revelação acerca da verdadeira origem daquelas reações de Kilden, quando o chamavam pelo primeiro prenome. Mas, assim mesmo, D. Marine relutou em aceitar a evidência observada por ela própria. Aquilo era demais para uma pessoa nascida, criada e educada em um ambiente religioso que, na sua essência, ensinava justamente a

negação daquilo que os fatos estavam revelando.

Somente mais tarde, após consultar dirigentes espíritas ter lido livros sobre Espiritismo, D. Marine foi se acostumando com a idéia da reencarnação e admitindo-a como a melhor explicação para o comportamento de Kilden.

4) Reconheceu espontaneamente, em uma fotografia, lugares onde, como Pe. Jonathan, houvera se encontrado com D. Marine, nos tempos do colégio das Irmãs.

Vejamos como D. Marine relata esse episódio:

“Certa tarde, estava em um quarto com as crianças, preparando as malas para uma viagem que faríamos.

“Ao tirar vários papéis de dentro de uma grande mala, caiu um postal em preto-e-branco, que, de tão escondido, já havia me esquecido dele. Kildary e Kilden pegaram a foto. Kilden então disse, assentando-se no chão:

– Olha! Aqui eu ficava e aqui embaixo ficava a mamãe!

“A foto era do Bairro dos Coqueirais, em NP, onde estudei e fiquei conhecendo Pe. Jonathan, em 1968.”

5) Recordava-se de que jogava bola com os meninos, quando era Padre, mostrando impaciência quando a mãe dava a impressão de ignorar este particular.

Na ocasião em que a referida fotografia foi apanhada por Kildary e seu irmão Kilden, este último parece ter-se recordado de mais outros detalhes de sua última encarnação. D. Marine, curiosa, observava-lhe o comportamento.

Em um dado momento, Kilden colocou o dedinho sobre a imagem do colégio dos padres e, em seguida, sobre a do colégio das Irmãs, onde D. Marine foi aluna interna. Provavelmente aquelas figuras deviam estar despertando, por associação de idéias, alguma recordação em Kilden. D. Marine que o observava atentamente, procurou fazer um teste naquele momento e, curiosa, perguntou-lhe o que ele fazia naquele “casarão”, referindo-se ao colégio dos padres onde ficavam os alunos do sexo masculino. Kilden respondeu imediatamente:

“– Eu jogava bola com muitos meninos, boba! Você está cansada de saber!”

D. Marine resolveu confirmar se realmente ele estava tendo uma recordação de sua alegada vida anterior e voltou a insistir:

“– Quando você jogava bola com os meninos? perguntou-lhe.

“– Quando eu era Padre, uai! Respondeu Kilden, gritando impaciente.”

Parece evidente que a referida fotografia devia ter provocado alguma reação em Kilden, se admitirmos, ainda que por hipótese de trabalho, ser ele a reencarnação do Pe. Jonathan. Vejamos como D. Marine descreveu a cena da contemplação da foto pelo seu filho:

“Kildary (o filho mais velho) olhou-me, rindo, sem saber o motivo da minha cara de espanto.

“Kilden Alexandre, ajoelhado e assentado sobre os calcanhares, de cabeça baixa, continuava contemplando o postal, como se nós não mais estivéssemos por perto. De vez em quando, o menino se isolava em meditação, com a

chupeta na boca e a ponta do travesseiro no nariz. Apesar de levado e muito vivo, ele tinha momentos assim.

“Peguei a foto, lendo, surpresa, o que estava escrito atrás, com a caligrafia do Pe. Jonathan:

‘Marine, quantas recordações traz essa foto! Recordações que ficarão eternamente indelévels para você e para Alexandre.’

“A dor pela saudade do Pe. Jonathan confundia-se com aquele pesadelo provocado por um garotinho tão pequenino, que dizia com tanta certeza ser ele o Alexandre, o Padre...

“O Bairro dos Coqueirais foi realmente o palco de um grande ato da misteriosa peça da minha vida... *Um dia, se a história de Alexandre vier a público, certamente, a foto desse bairro ocupará um bom espaço.*

6) Chorou ao ouvir a música cantada pelo cantor Paulo Sérgio: *Última Canção.*

Essa música deve ter-se gravado intensamente na memória do Pe. Jonathan. Era a canção popular mais ouvida, pelos dois, na época em que ele e Marine estavam no auge de sua paixão. Vamos transcrever um trecho do Relatório de D. Marine:

“Vinte e cinco de agosto de 1968: Fomos ao Colégio dos Padres. Vi Alexandre até a hora em que o ônibus saiu. Ele deu um adeus discreto e sorriu.

“Aquele vinte e cinco de agosto marcou-me profundamente. Após uns minutos de conversa com Pe. Jonathan em sua sala, cujo fundo musical era *Última Canção*, ele saiu para passar vários dias em BH, em Retiro

Espiritual...”

D. Marine relatou como se sentiu, naquela tarde fria e chuvosa, após a partida do ônibus levando o Pe. Jonathan. Ele certamente devia estar sentindo a mesma emoção, ao despedir-se de Marine em sua sala, ouvindo, como fundo musical, *Última Canção*. Esses momentos costumam calar profundamente na alma dos apaixonados e tornar-se indelevelmente gravados na memória daqueles que os experimentam. A música associa-se aos instantes vividos sob tais emoções.

Voltemos, agora, ao episódio ocorrido mais tarde com Kilden ainda criança. Transcrevamos as palavras de D. Marine:

“Em outra ocasião, Marcinho comprou, para nós, um disco do cantor Paulo Sérgio. Ao ouvirmos a primeira música, *Última Canção*, notei que Kilden, debruçado sob o bracinho, chorava no sofá.

– Que foi? Por que você está chorando?

– Fico triste por causa da música – respondeu-me.

– Por que ficar triste, se você nem conhece a música?

– Conheço, sim! Eu sou o Alexandre! – gritou”.

Como pode ver-se, uma música consegue evocar uma emoção e até mesmo a recordação de fatos ocorridos em uma existência passada. Depende da intensidade da emoção associada àquela música, como foi o caso de Kilden aqui relatado.

Estes seis itens da tabela de recordações de Kilden Alexandre foram extraídos do Relatório de D. Marine Waterloo, a nós fornecido por ela.

* * *

Depois de nossa visita à família de Kilden, tivemos a

satisfação de conhecer pessoalmente D. Marine, bem como seu esposo e filhos. É uma família encantadora. Conversamos longamente com Kilden. É um garoto muito vivo e inteligente. Praticamente a sua memória reencarnatória já se extinguiu. Começou a decrescer a partir dos seis anos. Este fenômeno é normal nos casos dessa categoria.

Entretanto, costumam restar alguns hábitos, gostos, Bfiços de comportamento e de caráter que eram notoriamente típicos da personalidade anterior. Da mesma forma, podem surgir esporadicamente “clarões” de recordação espontânea, que ocorrem em algumas ocasiões, quando algum fato ou situação propiciam associações capazes de trazer à tona do consciente a memória de certos eventos marcantes.

Durante nossa visita, entregamos a D. Marine um questionário para ser respondido por escrito. Fizemos longa entrevista pessoal com ela, que era a pessoa mais bem informada a respeito de Kilden Alexandre.

A partir dessa visita, passamos a corresponder-nos por carta. Combinamos que D. Marine nos informaria, por escrito, todos os fatos relevantes observados por ela a respeito do comportamento de seu filho, bem como aqueles episódios que ela viesse a recordar e que não haviam sido lembrados em seu relatório.

Fomos bem-sucedido no nosso relacionamento epistolar com D. Marine. Ela tem-nos atendido pontualmente e com grande eficiência e boa vontade.

Daqui por diante iremos, portanto, transcrever os detalhes relevantes concernentes ao caso de Kilden

Alexandre, inclusive os eventuais “surto” de recordações espontâneas que o paciente uma vez ou outra tem manifestado até agora.

OUTROS DETALHES RELEVANTES DE COMPORTAMENTO E LEMBRANÇAS DO PACIENTE

1) Uma das diversões preferidas pelo Pe. Jonathan era o futebol. Kilden manifesta a mesma preferência.

O Pe. Jonathan era fortemente interessado no esporte do futebol. Segundo informação de D. Marine, ele chegou a formar vinte e dois times de futebol de meninos e estava constantemente entre eles, jogando bola com os garotos.

Kilden tem idêntica mania. É fanático por futebol e seu folguedo principal é jogar bola com a meninada. O pai de Kilden, Sr. Marcinho, diz sempre que ele “é bom de bola”.

2) Outra característica do Pe. Jonathan era relacionar-se facilmente com as pessoas. Kilden possui o mesmo dom de fazer camaradagem com as demais pessoas.

D. Marine enfatiza bastante esta semelhança de caráter do Padre e de seu filho:

“Pe. Jonathan fazia amizade com todos, negros, brancos, pobres, ricos, homens, mulheres e crianças. Meu filho é assim também. Facilmente se enturma, começa a brincar e, todas as vezes que saímos à rua, sempre há uma pessoa que o cumprimenta”.

3) Quando Kilden era ainda bem novo, costumava

dizer: “Quando eu era grande...”

D. Marine assinalou esse fato, em sua carta do dia 27 de dezembro de 1990:

“Após ler sua obra, *Reencarnação no Brasil*, ocorreu-me à lembrança que meu filho Kilden Alexandre, sendo pequeno ainda, dizia: ‘Quando eu era grande...’ Eu tentava explicar-lhe que ele antes era menor ainda, que ele não tinha sido grande. Eu pensava que ele estava confundindo tudo, que ele não tinha noção de grande e de pequeno”.

As recordações reencarnatórias na criança iniciam-se, ao que parece, aproximadamente na época em que ela aprende a falar (fase elocutória). Tais lembranças atingem a máxima intensidade, em torno dos quatro anos. Depois prosseguem decrescendo até os seis ou sete anos, época em que geralmente desaparecem por completo. Entretanto, há, excepcionalmente, pessoas que conservam indeléveis várias dessas recordações. Outras manifestam, sobretudo, uma boa parte dos comportamentos e gostos que a personalidade possuía na vida anterior.

Possivelmente, ainda criança, e no início da fase elocutória, Kilden tentasse explicar à mãe que ele fora uma pessoa adulta. Mais tarde, quando seu vocabulário se ampliou ele passou a protestar quando o chamavam pelo primeiro prenome **Kilden**, dizendo que era o Alexandre. (Ver os itens 1 e 2, da **Tabela de Recordações**). Finalmente, com maior cabedal lingüístico, pôde revelar a sua verdadeira identidade (Item 3).

4) O Pe. Jonathan tinha o hábito de brincar rimando as palavras. Kilden manifesta o mesmo comportamento.

Esse era um dos costumes mais notados nas conversas informais do Pe. Jonathan, como assinalou D. Marine sua carta do dia vinte e sete de dezembro de 1990:

“Hoje, meu filho não se lembra de mais nada, porém ele tem um comportamento bem semelhante ao do Pe. Jonathan, que gostava muito de rimar palavras. Ele dizia, por exemplo, D. Cléia que gosta de geléia; Maria, toma leite na bacia... E várias outras frases assim. Kilden não diz as mesmas que o Padre dizia, mas, de vez em quando, ele, com a maior facilidade, encontra uma rima palavra que está sendo empregada no momento. Quando voltamos da escola, conversamos bastante pelo caminho e, nesses momentos em que ele está muito à vontade comigo, ocorrem várias rimas”.

5) Ao mesmo tempo em que Pe. Jonathan facilmente criava um enorme círculo de relacionamento e amizade, ele também suscitava antipatias e até inimizades devido ao seu hábito de pregar peças e fazer brincadeiras, algumas de mau gosto. Ele era excessivamente extrovertido. Kilden manifesta idêntico procedimento, o que resulta algumas vezes em atritos com amigos e com as irmãs dele... D. Marine queixa-se desse hábito inveterado de seu filho:

“Kilden faz amizade facilmente, é muito comunicativo, contudo, ele desperta também grande antipatia em alguns colegas. Entre as irmãs, suas brincadeiras geram brigas. Ele começa brincando, as meninas não toleram suas brincadeiras e acabam todas brigando. Pe. Jonathan era antipatizado pelas suas brincadeiras entre minhas colegas do internato.” (Carta

do dia vinte e sete de dezembro de 1990)

O pai de Kilden trabalha como representante de uma firma comercial. Devido à sua profissão, o Sr. Marcinho viaja bastante. Certa ocasião, achando-se na Cidade Natal do Pe. Jonathan, ficou conhecendo o Sr. ZC, velho amigo da família desse sacerdote. O Sr. ZC conhecia o Pe. Jonathan desde a infância deste. Esse senhor, comentando a respeito do então jovem Jonathan, disse que fora ele (Sr. ZC) quem conduzira o garoto (já grandinho) ao Seminário em NP, onde o futuro Padre iniciou os seus estudos. O Sr. ZC disse que Jonathan era um menino muito inteligente, “mas levava a vida numa eterna brincadeira. Era só brincadeira. Sua principal lembrança do jovem eram as suas brincadeiras”. (Carta de cinco de julho de 1991).

D. Marine, comentando tal fato nessa mesma carta, assim se expressa:

“Não sei se tem alguma importância, mas já ando desanimada com as brincadeiras do meu filho. Além de ter dificuldade na retenção da aprendizagem, ele leva tudo na brincadeira. Explico: Ele não tem problemas de disciplina, nem na escola nem aqui na Paróquia, onde faz parte dos Meninos de Dom Bosco. Todos gostam muito dele, dizem que ele não dá trabalho, que procede muito bem e é muito educadinho. É prestativo e atencioso.

“Suas brincadeiras começam bem e acabam irritando as suas irmãs, que acabam brigando. Após a briga, ele recomeça outra brincadeira com outra e, assim vai. Lembro-me bem que, no internato, em NP, Pe. Jonathan, às vezes, fazia brincadeiras de mau gosto, chegando a irritar algumas internas.”

6) Kilden tem grande apego a São João Bosco. O Pe. Jonathan também venerava esse Santo.

Na mesma carta de cinco de julho de 1991, D. Marine comentou este fato:

“... Kilden gosta muito de Dom Bosco. Gosta de receber postais com a figura de São João Bosco. Há poucos dias chegou da reunião, muito alegre, mostrando um grande ‘São João Bosco’ que ganhou e guardou com muito cuidado, para fazer um quadro. Meu filho mais velho teve mais contacto com os salesianos, porque estudou com as Irmãs, frequentou a Paróquia durante muito tempo, de nós nos mudarmos para este bairro e ele não se apegou a nada, conforme Kilden.

“Pe. Jonathan, que era salesiano, fazia muitas referências a São João Bosco, em suas pregações.

“Kilden mostra grande apego à Paróquia dos padres salesianos e, principalmente, a um padre chamado G”

Como nota de esclarecimento ao leitor, lembramos que a **Congregação Salesiana** foi fundada por Dom Bosco (São João), em Turim, Itália, em vinte e seis de janeiro de 1854, sob a invocação de São Francisco de Sales; daí a designação Congregação Salesiana dada a essa corporação religiosa.

Esse apego à lembrança de Dom Bosco, por parte de Kilden, sem ter sido induzido por outras pessoas e sem uma aparente razão de outra natureza, sugere que ele mantém a devoção da personalidade anterior sob a forma de um impulso inconsciente. Pode ser uma espécie de “herança reencarnatória” de dons, qualidades, tendências etc., de natureza psicológica, adquiridos pela personalidade anterior, e que passou para a personalidade

seguinte. Em linguagem técnica budllista isso tem o nome de *sankharâ*. O significado mais correto deste vocábulo é: “... as disposições ou tendências do mecanismo corporal ou mental, as quais propiciam a produção de um resultado”. (Oldenberg, 1921, pp.242-243; Andrade, 1984, pp. 203-204). Os *sankharâs* contribuem bastante para a instituição do *karma* das pessoas.

No caso de Kilden, vê-se imediatamente a influência de um *sankharâ* ligado à sua natureza religiosa. Em uma carta, D. Marine Waterloo conta o seguinte episódio:

“Kilden Alexandre está sempre dizendo que irá para a aeronáutica. Como em janeiro nós nos mudamos para bairro pertencente à Paróquia de São João Bosco (dos Salesianos), Kilden logo pediu ao meu filho mais velho que fizesse sua inscrição, na Igreja, para ser coroinha. Os coroinhas salesianos recebem o nome de ‘Meninos de Dom bosco’. Eles jogam bola, brincam e aprendem a ajudar a Missa. Hoje foi a primeira vez que Kilden participou na Igreja de Dom Bosco, como coroinha. Fui à Missa, para vê-lo. Quando estávamos de volta para casa, ele disse: ‘Sabe, mamãe, às vezes acho que não vou ser da Aeronáutica’. Entendo perfeitamente que apenas serve para estudo o que já aconteceu, e que não podemos analisar uma coisa que está por acontecer. Sinto, todavia, como mãe e sabedora do assunto, que minha responsabilidade é muito grande. Eu lhe disse: Sei que você irá para a Aeronáutica. Mas, se você fosse padre, o que você gostaria de fazer? ‘Ajudar muito as pessoas’ – respondeu-me.” (Carta do dia vinte e dois de abril de 1991)

7) Em certos momentos Kilden, apesar de haver olvidado sua anterior existência, mostra ter alguma convicção de que nasceu de novo.

Kilden frequenta as aulas de catecismo, como é de para a formação dos jovens católicos, especialmente no caso dos coroinhas.

Na mesma carta de vinte e dois de abril de 1991, D. Marine comenta o seguinte:

“Há poucos dias atrás, durante o catecismo da Paróquia, ele travou uma discussão com a catequista, afirmando-lhe que as pessoas nascem de novo; que nasceu de novo.”

8) Aos dez anos de idade, quando interpelado, a queima-roupa, acerca de duas pessoas conhecidas do Pe. Jonathan, Kilden respondeu corretamente a respeito das mesmas.

Em sua carta de três de setembro de 1991, D. Marine conta o seguinte episódio:

“Em 1990, perguntei-lhe, à queima-roupa, se o nome Deolinda trazia-lhe alguma lembrança. Fiquei muito surpresa com a resposta: ‘Ela era daquele tempo de NP. Acho que ela era empregada nas casas’. Nós não tínhamos comentado jamais perto dele sobre os familiares de Pe. Jonathan.

“Em outra ocasião, há pouco tempo, perguntei-lhe: ‘Kilden, quem era Pe. AL?’ Ele respondeu-me: ‘Era um Padre muito velhinho’. De fato, Pe. AL era Diretor do Seminário, quando Pe. Jonathan foi para lá. E, em 1968, Pe. AL já estava velhinho, com problemas auditivos, etc...”

Estes são exemplos de “surto” de lembranças que costumam ocorrer mesmo após o desaparecimento das principais recordações reencamatórias apresentadas pelas crianças.

No decurso desta análise, iremos ver mais outras manifestações de recordações ocasionais desse tipo.

9) Espontaneamente, Kilden Alexandre revelou o desejo de estudar em colégio interno de padres.

Em sua carta de 18 de novembro de 1991, D. Marine comentou o seguinte:

“Kilden Alexandre quer ir para um internato, no próximo ano. Insistiu tanto no assunto, que mandamos verificar se ainda existe um, em Cachoeira do Campo, dos Padres Salesianos. Somente havia um de resto e era lá. Ontem à noite, fiquei sabendo que existe um, o internato em Cachoeira do Campo, mas não sabemos ainda se ele será aceito, pois vai repetir a 3^a série no próximo ano.

“Todas as pessoas que convivem conosco estão admiradas dessa idéia de Kilden querer ir para o internato, inclusive o Vigário, aqui, que é amigo dele. Geralmente os meninos e meninas de hoje não suportam a idéia de uma vida de internos e longe de casa”.

Mais adiante, D. Marine acrescentou: “... Kilden deseja insistentemente uma vida em um internato de padres (ele quer de padres), sendo que ninguém o incentivou a tomar tal atitude”.

10) Revelou aversão, natural e sem motivo, pelo nome de uma coleguinha de escola muito sua amiga e, segundo ele, muito boazinha.

Essa interessante e paradoxal atitude de Kilden foi-nos comunicada pela D. Marine, em sua carta de seis de fevereiro de 1992. Eis o teor da informação:

“Há pouco tempo atrás Kilden e eu íamos pela Avenida e, à nossa frente, ia uma colega dele acompanhada da mãe. Ele disse: ‘Sabe, mamãe, aquela menina é tão boazinha! Ela é minha colega. Ela é boazinha, mas eu não gosta nome dela!’

– E qual é o nome dela? – Perguntei.

– ‘Iara’– disse ele: ‘Eu acho horroroso este nome Iara ... Que nome feio!’ E ficou repetindo o nome e dizendo que não gosta e que é um nome feio. Não dei importância. Até comentei com ele, dizendo que é um nome indígena bonito. Dois dias depois, de repente, lembrei-me da interna da Escola Normal que mais zombava do Pe. Jonathan. Ela era sobrinha da Diretora, sobrinha da Irmã Ita; era irmã de minha amiga Goreti; seu nome: Iara. Ela era muito levada e imprudente. Certa vez, Pe. Jonathan perguntou-me: ‘Por que a Iara me detesta?’ Eu não sabia o motivo e ele disse: ‘Ela não tem nada dentro daquela cachola dela...’ (Ele usava muito a palavra cachola e o Kilden também usa muito essa palavra, embora nós não tenhamos o costume de usá-la)”.

Esse episódio revela um fato muito observado em casos de reencarnação: as manifestações de **fobia**. As **fobias** podem ocorrer em relação a objetos, cores, alimentos, cenas, animais, palavras, etc. inclusive **nomes**, como é o caso do episódio aqui relatado por D. Marine.

11) Reconheceu uma fruta chamada eugênia
 (“Gênero

de plantas da família das mirtáceas, ao qual pertence a pinga”(Aurélio). **Esta fruta era abundante nas cidades m que vivera o Pe. Jonathan, RS, NP e AC. Todavia não existia nas cidades em que Kilden e seus irmãos nasceram e foram criados. Portanto, nem ele e nem seu Irmão e suas irmãs jamais haviam comido ou visto tal fruta. A “eugênia” era totalmente desconhecida por eles.**

Essa passagem foi-nos relatada na mesma carta do dia leis de fevereiro de 1992. Hei-la:

“Outro acontecimento interessante foi agora no dia trinta de janeiro de 1992. Vou narrar, conforme minhas anotações:

“Quinta-feira, trinta de janeiro de 1992, Marcinho chegou de RS às vinte e três horas. Nós estávamos acordados e as crianças acercaram-se dele.

“Em seguida, Marcinho entregou-me um pequeno embrulho, dizendo:

“– O que é isto?

“Abri e, surpresa, e emocionada, quase gritei:

“– Eugênicas, meu Deus!”

“Marcinho ganhara duas enormes eugênicas em RS e as trouxera para que as crianças conhecessem. Ninguém por aqui, nem em Oliva e nem em SN conhece tais frutas. Elas são próprias da região de NP, RS e AC, etc. onde o clima é mais quente. Eu já as conhecia e, às vezes, tenho saudades do enorme pé de eugênicas do pátio de SJ de minha Escola Normal. Elas amanheciam orvalhadas no chão.

“No dia seguinte, logo cedo, Kilden Alexandre disse-me:

“– Há muito tempo já, eu lembro de ter comido aquela fruta.

“– Não, vocês nunca comeram eugênicas. Só eu. Por aqui não há eugênicas.

“Ele disse: – Eu já comi sim. Tenho certeza que há muitos anos o papai trouxe.

“– Há muitos anos, o seu pai não viajava, não conhecia eugênicas e não trouxe nada...

“– Então não sei... Mas, eu já comi e tem muito tempo”.

Em seguida, D. Marine acrescentou a seguinte nota:

“Kilden não sabe que as cidades para onde o pai viaja têm ligação com seu passado. As frutas chamadas eugênicas ninguém as conhece por aqui, nem Marcinho as conhecia. Ele (Kilden) não está por dentro dos assuntos sobre a cidade de AC, sobre o pessoal do Pe. Jonathan, que meu marido visitou. Preferi não comentar, a fim de não atrapalhar a espontaneidade de alguma revelação”.

É interessante observar que Kilden, embora tenha aparentemente olvidado as suas **experiências reencarnatórias**, ainda as mantém registradas em estado latente. Basta um fato marcante para despertar, por associação de idéias, aquela recordação melhor relacionada com o episódio. Este é um caso típico do fenômeno chamado *déjà vu*.

12) Em fins de abril de 1992, quando se encontrava fazendo suas tarefas na sala de aula, uma ambulância passou pela rua, com a sirene em ação. Ao ouvir o som da sirene, Kilden foi tomado por intensa emoção, uma espécie de pânico.

Este episódio foi narrado por D. Marine, na carta de sete de maio de 1992. Eis o teor do relato:

“Há um mês e meio, mais ou menos, Kilden estava na sala de aula, em silêncio, fazendo atividades e passou uma ambulância com seu silvo triste e agudo, em alta velocidade. Kilden colocou a mão no peito, ficou pálido e disse: Que tristeza! Eu fico até tremendo.

“Alguns alunos disseram: Que é isso, Kilden?! É a ambulância do Hospital! Estavam saindo para o recreio e ele não queria ir, porque estava com dor de cabeça. Disse que ficou assustado. À noite, em casa, é que fui pensar no ocorrido. Resolvi, então, escrever uma cartinha à cunhada do Pe. Jonathan, procurando saber como teria sido o socorro prestado ao Padre, no momento do acidente”.

Atualmente a atenção de inúmeros investigadores está sendo dirigida para as chamadas Experiências de Quase Morte – EQM. Tais estudos tornaram-se possíveis graças ao grande número de pessoas que estiveram “cl clinicamente mortas” durante algum tempo e que puderam ser reanimadas mediante técnicas recentes de ressuscitamento. George W. Gallup e William Proctor fizeram um levantamento, nos Estados Unidos, em 1981, e constataram que, só naquele país, cerca de oito milhões de pessoas já haviam passado por uma EQM!

Os livros tratando dessa questão estão sendo lançados em crescente número. O pioneiro da EQM neste fim do século XX é o Dr. Raymond A. Moody Jr., cujo livro *Life After Life (Vida depois da Vida)* tornou-se um best-seller internacional.

Entre as inúmeras descobertas feitas pelos investigadores da EQM, e que têm causado espanto, é o fato de alguns pacientes em estado de quase morte

manterem-se inteiramente lúcidos e sentirem-se “fora do corpo”. Nesta situação, eles passam a avistar as cenas e objetos ao seu redor. Conseguem ver e ouvir os ruídos e as conversas das pessoas próximas e, inclusive, a distâncias consideráveis. Normalmente vêem o próprio corpo estendido no leito ou na mesa cirúrgica (autoscopia). Há muitos relatos de indivíduos vitimados por desastre que se sentem fora-do-corpo e alguns que chegam mesmo a acompanhar a ambulância em seu trajeto até o hospital.

É provável que, antes de morrer definitivamente, o Pe. Jonathan tenha passado por algumas fases da EQM, assistindo à remoção de seu corpo na ambulância, quando era conduzido para o Pronto-Socorro. Sabe-se que ele chegara em estado de coma ao Pronto-Socorro, vindo a falecer somente no dia seguinte. Provavelmente, a cena da sua remoção e o ruído da sirene da ambulância tê-lo-iam impressionado fortemente. Na hipótese de achar-se fora do corpo como se dá freqüentemente nas EQMs, ele teria assistido àquelas cenas e gravado fortemente em sua memória tais ocorrências. O episódio do desastre ficou associado ao silvo estridente da sirene e ressurgiu em forma de emoção e sensação de pânico na sala de aula, conforme foi relatado.

Vamos ter uma confirmação desta nossa hipótese, no relato da carta de D. Marine, escrita dia oito de julho de 1993. (ver item 19).

13) Kilden detesta usar o cabelo com o penteado formando costeletas. O Padre Jonathan também não apreciava o corte de cabelo com costeletas. Tem

comportamentos idênticos ao do Padre Jonathan.

Na carta de quinze de julho de 1992, D. Marine relatou um episódio ligado a esse fato. Eis o teor dessa informação:

Tenho observado o seguinte: Ele (Kilden) não se lembra mais das coisas que dizia quando pequenino, não tem recordações, conforme tinha, de quando era padre, mas, às vezes, tem comportamentos tão idênticos aos do Padre Jonathan, que tenho vontade de chorar. Exemplos:

a) “Várias vezes, ao pentear-lhe o cabelo, puxei com a escova as costeletas. Todas as vezes, ele ficou irritado, dizendo que não gosta de costeletas e penteava de outro modo. Tentei mostrar-lhe que fica mais bonito, etc. Ele não aceita...”

“... Certa vez no Internato, Padre Jonathan entregou-me, para eu ver, uma foto sua (12x9, mais ou menos) muito bonita. Ele estava de terno cinza, sorridente e simpático. Algumas horas depois, esperei por ele, à entrada da Capela, para devolver-lhe a foto.

– Gostou? – perguntou ele.

– Está muito bonito, pena que o senhor não usa costeletas – eu disse.

– Não gosto de usar costeletas, não me acostumei – respondeu-me”.

b) “Kilden disse-me um dia, quando voltávamos da escola, que tem muita vontade de viver em BH (cidade onde Padre Jonathan faleceu), mas lá é uma cidade perigosa por causa do trânsito”.

c) “Ele continua cada vez mais brincalhão. Uma brincadeira irritante, conforme era a do Padre Jonathan. Está porém mais responsável e mais maduro”.

d) “Continua rimando palavras, cada vez mais”.

Vemos, por esses relatos, que há evidências de que o nosso comportamento e, por conseqüência, o nosso *karma* parecem sofrer forte influência do nosso passado reencarnatório. É possível que cada personalidade se componha de um misto da herança genética mais os *sankharâs*, ou seja, as tendências, qualidades e defeitos adquiridos em vidas anteriores.

Fatalmente, as nossas qualidades e defeitos sofrerão influência do meio e das pessoas com as quais convivemos. Desse intercâmbio de ações e reações surge o nosso chamado *karma*. O resultado final será a modificação que iremos sofrer para o futuro, em forma de experiência e progresso, ou estagnação e até mesmo retrocesso moral de uma existência. Nas encarnações subseqüentes iremos continuar o processo de aperfeiçoamento que a vida nos oferece a cada existência, até um dia conquistarmos a **libertação** da necessidade de renascer e voltar ao *samsarâ*, isto é, ao “círculo vicioso das encarnações sucessivas”.

14) Segundo a observação de D. Marine, Kilden, à medida que amadurece, está se tornando mais semelhante ao Pe. Jonathan.

Esta observação foi feita por D. Marine em sua carta do dia dezessete de outubro de 1992. Vejamos o trecho em que ela se refere a essa curiosa manifestação de caráter:

“Acho interessante o fato de Kilden, à medida que amadurece, estar se tornando mais semelhante ao Pe. Jonathan. Ele, às vezes, raciocina e argumenta como se fosse uma pessoa muito madura, embora esteja fraco ainda

para guardar as matérias estudadas na escola.

“Ele está no Catecismo, fazendo a preparação para a Primeira Comunhão. Devido aos horários – quartas e sábados – às sete horas e trinta minutos da manhã) tentei uma outra catequista que desse o catecismo somente no final de semana, ou mesmo à tarde, depois que ele viesse da aula. Consegui. Mas ele não aceitou, dizendo:

“Eu não quero sair do Instituto (Colégio das Irmãs) nem do catecismo da Irmã Alda. As moças não sabem dar catecismo. Elas nem sabem explicar direito e vivem falhando...

“Certa manhã, não gostei da demora deles – Karine foi depois para a sala da Irmã Alda, também, pois Kilden pediu para passá-la para a Irmã, porque ‘só ela sabe ensinar’). Fui, então, atrás dos dois, no Instituto. Quando lá cheguei, a Irmã veio ao meu encontro dizendo:

“O seu menino é um encanto: é muito responsável e sempre responde a todas as perguntas que faço. Ele faz comentários sobre o assunto e está sempre atento”.

Conforme D. Marine comentou em sua carta, Kilden leva muito a sério a questão religiosa, especialmente quanto à parte do comportamento das pessoas que, segundo o ponto de vista dele, deveria ser mais concordante com os ensinamentos da Doutrina.

Concomitantemente, ele tem aumentado muito o hábito do Pe. Jonathan, de rimar palavras:

“Mais que nunca, agora, tem rimado com muita frequência as palavras. Sai com naturalidade. (Ele não sabe que Pe. Jonathan tinha esse hábito)” – diz D. Marine.

15) Em uma conversa informal, ao externar sua opinião a respeito da pior forma de morte, Kilden declarou era a de um atropelamento quando se está andando de bicicleta ou moto.

Este episódio foi relatado na mesma carta do dezessete de outubro de 1992:

“... Ontem estávamos comentando sobre a morte do Ulisses Guimarães, sobre os vários tipos de morte, Késsia disse que ela tem medo somente de ser sepultada com vida e ter de morrer sufocada debaixo da terra. Kilden, em pé no meio da sala, disse:

“Que é isso, minha filha? A pior morte que tem é você morrer de acidente! (E fez um gesto com as mãos como se manejasse uma bicicleta, ou moto, abriu bem os olhos). E continuou: A gente vai... e depois bate... e, bum... lá no chão! (Falou com muita naturalidade. A Késsia foi saindo e disse-me ao ouvido: ‘Sei que você está pensando o mesmo que eu’. E todos fomos saindo, sem comentários). Este acontecimento foi ontem, treze de outubro, por volta das dezoito horas e trinta minutos”

Esse episódio ilustra bem acerca do funcionamento da ação do inconsciente sobre nossos atos. As informações armazenadas nos arquivos mentais do Espírito e referentes a experiências de vidas anteriores podem, em dado momento, emergir no consciente. Para isso acontecer, basta que uma idéia ou um fato fortemente associado a elas seja de certa forma invocado ou provocado. Uma conversa ou uma situação idêntica costuma suscitar tais fenômenos de recordação por associação.

O que se passou com Kilden naquela ocasião serve como

evidência de apoio à tese reencarnatória. Como ele não sofreu, na presente existência, nem uma situação semelhante a esse tipo de acidente com uma bicicleta ou moto, a sua atitude parece explicável pela tese da reencarnação: O acidente ocorrido com a personalidade anterior (Pe. Jonathan) ficou fortemente gravado no inconsciente espiritual da personalidade atual (Kilden). Durante a conversa, a memória dos momentos de forte emoção que precederam o acidente veio à tona do consciente sob a forma de expressão manifestada pelo garoto.

16) Ao ver, ocasionalmente, uma fotografia da região onde se situavam a Escola Normal e o internato, Kilden indicou corretamente o atalho que o Pe. Jonathan costumava fazer, visando encurtar o caminho, para ir de um estabelecimento ao outro.

D. Marine relatou, na carta do dia cinco de janeiro de 1993, o seguinte fato:

“Quando recebemos as cópias das fotos comentando com a Késsia sobre a Escola Normal e o Internato, mostrei-lhe que passávamos perto do jardim (da Praça dos Coqueirais) para irmos ao Colégio Masculino. Sem perceber a presença do Kilden, mostrei-lhe com o dedo, por onde passávamos. Então ele disse, apontando com o dedo, o meio dos canteiros do jardim: ‘Eu prefiro passar por aqui.’ (E o Pe. Jonathan passava era mesmo entre os canteiros, atalhando pelo meio do jardim)”.

Sem comentários...

17) Espontaneamente, sem ter sido induzido a isso,

Kilden mostra intenso desejo de tornar-se aluno interno do colégio dos Padres Salesianos.

Na mesma carta do dia cinco de janeiro de 1993 Marine diz o seguinte:

“O seu maior sonho é concluir a 4^a série para estudar em CP, como aluno interno dos Padres Salesianos. Ninguém colocou isto na cabeça dele. Há muito tempo, ele fala em internato e, como só existe por aqui o de CP, ele quer vencer, para lá chegar, no próximo ano. Mas, eu tenho tanta pena dele, pois é muito fraquinho no Português esquece facilmente tudo o que estuda”.

É interessante observar que, ao mesmo tempo em que a personalidade anterior induz, na presente, seus gostos e suas tendências, ela esbarra com as limitações físicas e intelectuais (ou melhor cerebrais) do seu atual equipamento fisiológico.

D. Marine refere-se constantemente às dificuldades, para o aprendizado das matérias escolares, manifestadas por Kilden. Isso mostra que, a par de um determinado nível evolutivo do Espírito reencarnado, é necessário uma correspondente qualidade do organismo de que ele dispõe para externar plenamente as suas aptidões. Deve haver muitos gênios por aí “aprisionados” em corpos inadequados à sua manifestação.

Por outro lado, parece haver muitos organismos perfeitos dotados de ótimos cérebros e utilizados por Espíritos de baixo nível evolutivo. Estes quase sempre se tomam os gênios malévolos da humanidade, que causam as tremendas tragédias da História.

No caso de Kilden, é possível que o acidente que resultou

na morte do Pe. Jonathan por fratura do crânio tenha tido alguma influência na sua estrutura cerebral. O tempo de intermissão (período de permanência entre uma encarnação e a seguinte) talvez tenha sido insuficiente para uma total recuperação do MOB. Mas são apenas suposições da nossa parte. Além disso, a ação reparadora do Perispírito, exercida pelo Corpo Mental, prossegue mesmo depois da encarnação do Espírito. Daí a possibilidade das deficiências congênitas serem superadas graças aos recursos do próprio Espírito. (Xavier e Vieira, 1959, Cap. II).

18) Mencionou o tipo de atuação de um dos componentes do Grupo GDV que atuava na Paróquia do PET na cidade de BH, no tempo do Pe. Jonathan.

Essa informação encontra-se na carta de D. Marine, do dia dezanove de abril de 1993:

“Estávamos comentando sobre grupo de jovens; eu contava às meninas sobre os trabalhos do Masju (Movimento de Ação Social Juvenil), em 1968 e sobre as realizações do GDV (Grupo de Defesa da Vida) da Paróquia do PET, em BH, em 1968 também. Vários seminaristas, ex-seminaristas meus conhecidos, minhas primas e primos participaram do GDV. Também eu, de NP, participava com artigos para o jornalzinho do GDV, que era feito pelo meu primo.

“Dos participantes (todos jovens em 1968) do GDV não tive mais notícias, a não ser dos que eram parentes. E, lembrando cada um e a função de cada um no grupo, quando mencionei Omeles, Kilden disse: ‘Esse era cantor’.

Fiquei impressionada, pois o Orneles era cantor mesmo. As músicas do Grupo eram feitas por ele, assim como os ensaios e cantos na capela (em BH). O GDV atuava nas favelas, construía barracões para os pobres, brigava pelos direitos humanos... Meu primo mesmo, várias vezes foi preso, porque encontrava terreno baldio e construía ali um barraco para quem não tinha.

“Em 1969, Pe. Jonathan foi para BH e atuou com vários grupos nas favelas. Creio que ele ficou conhecendo Orneles (Em 1969, o GDV ainda existia). O interessante é que, quando algo tem significado, sai com muita espontaneidade e certeza, conforme as outras revelações que Kilden fez anteriormente”.

O caso de Kilden é rico dessas manifestações de lembranças fragmentárias surgidas por associação de idéias. Fatos como este ajudam a explicar o mecanismo da evolução do Espírito, através da aquisição de qualidades, mediante a educação e a experiência adquirida ao longo das encarnações.

19) Quando ouviu os comentários a respeito de uma pessoa que havia falecido devido à fratura do crânio, ocasionada pela queda de uma escada, Kilden pôs-se a explicar como ocorre a morte de uma vítima nessas condições. Ao fazê-lo, Kilden descreveu corretamente algumas das fases de uma EQM, sem ter antes lido ou assistido em TV ou cinema qualquer informação acerca dessas situações que precedem a morte de certos indivíduos.

Essa interessante informação encontra-se na carta do

dia oito de julho de 1993, escrita por D. Marine. Eis a íntegra dessa comunicação:

“Ontem perdemos um nosso conhecido pertencente ao ‘Instituto Histórico e Geográfico’, com 74 anos de idade. À noite, comentávamos, Marcinho e eu, sobre os derradeiros momentos de uma pessoa, principalmente quando se morre conforme o nosso amigo, do Instituto: ele colocou uma grande escada para subir no terraço e a escada caiu com ele. Fraturou o crânio em quatro lugares, entrando em coma no mesmo instante e faleceu cinco dias após.

“Kilden então explicou: É assim: Chega a pessoa acidentada e é colocada em uma sala cheia de aparelhos. Os médicos ligam os aparelhos... (Nesse momento chegou um colega de serviço do Marcinho e deixamos os dois na sala). No quarto, permiti que o Kilden continuasse o assunto. Ele disse, então: ‘Os aparelhos são ligados no peito e na cabeça e os médicos ficam tentando salvar a vida da pessoa. Nesse momento, a pessoa flutua num canto do tecto, vendo a luta dos médicos para salvá-la. Aí, então, apareceu um grande buraco igual a um funil, no canto da parede, perto de mim e queria me sugar...’

“– Sugar você, ou a pessoa acidentada? perguntei-lhe.

“Ele, muito espantado, disse-me:

“– Uai, acho que era eu! Eu vi meu corpo e os médicos tentando me salvar!

“– Deve ser algum filme que você assistiu – eu disse – ou então algum sonho que você teve.

“Ele porém afirmou que nunca assistiu a um filme assim, que eu poderia perguntar à Kessinha (Os dois sempre assistem juntos, pois são medrosos...)

“– E aí, o que aconteceu com o acidentado? – perguntei-lhe.

“– Quando ele foi sugado pelo buraco, pelo túnel ele viu um clarão muito forte lá no fim, que até eu virei a cabeça para um lado, de tão forte era aquela luz. A luz era muito clara e o buraco se fechou atrás, perto da parede. No mesmo instante, os médicos viram a tela de um aparelho parada... Os aparelhos pararam todos de funcionar.

“– E quando você sonhou tudo isso?

“– Eu não sonhei. Eu tenho medo de machucar a cabeça... mas a gente vê os médicos... Ah! Quando o buraco estava sugando a pessoa, os dois médicos mais importantes chegaram para perto do doente”.

D. Marine Waterloo, comentando esse episódio das recordações fragmentárias provocadas por associação de idéias por parte do seu filho Kilden, afirmou que é a segunda vez que ele se refere a uma sala de UTI. Eis as palavras de D. Marine:

“Dr. Hernani, é a segunda vez que ele se refere a uma sala assim, agora depois de grande. Somente que, desta vez, foi bem detalhado o seu relato. E ele ficou tão impressionado com a morte do homem que caiu da escada, que não está mais subindo no terraço para soltar a pipa.” (Carta de oito de julho de 1993).

D. Marine enviou-nos, junto com essa carta, um desenho esquemático feito pelo próprio Kilden ilustrando a cena da tentativa de recuperação de um acidentado de fratura do crânio em uma UTI. Infelizmente o desenho não tem condições de ser reproduzido. Entretanto, o esquema ilustra com bastante fidelidade o que seria uma

cena semelhante. Vê-se um retângulo grande representando o recinto. Do lado esquerdo, no interior do retângulo, vê-se um retângulo menor (o leito), com a figura de uma pessoa deitada em decúbito dorsal. Atrás da cabeceira do leito, acham-se representados os aparelhos, tendo o primeiro ligado por fios ao leito onde jaz o paciente. Ao lado do leito, encontram-se duas pequenas manchas escuras representando os médicos. Na parte superior, à direita do retângulo maior, há uma figura espiralada, simulando a forma de um funil, que parte do canto interior e continua para fora. É o buraco ou túnel ao qual Kilden se referiu e que o “sugou”. No final do túnel, há uma representação da “luz muito intensa” que ele diz ter avistado.

Pelo comportamento normal do Kilden, vê-se que ele não poderia ter obtido informações tão minuciosas a respeito de uma EQM. Ele deve ser pouco afeito a leituras desse tipo de literatura, pois tem dificuldades no aprendizado da gramática. Além disso, ele é mais dado a folguedos de rua junto com os garotos de sua faixa etária: jogar bola, soltar pipas, etc. Não é estudioso e muito menos amante dos livros. Quanto à possibilidade de ter obtido informações pela TV ou cinema, D. Marine afirma não ter sido essa a fonte de informação. Resta apenas a emersão da lembrança do fato, que jazia registrada em sua memória reencarnatória inconsciente. Esta parece-nos a explicação mais plausível.

20) Kilden mostrou lembrar-se de detalhes do tempo e dos locais que rodeavam o colégio das Irmãs em que

D. Marine estudou e ficou conhecendo o Pe. Jonathan. Alguns desses detalhes já se haviam apagado na memória de D. Marine. (Carta do dia vinte de outubro de 1993).

Na carta mencionada, D. Marine relata o episódio em que Kilden, ao rever algumas fotos, comentou a respeito de detalhes dos quais ela não se recordava mais, referentes ao colégio das Irmãs onde ela estudou e conheceu o Pe. Jonathan. Eis, na íntegra, o trecho dessa carta em que ela conta o fato:

“Somente procuro passar ao conhecimento do Senhor aqueles comentários de Kilden que tenho certeza absoluta de que não foram ouvidos por ele, ou que nunca tenham sido comentados aqui em casa por mim. Pois bem, naquela foto de Coqueirais, onde aparece o colégio das Irmãs, aparece também, em um dos pátios do colégio, árvore de eugênicas. Nós conhecíamos o pátio das eugênicas como pátio de SJ. Os anos apagaram da minha memória um detalhe desse pátio, que eu continuei me lembrando como pátio de SJ; que ele não era um pátio de recreios; que era todo cheio de canteiros de flores, com o grande pé de eugênicas ao centro; que ele possuía uma porta aberta para a minha sala de aula (segundo ano); uma porta para o refeitório das Irmãs e outra para a nossa (que não era usada); possuía escadas para... (não sei mais) para o dormitório das Irmãs. Possuía passagens para o grande pátio, para a lavanderia e para uma parte do quintal. Tenho lembrança de tudo isto. Mas, o mais surpreendente é que Kilden se lembra justamente daquilo que eu não me lembrava mais. Deve ter uns dois meses, mais ou menos,

mexendo nas fotos, ele disse: ‘Aqui perto daquelas frutas, tinha uma gruta, não era bem uma gruta, era um negócio igual a uma gruta, que ficava perto da árvore. Lembra, mamãe? Era cinza e cercado.’ Lembrei-me então da existência de alguma coisa perto das eugênicas, mas não consegui recordar direito. Procurei, certa tarde, pela Irmã Luzia (uma freira salesiana, já bem idosa). Irmã Luzia morava no colégio das Irmãs de NP, quando lá estudei. Perguntei à Irmã Luzia se havia uma gruta no pátio das eugênicas. Ela disse-me que não; que lá havia a imagem de SJ, em um pedestal bem alto, cercada, ao redor, com uma pequena entrada. Disse-me que era cercada de madeira. Recordei-me então que este cercadinho parecia em forma de raízes e ela confirmou. Ficamos na dúvida, se o cercado era mesmo de madeira. Perguntei-lhe pela cor do SJ e do cercadinho e ela respondeu que eram brancos e que ficaram mofados, escurecidos, pelo tempo. Quando deixei a Irmã Luzia, com um esforço de memória, lembrei-me até dos detalhes acinzentados do cercadinho (este era de raízes trançadas, terminando meio pontudo, onde era a pequena entrada) – a do SJ. As peças da cerca eram roliças e rústicas, semelhantes a grossos cipós, nos quais apareciam ainda marcas pontudas de algum segmento. Na parte de trás, o cercadinho era mais alto, descendo dos dois lados da entrada”.

Mais adiante, D. Marine conclui observando que, se ela nos primeiros tempos das manifestações de recordação reencarnatória, houvesse incentivado mais Kilden a revelar o seu passado, talvez tivesse obtido um número muitíssimo maior de evidências:

“... Teria sido um caso rico, se eu tivesse feito bom proveito, quando começou, incentivando as revelações de Kilden”.

EXCERTOS DO QUESTIONÁRIO

Por ocasião de nossa visita feita à família de Kilden, dia vinte e quatro de julho de 1994, em São João del Rei, Minas Gerais, além das diversas indagações feitas aos parentes conhecidos, submetemos à D. Marine Waterloo um extenso questionário. Por ser muito longo e conter várias questões redundantes relativamente às revelações já contidas no **Relatório** e nas **cartas de D. Marine**, transcreveremos apenas o que nos pareceu mais interessante e inédito.

Iremos enunciar as perguntas de maior interesse e as respectivas respostas, adicionando depois nossas observações e algum comentário, se necessário.

Inicialmente, procuramos obter a descrição mais fiel possível do episódio em que o garotinho Kilden revelou, decisivamente, que havia sido o Pe. Jonathan.

Pergunta n. 1 – “... Deixou Kilden sobre a cama, seminu, e foi ao outro quarto anotar o que ele dissera...”

P – Teria, D. Marine Waterloo, as notas que tomou na ocasião? Caso positivo, seria possível fornecer-nos o original ou cópia *xerox* das mesmas?

R – Assim que passei a limpo as anotações que, na ocasião, fiz apressadamente, rasguei-as. Copiei-as conforme foram anotadas, e foram anotadas do mesmo modo como foram proferidas por Kilden:

“– Sabe? Eu ia de motoca. Aí, veio um caminhão e bateu

na minha motoca. Eu caí com a cabeça no chão e morri. Eu fui lá no fundo, e então você arrumou outro eu!”

Ele disse tudo, com os olhos arregalados, fazendo muita expressão com o rosto, para explicar. E ainda repetiu, Segurando o meu queixo com as mãozinhas:

“– Depois que eu fui lá no fundo, no buraco, você arranjou outro eu!”

E anotei mais:

“Perguntei-lhe quando havia acontecido aquilo e ele respondeu-me:

“– Quando eu era Padre! A minha motoca foi no chão e eu fui lá no fundo, no buraco... e você arranjou outro eu!”

Pergunta n. 2 – Referente ao mesmo episódio, lembre-se, a senhora, qual foi a data em que estava dando banho em Kilden?

R – Foi em 1983. A data não sei. Queria eu comemorar alguma coisa, pois havia mandado Kildary ao bar de um sobrinho de meu marido, a fim de comprar uma garrafa de champanhe, (talvez agosto, ou 11 de novembro).

Pergunta n. 3 – O Sr. Jota Bueno ainda é vivo?

R – O Sr. Jota Bueno faleceu em 1985, após a nossa mudança para JS.

Pergunta n. 4 – O Sr. JS Pereira ainda é vivo?

R – O Sr. JS Pereira também faleceu. Faleceu antes do Sr. Bueno.

Observação do autor: Estes dois senhores eram os dirigentes do Grupo Espírita da cidade em que, naquela ocasião, moravam D. Marine e sua família. Foi a eles que D. Marine recorreu para obter explicação acerca da

revelação feita por seu filho Kilden. (ver o Relatório)

Pergunta n. 5 – Durante a gravidez de Kilden:

P – Teve, a senhora, desejos por determinados tipos de alimento?

R – Sim. Durante a maior parte do tempo, só me alimentei de salada de batata, alface, tomate e pepino. Tudo com pão, mas sem ovos ou carne. Usei também uma verdura (semelhante à couve) chamada mostarda, da qual não gosta mais.

Sempre gostei de batatas só fritas. Jamais gostei em saladas, mas durante essa gravidez eu gostava e assim que passou o período, parei de gostar, outra vez.

Observação do autor: O Prof. Dr. Ian Stevenson registrou, em alguns casos de reencarnação, que as preferências alimentares das gestantes coincidiam com as da personalidade anterior. (Stevenson, 1987, p.195)

Na carta do dia cinco de julho de 1991, D. Marine informou que seu marido, sendo viajante, costumava ir à Cidade Natal do Pe. Jonathan. Uma vez encontrando-se ali, procurou pela família do Sacerdote, tendo sido recebido muito cordialmente pela irmã e a sobrinha do mesmo. Eis o trecho da carta em que D. Marine se referiu a esse episódio:

“Meu marido disse-lhes que tem u’a amiga que está escrevendo alguma coisa sobre o Pe. Jonathan e que gostaria de obter algumas informações sobre a infância e a vida do mesmo. Elas ficaram encantadas com a idéia, mas pouca coisa tinham a dizer. Contaram que Pe. Jonathan gostava muito de legumes e verduras,

principalmente de tomate (Kilden Alexandre come tomate puro. Às vezes, até antes de preparar a salada, pega, lava-o e sai comendo. Mas se houver tempero ele não come)”.

No presente caso, houve confirmação das observações do Prof. Dr. Ian Stevenson, no tocante aos desejos alimentares das gestantes. Embora não haja evidências suficientes para estabelecer-se como lei indutiva e geral, no caso de Kilden parece que há relação significativa nessa coincidência das preferências alimentares de D. Marine, durante a gravidez, com as do Pe. Jonathan quando em vida. Esse fato adiciona mais um ponto às evidências a favor da hipótese de que Kilden seria a reencarnação do Pe. Jonathan.

Pergunta n. 6 – Durante sua gravidez, a Senhora sentiu, com maior frequência, saudades do Pe. Jonathan?

R – Saudades com maior frequência, não. Eu estava muito agradecida, pois havia pedido à sua alma que me ajudasse a passar no Concurso do Instituto de Previdência dos Servidores do Estado de Minas Gerais – IPSEMG. Passei em primeiro lugar e mandei celebrar uma missa pela sua alma. Logo depois, fiquei sabendo que estava grávida.

Pergunta n. 7 – Em seus sonhos, predominavam cenas ligadas à pessoa do Pe. Jonathan?

R – Não, não sonhei com ele.

Pergunta n. 8 – Como foi sua gravidez quando esperava o nascimento de Kilden?

R – Foi a gravidez mais tranqüila, pois não tive problemas de saúde. Kilden nasceu antes mesmo do médico chegar.

Pergunta n. 9 – Os períodos de gravidez dos outros filhos foram muito diferentes?

R – Sim. Em todos os outros passei muito mal.

Pergunta n. 10 – Algum dos outros filhos teria manifestado qualquer comportamento, ou teria declarado haver sido alguma outra personalidade, ou o Pe. Jonathan?

R – Não; nenhum deles.

Pergunta n. 11 – D. Marine, a senhora ainda tem sonhos em que vê o Pe. Jonathan?

R – Só tive um sonho com ele. Transcrevo aqui o que anotei em vinte e sete de agosto de 1991:

“Há uns dois meses atrás, quando estávamos, Marcinho e eu, muito ríspidos com Kilden, por causa do seu mau comportamento, da sua teimosia, sonhei que Pe. Jonathan saiu de dentro do meu guarda-roupa, de batina preta, e me disse: **‘Estou sofrendo muito!’** Acordei assustada e, ao meu lado, Marcinho, acordando também, disse-me: ‘Marine acho que precisamos ter mais paciência com Kilden. Precisamos conversar com as meninas, para que elas colaborem. Ele é muito só...’ Estranho tudo isto! Por que no exato momento em que eu acabava de sonhar, ele também acordou e disse algo tão significativo a respeito do Kilden? Marcinho não acredita nessa história de reencarnação e nem de Pe. Jonathan...

Pergunta n. 12 – Como são os seus sonhos com Kilden?

R – São sonhos tristes. Já sonhei algumas vezes que eu estava chorando, porque Kilden havia morrido e nós, Marcinho e eu, não tínhamos feito nada para livrá-lo da morte. Sonhei, certa vez, que ele caiu no rio e Marcinho, lá de cima de um barranco, ficou olhando e sorrindo. Cheguei, desesperada, brigando com ele. E acordei.

A maior parte dos meus sonhos com Kilden acontece

rapidamente, como por exemplo: Ele vai caindo em um buraco e eu acordo assustada; ele morre e eu fico desesperada, em gritos, julgando-me culpada e acordo.

O pior sonho foi o seguinte: Entrei em um pequeno cemitério e vi um velho revolvendo a terra com uma enxada. Então, virando-me para Marcinho que aparecera perto de mim, eu disse: “Coitadinho do Kilden, durou tão pouco... e não teve conforto algum nesta vida...” (Era a sepultura de Kilden que o homem revolia. Uma terra seca, clara e tudo era muito triste). Marcinho respondeu-me: “Foi melhor assim.” (Este foi o pior sonho. Tenho muito medo de que ele aconteça).

Pergunta n. 13 – Kilden conta-lhe os seus sonhos? Com o quê ele sonha mais freqüentemente?

R – Ele sonha mais freqüentemente com motocicletas. Ele sempre conta, mas não conta a todos, só a mim é que ele conta.

Há pouco tempo, véspera das provas, fui acordá-lo cedo, para estudar. Ao acordar, ele disse-me assustado: “– Ainda bem que você me acordou antes do acidente!”

“– Que acidente? – perguntei-lhe. Ele, então, disse, espreguiçando-se na cama: – Credo! Eu estava sonhando que me achava no meio de muitas freiras, consertando a minha moto. Acabei de consertar e saí, quase voando. Quando eu estava quase batendo em um caminhão, você me acordou!”

Ele contou o sonho várias vezes, durante o dia.

Observações do autor: – Esses sonhos do Kilden têm todas as características de uma lembrança reencarnatória.

Em nossa experiência com casos de reencarnação, temos encontrado este tipo de rememoração através de sonhos repetitivos. São os chamados sonhos recorrentes.

Entretanto, é aconselhável não se deixar enganar com certos sonhos que poderiam ser interpretados erroneamente. Nesses casos falsos, o mais comum é a pessoa acreditar ter sido uma personalidade famosa da História.

Os sonhos recorrentes que nós verificamos cuidadosamente, e concluímos ser uma evidência de recordação reencarnatória, são como esses de Kilden. Podem ser rememorações de cenas anteriores, ligadas aos acontecimentos dramáticos que algumas vezes causara a morte da personalidade prévia. (Playfair, 1976, pp.55 e 56; 171-172).

Pergunta n.14 – Como a senhora encara a sua situação agora, em que tem tantas evidências de que seu filho é a reencarnação do Pe. Jonathan?

R – Encaro com muita responsabilidade e também com muito embaraço. Sei que Pe. Jonathan merecia renascer em um lar melhor que o meu, com um certo conforto e com uma convivência mais ativa no meio social, uma certa participação, para que ele (Kilden) pudesse ter um desenvolvimento tal que o levasse a dar prosseguimento às suas atividades da vida anterior, mesmo que não fosse sacerdote. Uma obra de alto valor para a camada pobre, conforme realizava o Padre.

Pergunta n. 15 – A senhora ainda tem saudades do Pe. Jonathan?

R – Sim. Principalmente, quando noto em Kilden alguma

atitude semelhante à do Padre. Não tenho mais aquela saudade inconsolável de antigamente; é algo diferente; uma lembrança boa, cheia de compreensão e de encantamento perante a Vida.

Pergunta n. 16 – Sente satisfação em saber que ele agora é seu filho?

R – Às vezes sim, pois aquele elo de afeição que nos unia ultrapassou as fronteiras da morte e da matéria, renascendo em um menino meigo e carinhoso, que é meu filho.

Outras vezes não sinto satisfação por vários motivos:

i) Kilden, de vez em quando, provoca mal-entendidos entre eu e meu marido. (São coisas que posso superar, principalmente porque compreendo um pouco sobre as leis da reencarnação.)

ii) Apesar de fazer enorme esforço, a fim de se dar bem com Kilden, Marcinho ainda costuma ser ríspido demais com ele, maltratando-o. Por minha vez, para evitar que o pai bata nele, eu mesma imponho um castigo... Aí, forma-se a confusão, pois Kilden, sem entender nada, diz: “Agora é a mamãe, que está invocando comigo, antes mesmo do papai começar...” (São momentos difíceis, que não dão muita satisfação...).

Pergunta n. 17 – Preferiria que ele não houvesse reencarnado como seu filho?

R – Estou muito feliz assim. Sei que tenho uma missão muito importante e tenho receio de não ter forças, para corresponder às inúmeras graças que o Plano Divino põe em meu caminho.

Pergunta n. 18 – Gostaria de ignorar o fato de ser, Kilden, a reencarnação do Pe. Jonathan?

R – Tentei, durante alguns anos, ignorar. Estava eu preferindo pensar que minha mente saudosa tivesse influenciado um garotinho tão pequeno, a ponto de ter ele dito tais coisas...

Hoje, sei que, sozinha com o assunto só para mim, fingindo não ter existido tal assunto, eu não daria conta de superar tudo o que venho superando.

Reverter a história de Kilden, durante uma aula do Sr. Luís Brasil, apenas para saber qual era a sua opinião, foi de um grande proveito para todos nós, principalmente para Kilden, e para mim.

Digo assim, porque, compreendendo melhor de onde Kilden veio, como ele era e o que poderá ser, posso tomar atitudes, a fim de encaminhá-lo neste mundo. Se eu ignorasse essa reencarnação, talvez Kilden estivesse sofrendo, devido às dificuldades que enfrenta para reter o que lhe é ensinado. Hoje, sei que não se trata de preguiça. Uma fratura no crânio, em uma encarnação anterior, pode acarretar qualquer deficiência, em uma outra encarnação.

* * *

Terminam aqui as respostas de D. Marine Waterloo, ao questionário que lhe apresentamos. Suas respostas foram espontâneas e sem subterfúgios, inclusive algumas que tocaram em questões mais íntimas.

Esta singular *love story* assume, em alguns de seus lances, uma dramaticidade tal que pode dar a impressão de um romance de ficção... Entretanto, o documentário que possuímos e que se encontra diante de nossos olhos, é mais do que suficiente para convencer qualquer pessoa isenta de preconceitos religiosos ou doutrinários, de que

se trata de um singular drama urdido com inusitada habilidade pelo próprio destino.

Analisando com maior acuidade essa singular história e adicionando, às informações aqui dadas a conhecer, mais outros detalhes que, por questão de Ética, não nos foi possível expor aos leitores, vê-se que o presente caso é o provável elo de um drama bem mais extenso. A história toda talvez já venha rolando como enorme vagalhão na esteira turbulenta do passado, há muitos e muitos anos, para ir atingindo, aos poucos, os estágios de menor violência e menor sofrimento, à semelhança das rendadas frentes espumarentas das ondas que se desmancham suavemente na areia das praias...

* * *

Deixemos, por mais alguns momentos, tais reflexões e voltemos ao objetivo desta monografia. Vamos analisar o presente caso, em face de outras hipóteses de trabalho, que não a da reencarnação. Procuremos avaliar a hipótese da reencarnação comparando-a com as mais comuns, geralmente invocadas para explicar casos semelhantes ao presente. Desta comparação, obteremos uma medida do valor da hipótese reencarnatória como explicação do caso Kilden & Jonathan, objeto deste modesto trabalho.

CAPÍTULO III

Hipóteses explicativas para as recordações e o comportamento de Kilden Alexandre

Pensamos que dependemos do corpo para existir, mas o que acontece é justamente o contrário: o corpo depende de nós (daquilo que realmente somos – para poder existir). E quando deixamos para trás esse corpo, ele se torna imediatamente um refugio e um problema de que nos precisamos livrar.

Levine, 1992

A idéia da reencarnação é antiquíssima. Ela faz parte dos dogmas e ensinamentos de quase todas as grandes religiões, com exceção do Catolicismo e do Protestantismo, aqui no Ocidente. Apesar da ampla disseminação, no tempo e no espaço, das doutrinas reencarnacionistas, ainda persiste sistemática e generalizada resistência à sua aceitação. Todavia, essa dificuldade para admitir a realidade da reencarnação tem diminuído um pouco devido ao surgimento das psicoterapias baseadas na

regressão às vidas passadas. Não obstante os sucessos alcançados pelos praticantes dessa espécie de terapia, ainda há aqueles que relutam em admitir que os bons resultados obtidos nessas técnicas regressivas sejam efetivamente, uma evidência a favor da reencarnação.

Essa mesma relutância é também observada diante dos casos de crianças que dizem recordar-se de vida pregressas. Como justificativa de apoio a esse persistente ceticismo, são evocadas várias explicações para as manifestações mnemônicas daqueles pacientes. Iremos analisar as mais comuns e verificar se elas podem aplicar-se ao presente caso. Ei-las, uma a uma:

FRAUDE DELIBERADA

Essa é a primeira hipótese evocada pelos cépticos, especialmente quando casos dessa categoria se mostram fortemente apoiados em fartas evidências. A idéia da animação da personalidade após a morte do corpo físico está de tal forma arraigada em certos indivíduos, que mesmo se lhes apresentem fatos, os mais convincentes, favoráveis à tese da sobrevivência, tais pessoas não conseguem vencer a sua própria incredulidade. A reencarnação implica a sobrevivência após a morte. Por conseguinte, o primeiro obstáculo à sua aceitação é a necessidade de admitir-se a continuidade da vida após o decesso.

A idéia da reencarnação, por sua vez, é negada e até combatida por certas religiões, especialmente as judaico-cristãs, aqui do Ocidente. Dessa forma, ainda mesmo que

uma pessoa aceite a vida após a morte, se ela professar algum desses credos religiosos, é muito provável que se oponha a aceitar a reencarnação como uma explicação para casos da categoria que ora apresentamos. Então, a primeira justificativa, diante dos fatos, é negar-lhes autenticidade, considerando a possibilidade de ter havido uma fraude.

Procuremos descobrir o que justificaria uma fraude e, também, a insistente manifestação e afirmação de uma burla ou falsidade em casos semelhantes ao que estamos apresentando. Suponhamos que D. Marine Waterloo, pessoalmente ou pressionada por sua família, estivesse tentando conquistar alguma espécie de notoriedade. Essa hipótese cai imediatamente por terra, pois D. Marine Waterloo solicitou-nos, pessoalmente, que tomássemos todas as precauções para resguardá-la, à sua família e à do Pe. Jonathan, da publicidade e da identificação dos personagens desse caso com os da vida real. Inclusive os nomes das localidades e das pessoas envolvidas na presente história tiveram, por ela própria, os seus nomes camuflados e trocados propositalmente para esse fim.

Além disso, a família de D. Marine revela pouquíssimo interesse e até discreta oposição à divulgação deste caso. Em sua maioria os filhos e, especialmente, o esposo de D. Marine são católicos praticantes. O primogênito do casal é seminarista prestes a ser ordenado sacerdote católico. Todas essas circunstâncias eliminam a hipótese de uma pressão familiar, bem como justificam o comportamento cauteloso de D. Marine.

Vejamos, então, a possibilidade de haver um oculto

interesse financeiro. Essa hipótese é a menos sustentável diante da utópica possibilidade de obter fartos ganhos literários em nosso país. Parece-nos que, salvo pouquíssimos casos excepcionais, no Brasil há remotíssimas possibilidades de alguém auferir ganhos compensadores como escritor. Além disso, ao autorizar-nos, por escrito, incluir neste trabalho o seu excelente relatório, D. Marine também abriu mão de todos os direitos autorais. Ainda mais, fê-lo de forma espontânea sem outra exigência a não ser solicitar-nos manter seu próprio anonimato! Daí o pseudônimo **Marine Waterloo**.

Convém lembrar, ainda, que D. Marine jamais tentou entrar em contacto conosco ou com alguma outra organização de pesquisas paranormais visando dar ao presente caso um tratamento científico. Quem teve tal iniciativa foi o Sr. Luiz Antônio Brasil. Causou surpresa à D. Marine saber, posteriormente, que casos semelhantes já têm sido estudados com critério rigorosamente científico e sem implicações religiosas. Foi somente depois do seu relacionamento com o Sr. Luiz Antônio Brasil que ela passou a tomar contacto com essa área de investigações parapsicológicas. Portanto, ela não teria tido tempo nem capacidade técnica para elaborar uma trama tão coerente, apenas visando qualquer espécie de notoriedade, ou então para promover a divulgação do “Espiritismo científico”, criando uma ficção bem urdida acerca da reencarnação.

D. Marine é de origem exclusivamente católica quanto à sua formação cultural e religiosa. Seu esposo e seus filhos são católicos praticantes, inclusive Kilden Alexandre. Parece-nos óbvio que não deveria ser lógico de sua parte

criar uma ficção desse porte, com o intuito de obter proselitismo a favor de uma idéia tão inortodoxa e tão alheia à sua formação religiosa. Por quê? Em razão de quê?

Se houver algum outro motivo suficientemente forte, para supor-se favorável à hipótese de fraude, nós confessamos ignorá-lo totalmente e até apreciaríamos conhecê-lo. Entretanto, como resultado do nosso relacionamento pessoal com D. Marine Waterloo e sua família, podemos garantir, sem nenhum receio, que se trata de pessoas da melhor qualidade no que diz respeito à honestidade, à bondade e à modéstia. Seriam incapazes de qualquer falsidade.

INFORMAÇÃO DIRETA E CRIPTOMNÉSIA

Criptomnésia (Gr. *Kryptos* = oculto; e *mneme* = memória) significa, literalmente, **memória oculta**. Em Parapsicologia, quer dizer: a possibilidade de gravarmos em nosso inconsciente toda a informação captada pelos sentidos; inclusive aquelas informações que não foram percebidas conscientemente. Incluem-se, também, os fatos vistos e vividos que se apagaram, aparentemente, da nossa memória consciente ou subconsciente. Em determinadas circunstâncias, a lembrança daquelas informações captadas subliminarmente, ou que foram completamente esquecidas, pode vir à tona do consciente. Nessa particular situação, uma pessoa pode tornar-se ciente de fatos e idéias aparentemente jamais vividos ou aprendidos.

Essa hipótese combinada – informação direta e criptomnésia – poderia servir para explicar casos de “aparente recordação reencarnatória”.

No caso de Kilden Alexandre, quando ele era bem novinho, poderia ter ouvido comentários detalhados a respeito do Pe. Jonathan. A criança, ainda que bem nova, teria gravado inconscientemente tais informações, as quais se mantiveram em forma de “memória oculta” (criptomnésia). Ao iniciar-se a fase elocutória (capacidade de exprimir-se por palavras), o garoto repetiu aquilo que teria ouvido e registrado em seu inconsciente, causando aquele assombro à sua mãe. Daí por diante, os comentários iriam reforçando a carga de informações, e provocando a manifestação do fenômeno, de maneira crescente.

Essa categoria de explicação é facilmente aceita, pela sua engenhosidade e aparência de lógica, simplicidade e aspecto científico. Chega a ser considerada irrefutável e até óbvia, do tipo “ovo de Colombo”.

Entretanto, ela seria dificilmente defensável à vista dos fatos aqui analisados. Se a criptomnésia funcionasse assim com tamanha facilidade, não haveria mais analfabetos e íncios no mundo.

Outra objeção séria, a ser considerada no presente caso, é a do significado das palavras. Uma palavra não consiste apenas em um som articulado. Para que ela produza o efeito de uma informação, é necessário que esteja associada a um fato percebido e constituindo um reflexo do segundo sistema de sinalização, ou equivalente a um outro vocábulo com igual significado para aquele que a ouve. Uma criança muito nova pode gravar os sons e sua articulação em forma de palavras ou frases. Porém, para ela só terá sentido quando for capaz de associá-las aos fatos percebidos pelos sentidos.

Uma criança muito nova dificilmente conseguiria **entender** o significado da palavra **padre**, por exemplo, sem ter visto um sacerdote e aprendido a relacionar aquele vocábulo com o indivíduo portador das vestes sacerdotais. Mais difícil, ainda, seria a criança associar a palavra **padre**, a uma situação pessoal: “Eu sou o Padre!” (Ver item 2, da **Tabela das Primeiras Recordações do Paciente**).

Admitamos que, apesar de todas as dificuldades já apontadas, Kilden fosse capaz de tamanha proeza, aos dois anos de idade. Seria necessário demonstrar que, realmente, as conversas detalhadas sobre o Pe. Jonathan, de fato, foram tão freqüentes assim. Quando Kilden nasceu, já haviam se passado oito anos desde que o Padre falecera. Não caberia justificativa para conversas tão recorrentes e detalhadas sobre aquele sacerdote, especialmente referências ao pseudônimo combinado entre ele e D. Marine Waterloo: Alexandre. Era uma coisa íntima entre duas pessoas que se estimavam muito. Naturalmente, se algum comentário se fizesse acerca do sacerdote, o seu nome, Jonathan e não o pseudônimo Alexandre, seria o realmente falado nas conversas a seu respeito. Onde, pois, aquele garotinho de dois anos foi descobrir que o Pe. Jonathan tinha o apelido íntimo de Alexandre? Lembrem-nos das suas expressões (item 2):

“– Eu não sou Kilden, boba! Eu sou o Padre! Eu sou Alexandre!”

D. Marine estava tão alheia ao extraordinário significado daquelas palavras, que declarou não as haver interpretado naquela época. Para ela nada representavam. Logo, não parece que suas conversas, então, tivessem como

assunto freqüente os episódios do seu tempo de colégio e os seus diálogos com o Pe. Jonathan. E ainda que assim fosse, a quem ela confiaria as suas intimidades, a ponto de revelar o apelido Alexandre, combinado entre ela e o Pe. Jonathan?

Outro enigma seria explicar porque Kilden, aos dois anos de idade, insistia tanto que ele era Alexandre, que ele era o Padre! Isso a informação direta e a criptomnésia, talvez não possam explicar facilmente, sem que se façam maiores concessões, ainda, às possibilidades dessa hipótese.

Mas, vamos admitir que, excepcionalmente, tal fato ainda seja explicável naturalmente, apesar das objeções acima apontadas. Assim mesmo, iremos esbarrar com dificuldades maiores ainda. Se não, vejamos:

Quando D. Marine obteve notícias do falecimento do Pe. Jonathan, a informação que ela e seu esposo tiveram foi recebida através do rádio. Vamos transcrever o trecho do relatório de D. Marine, que se refere a esse episódio:

“– Entrei em casa. Mal, porém, fechei a porta, Marcinho, que estava ouvindo um programa da Rádio Guarani, saiu à rua e chamou-me. Voltei ao armazém.

– Como era mesmo o nome daquele Padre, seu amigo? Perguntou-me, desligando o rádio.

– Padre Jonathan – respondi.

– Ele acabou de falecer em um Pronto-Socorro de BH. Foi vítima de um acidente de carro na Avenida Amazonina. Seu estado piorou de ontem para hoje, vindo a falecer”.

Foi essa a informação que D. Marine registrou em seu diário íntimo, naquela ocasião. A causa da morte do Pe.

Jonathan foi um **acidente de carro**.

Outra circunstância relevante: a cidade em que ela e o marido residiam era distante aproximadamente 200km de BH. O acidente não poderia ter repercutido imediatamente e daí haver-se espalhado com todos os detalhes, porquanto o Padre não era tão conhecido assim, ali onde ele morava. Logo, ninguém iria poder comentar com D. Marine os pormenores do acidente. Ela contentou-se com a informação, **acidente de carro** e, só muitos anos depois, ficou ciente dos detalhes do desastre, quando procurou informar-se, escrevendo para Inspetoria SJB, em BH, onde o Pe. Jonathan passou seus últimos anos. Até então, já se haviam escoado muitos anos e Kilden estava com cerca de quatro ou mais anos de idade. Após algum tempo, D. Marine recebeu a biografia do Pe. Jonathan, na qual constavam detalhes do acidente:

“– Indo no dia 30 de maio à Prefeitura para conseguir algum melhoramento para os bairros, na Av. Amazonina foi atropelado por um caminhão, desgovernou-se a Vespa e chocou-se com um Volks que esperava abrir o sinal, caindo com a cabeça no asfalto, fraturou o crânio...”

Quando Kilden, aos três anos, revelou à D. Marine os detalhes do acidente que lhe causou a morte em sua vida prévia, ela não conhecia tais pormenores. Sabia apenas que o Pe. Jonathan havia sido vítima de um acidente de carro. Esse foi um dos motivos que a levou a consultar a Inspetoria SJB em BH. Ela queria certificar-se da realidade das explicações que lhe deram os Diretores do Centro Espírita, quando os procurou para relatar-lhes o que seu filho Kilden lhe havia revelado (Ver item 3 da **Tabela das**

Primeiras Recordações do Paciente).

No mês de julho de 1994, aproveitamos a oportunidade uma viagem a Minas Gerais, de ilustre médico psiquiatra nosso amigo. Pedimos-lhe que entrevistasse a Família de Kilden. No dia, vinte e três de julho, ele fez uma entrevista filmada e gravada com D. Marine, seu esposo e filhos. Entre as questões que foram apresentadas à D. Marine incluía-se a concernente ao seu conhecimento dos detalhes do acidente que vitimou o Pe. Jonathan. Ela confirmou que, na ocasião em que o seu filho Kilden lhe revelou os detalhes do desastre, ela não os conhecia. Ficou sabendo da exatidão dos mesmos, após haver escrito, bem mais tarde, à Inspetoria da Congregação e, de lá, ter recebido a biografia do Pe. Jonathan.

Como se vê, há fortes evidências de que, se houve algum comentário a respeito do Pe. Jonathan, durante o período dos três primeiros anos da vida de Kilden, nenhum deles poderia ter fornecido detalhes suficientes para justificar a hipótese de informação direta e criptomnésia.

Vejamos, a seguir, outra hipótese também evocada para explicar tais casos que sugerem reencarnação.

TELEPATIA, ESP E SUPER-ESP

A percepção extrasensorial (ESP) tem sido adotada como explicação para um grande número de fatos da área paranormal. Ela tem servido para esclarecer principalmente os casos de transcomunicação mediúnic, (TCM), reduzindo-os a meras captações telepáticas do médium, nas mentes dos familiares e amigos do

personagem falecido, o qual se supõe estar comunicando através daquele sensitivo. Foi justamente esta hipótese que levou o Dr. Joseph Banks Rhine (1895-1980) e seus colegas a darem outro rumo às pesquisas parapsicológicas, suspendendo provisoriamente o estudo que vinham fazendo sobre o material mediúnico submetido, inicialmente, à análise daquela equipe de investigadores (Goldstein, 1985).

Para os casos que aparentam reencarnação, como este que ora investigamos, a hipótese da ESP também tem sido frequentemente evocada. Os adeptos dessa modalidade de explicação reducionista acham dispensável a tese da reencarnação. Eles consideram que essa hipótese exige um princípio que postula a sobrevivência após a morte, bem como a existência do Espírito. Segundo os reducionistas, nenhum desses postulados foi cientificamente demonstrado. Portanto, tais premissas complicam a solução proposta, uma vez que o método científico pede que se adotem as prescrições de William of Ockham (1300-1349). Entre outras coisas, Ockham recomenda que as hipóteses mais aceitáveis sejam aquelas que exigem o menor número de postulados, ou suposições, a priori (*Navalha de Ockham*): *Entia non sunt multiplicanda praeter necessitatem*. Isso significa: “Os princípios não devem ser multiplicados além da necessidade”.

Ora, a ESP já foi demonstrada, experimentalmente, em laboratório. Portanto, ela representa um fato científico e não uma suposição. A existência do Espírito e a sobrevivência, segundo os próprios parapsicólogos ortodoxos, ainda não foram demonstradas cientificamente.

Por isso, eles consideram como explicação mais simples, para os casos de manifestações mediúnicas e igualmente para as “supostas recordações reencarnatórias”, a telepatia, ou melhor, a ESP.

Para alguns aficionados da Parapsicologia, as explicações através da ESP vão mais longe, pois eles admitem a possibilidade da “super ESP”. De acordo com essa modalidade de percepção extrasensorial, não há limites de tempo, nem de espaço, para as possibilidades de cognição direta da mente humana, simplesmente por meio da “super-ESP”.

Não queremos abusar da paciência do leitor, estendendo-nos mais demoradamente, no intuito de reduzir, também, às suas devidas proporções os reais valores dessas hipóteses. Para os que tiverem mais interesse neste assunto, pedimos licença para recomendar a leitura das pp. 57 a 63, da obra de nossa autoria: *Reencarnação no Brasil* (Matão: Casa Editora O Clarim”, 1988). No intuito de facilitar ao leitor menos exigente, ousamos transcrever o seguinte trecho da obra acima citada:

“Sem dúvida, as possibilidades da super-ESP são fascinantes. Ela constituiria a chave para explicar tudo e todos os fatos da área dos fenômenos psi-gamma.

“A este respeito, o Dr. Karlis Osis, da American Society for Psychical Research, faz os seguintes comentários:

“– Uma das mais fascinantes características da ESP é que ela pode vencer longas distâncias no espaço, e aparentemente no tempo, penetrando o futuro.”

“A seguir, Karlis Osis comenta acerca das conseqüências de semelhantes características, dizendo que

‘esta aparente soberania da ESP sobre o espaço e o tempo excitou, durante séculos, a imaginação criadora de pesquisadores e filósofos’. Para estes, a ESP encarada sob tal ângulo ‘restitui ao homem muito da dignidade e grandeza perdidas nos modernos conceitos científicos da personalidade’.”

Entretanto, tanto quanto outros investigadores que tiveram contacto direto com a pesquisa da ESP, Karlis Osis mostra-se céptico acerca dessa questão:

“– O problema do espaço-tempo demonstrou ser (a ESP) um dos mais perigosos engodos na Parapsicologia, porque tentou os pesquisadores a especular muito além daquilo que nosso conhecimento da ESP baseado nos fatos permite.”

“Segundo Osis, o nosso conhecimento dos fatos a respeito da ESP, relacionado com o espaço e o tempo, é ainda precário. Além disso, esses fatos **‘estão emaranhados com uma multidão de outras variáveis inseparavelmente implicadas nos dados.’**” (Osis, 1965).

“Karlis Osis tem autoridade para opinar sobre essa questão, porque ele fez inúmeras pesquisas a respeito da influência da distância sobre a captação por ESP. Além disso, ele se baseou em inúmeros outros trabalhos de vários investigadores, chegando à conclusão de que a distância tem influência na captação ou transmissão por ESP. Por conseguinte, é temerário e inconsistente com os fatos afirmar-se que não há barreiras de espaço e tempo capazes de influenciar a percepção extrasensorial. A eventual manifestação de super-ESP por parte de um sensitivo excepcional apenas seria concernente à acuidade de sua própria função paranormal. Teríamos uma analogia no

concernente à capacidade de resolução de um telescópio ou de um microscópio. Mas isso não derogaria a lei física do inverso do quadrado das distâncias, que governa a distribuição da intensidade luminosa partida de um foco de luz.” (Andrade, 1988, pp.60 e 61)

Não pretendemos, *ab initio*, negar a realidade ou o valor da ESP, na explicação de fatos paranormais semelhantes aos que focalizamos, inclusive o próprio caso que o analisamos. Certamente, a ESP poderia servir como a hipótese mais econômica para algumas de suas passagens. Entre estas, destacamos como exemplo os itens 4 e 5 da **Tabela das Primeiras Recordações do Paciente:**

“Reconheceu espontaneamente, em uma fotografia, os lugares onde, como Pe. Jonathan, houvera se encontrado com D. Marine, nos tempos do colégio das Irmãs”.

Nesse episódio, Kilden e Kildary, seu irmão mais velho, apanharam um postal que caíra acidentalmente quando D. Marine tirava vários papéis de dentro de uma grande mala.

Tanto o item 4 como o item 5 poderiam ser explicados pela telepatia (ESP), pois D. Marine achava-se ali presente quando os garotos apanharam a foto. Ela própria observava o comportamento dos meninos que contemplavam a fotografia. Entretanto, não fica bem esclarecido por que apenas o Kilden foi o único que manifestou tanto interesse pelas figuras, chegando a apontar com o dedo os locais mais ligados ao drama vivido entre o Pe. Jonathan e D. Marine. Não explica, também, por que somente Kilden, e não Kildary, “captou” o pensamento de D. Marine. Naquele momento, D. Marine revelou ter sentido profunda saudade do Pe. Jonathan.

Os pormenores do item 5, especialmente o diálogo de D. Marine com Kilden, tornam-se ainda menos explicáveis pela ESP. Quando se consideram as dificuldades para estabelecer-se, em laboratório, a evidência da ESP, sente-se pouco inclinado a admitir tamanha facilidade de relacionamento telepático, a ponto de permitir um diálogo. Além disso, para eleger-se a hipótese da ESP a fim de explicar os demais itens, teríamos de introduzir muito mais postulados *a priori* do que a simples hipótese da reencarnação exige.

Como explicar pela telepatia os itens 1, 2, 3 e 6 da **Tabela das Primeiras Recordações do Paciente**? Como escapar à “Navalha de Ockham” nesses episódios?

Vamos mais adiante e examinemos os **Outros Detalhes Relevantes de Comportamento e Lembranças do Paciente**. Como aplicar a ESP nos itens de 1 a 20 e, especialmente, o item 19?

Além da insuficiência da ESP, para explicar os itens mencionados, ela se mostra totalmente inadequada para esclarecer a quase totalidade das respostas às perguntas pertinentes dos **Excertos do Questionário**.

Pensamos que bastam os exemplos apresentados para levar-nos a concluir que a hipótese da Telepatia, ESP e Super-ESP não serve para explicar cabalmente o caso Kilden & Jonathan.

MEMÓRIA GENÉTICA

Jean Baptiste Pierre Antonie du Monet de Lamarck nasceu em Bazantin, em primeiro de agosto de 1744 e

morreu em Paris, no dia dezoito de dezembro de 1829.

Lamarck teve uma vida rica de episódios interessantes e paradoxais, que bem serviriam para caracterizá-lo como um personagem genial e de inteligência polimorfa. Inicialmente, fora destinado a ser sacerdote; porém, aos dezesseis anos, optou pela carreira militar. Após ter sido ferido, resolveu abandonar as fileiras do exército, mudou-se para Paris e ingressou na Faculdade de Medicina. Daí em diante, tornou-se um naturalista mundialmente famoso.

Lamarck preocupou-se com a evolução dos animais e criou uma teoria que leva o seu nome. Em resumo, sua *Filosofia Zoológica* (1809) estabelece que: 1) O uso contínuo dos órgãos fortifica-os e promove o seu desenvolvimento ao passo que o seu desuso leva-os a se atrofiarem. 2) Os **caracteres adquiridos durante a existência dos seres vivos**, resultantes do exercício de suas funções orgânicas, transmitem-se às gerações sucessivas, por hereditariedade.

A transmissibilidade hereditária dos caracteres adquiridos tornou-se discutível e terminou por ser negada pela Ciência, após as descobertas de Alfred Russel Wallace (1823-1913) e Charles Robert Darwin (1809-1882).

Esses dois últimos naturalistas apresentaram, em conjunto, à Sociedade Linneana, em 1858, um comunicado cujo título era: *Sobre as Tendências das Espécies para Formar Variedades e Sobre a Perpetuação das Variedades e Espécies pelos Processos de Seleção Natural*.

Em vinte e quatro de novembro de 1859, Charles R. Darwin publicou a sua obra intitulada: *Sobre a Origem das Espécies pelos Processos de Seleção Natural ou A Preservação*

das Raças Favorecidas na Luta pela Vida. (Darwin, 1981 e 1982)

De acordo com as investigações de A. Russel Wallace e Charles Darwin os caracteres adquiridos pelos indivíduos durante a vida não se transmitem por hereditariedade aos seus descendentes. As variações ocorridas nos indivíduos de uma determinada linhagem, originam-se das alterações aleatórias sucedidas nos genes cromossômicos das células germinativas. Quando tais variações resultam em qualidades favoráveis à sobrevivência do mutante, tais caracteres novos tendem a manter-se ao longo dos seus descendentes, até que alterações genéticas ao acaso se efetuem novamente no decorrer das gerações posteriores. O mesmo processo de seleção dos mais aptos tende a vigorar sempre. Desse modo, as espécies vão sofrendo modificações, criando novas qualidades cada vez mais favoráveis e funcionais, seguindo um processo de evolução contínuo, bem como paulatina adaptação às condições do meio em que vivem.

Durante muitos anos, certas raças de cães vieram sofrendo o corte da cauda quando novinhos. Pois bem, seus descendentes nascem sempre com a cauda normal, sem atrofia ou outro sinal qualquer. Esse é um exemplo de que os caracteres e alterações fisiológicas adquiridos durante a existência de uma dada espécie não são transmissíveis por hereditariedade aos seus descendentes.

Entretanto, se determinados indivíduos sofrem, por exemplo, uma exposição demorada a radiações de alta energia, podem ocorrer alterações nos genes cromossômicos de suas células sexuais. Nesse caso, poderá ocorrer, em seus descendentes, o aparecimento de

caracteres novos, favoráveis ou desfavoráveis. Mas tais mutações serão imprevisíveis e não corresponderão a nenhuma modificação na forma e qualidade somática dos genitores.

Quando se fala em **memória genética**, como explicação para os casos que sugerem reencarnação, como o que ora analisamos, deve entender-se que poderia ter havido uma transferência hereditária da experiência psíquica adquirida, dos genitores para os seus descendentes.

No caso de Kilden Alexandre, por exemplo, será que as recordações dos momentos dramáticos vividos intensamente por D. Marine teriam sido transferidos geneticamente para o seu filho?

Essa hipótese, conquanto possa parecer absurda por representar uma tentativa de revalidar a teoria de Lamarck, tem sido evocada, também, para substituir a da reencarnação. Os adeptos da explicação baseada na memória genética apóiam-se sobretudo na **Psicologia Animal**. A esse respeito, fizemos minuciosa análise, na obra de nossa autoria: *Reencarnação no Brasil* (Andrade, 1988, pp.63-78). Indicamos essa fonte de informação para aqueles que se interessarem, mais de perto, pelo problema. Entretanto, achamos desnecessário repetir aqui os argumentos que usamos para refutar, simplesmente, a hipótese da memória genética, na forma em que se usa para explicar casos que aparentam reencarnação.

Mesmo que a memória genética funcionasse para “caracteres psíquicos adquiridos”, tal hipótese não conseguiria explicar nenhum dos itens da **Tabela das Primeiras Recordações do Paciente**, e nem dos **Outros**

Detalhes Relevantes, de Comportamento e Lembranças do Paciente, com exceção dos itens 8, 11, 16, 18 e 20. Portanto, consideramos totalmente desnecessário insistir nessa modalidade de explicação, por não servir, em absoluto, para o presente caso.

Passemos, então, à hipótese seguinte.

INCORPORAÇÃO MEDIÚNICA

Essa explicação poderia ser proposta por espiritualistas ou por parapsicólogos que já aceitam a existência e a comunicabilidade dos Espíritos, porém que não admitem a reencarnação, de um modo geral, ou, particularmente, no presente caso de Kilden Alexandre.

A hipótese da **incorporação mediúnica** poderia explicar vários itens das tabelas de recordações e de comportamento do paciente. Entretanto, exigiria que o fenômeno da incorporação, eventualmente ocorrido com Kilden, assumisse características inusitadas de possessão permanente e de ausência de sintomas de um transe dessas proporções.

Temos uma longa experiência pessoal (cerca de 50 anos) no trato com o fenômeno de incorporação mediúnica. De um modo geral, tal ocorrência vem acompanhada de alterações típicas na personalidade e postura do médium, que a tornam facilmente identificável. As descrições fornecidas por D. Marine, a respeito dos episódios ocorridos com Kilden, quando ele mais se identificava com o falecido Pe. Jonathan, não caracterizam, de forma alguma, uma incorporação mediúnica. Mesmo nos momentos em que ele afirmava ser o Padre e chamar-se

Alexandre, percebe-se apenas o comportamento de uma criança na fase confusa de recordações reencarnatórias. Se fosse uma incorporação mediúnica, ele procederia como adulto e diria: “Eu sou o Pe. Jonathan” – e nada mais, além de manter-se sereno e sem manifestações de irritação. (ver itens 1 e 2 da **Tabela das Primeiras Recordações do Paciente**).

O diálogo entre Kilden e D. Marine, por ocasião do episódio do banho (item 3 da mesma tabela), é um diálogo perfeitamente típico entre uma criança em estado normal e sua mãe. O linguajar empregado por Kilden mostra claramente a forma que qualquer garoto de três anos empregaria, para explicar o fato ocorrido, naquelas condições e com o seu reduzido vocabulário disponível. De forma alguma, caracteriza a comunicação de um adulto incorporado em um médium. Ele teria se identificado como Pe. Jonathan e usado outra linguagem. Além disso, não iria empregar a expressão: “Quando eu era Padre...” e sim: “Quando eu morri e me chamava Pe. Jonathan, etc. etc.” Se houvesse interesse da sua parte de se identificar e comunicar-se com D. Marine, seria mais lógico que ele o fizesse, apresentando-se com sua real identidade, e não como uma criança, tratando-a, inclusive por mãe.

A hipótese da **incorporação mediúnica** não explica, também, os demais itens da referida **Tabela das Primeiras Recordações do Paciente**.

Quanto aos **Outros Detalhes Relevantes de Comportamento e Lembranças do Paciente**, seria necessário que ocorresse uma possessão permanente, por parte do Espírito do Pe. Jonathan, no corpo de Kilden. Tal

suposição não resiste à lógica mais elementar.

Alem disso, durante a visita que fizemos à família do paciente, tivemos a oportunidade de privar-nos longamente com o jovem Kilden. Pudemos então observá-lo demoradamente. Ele não revelou nem o mínimo sinal de mediunidade e, muito menos, de ser um possesso em potencial. Mostrou-se um garoto vivo, inteligente e absolutamente normal.

Não acreditamos que a hipótese da incorporação mediúnica se preste para explicar o caso de Kilden Alexandre.

REENCARNAÇÃO

A crença na reencarnação exige que se admitam duas premissas: 1) A sobrevivência do Espírito após a morte do corpo físico. 2) O retorno do Espírito à vida corporal, através de um novo nascimento.

A negação da primeira condição elimina a possibilidade de aceitação da segunda. Entretanto, pode ocorrer que se acredite na sobrevivência após a morte, sem crer-se na possibilidade de o Espírito voltar à vida por meio de um novo nascimento aqui neste mundo.

Nessas circunstâncias não há como demonstrar cientificamente a realidade da reencarnação, fundamentando-se apenas em princípios teóricos. A evidência de apoio à idéia da reencarnação deverá partir dos fatos. Desse modo, os papéis se invertem. A demonstração empírica da realidade da reencarnação servirá de apoio à crença na sobrevivência após a morte e, *ipso facto*, na do próprio renascimento do Espírito.

A crença na reencarnação é muito antiga e parece ter-se originado, também, da observação e registro de casos bem comprovados de lembranças de vidas passadas, como o que estamos estudando nesta monografia.

Atualmente, não são somente os casos de pessoas que se recordam espontaneamente de terem vivido em uma ou várias existências anteriores, que têm chamado a atenção dos investigadores. Alguns pesquisadores vêm tentando despertar em pacientes comuns tais recordações, usando técnicas diversas como o hipnotismo, a associação de idéias, os tranSES, a meditação, as drogas, etc. Entre esses estudiosos da reencarnação distinguem-se duas categorias:

1) Os que usam a hipnose seguida de sugestões, no intuito de levar o paciente a regredir no tempo até ultrapassar a fase embrionária e atingir uma ou mais vidas anteriores. Visam apenas obter informações a respeito da reencarnação. (Lorenz, 1948; Bernstein, 1956; Guirdham, 1970 e 1973)

2) Psicoterapeutas que empregam o método da regressão às vidas passadas, objetivando obter a cura de certas doenças psicossomáticas, ou anomalias psíquicas. Atualmente, essa terapia encontra-se muito difundida. No mundo todo, contam-se às centenas os trabalhos publicados a respeito deste assunto. (Fiore, 1981; Netherton & Shiffrin, 1978; Pincherle e outros, 1985; Wambach, 1981, Tendam, 1990; Wiesendanger, 1994)

Embora essas categorias de investigação tenham fornecido apreciável soma de evidências em apoio à crença na reencarnação, elas têm, também sido objeto de críticas

por parte de cépticos, principalmente dos demais psicólogos e psiquiatras. Os mais radicais atribuem as alegadas recordações de vidas passadas às fantasias ou às rememorações de fatos vistos, lidos ou assistidos em filmes, novelas de TV etc, que ficaram sepultadas no inconsciente dos pacientes. Seriam o resultado da criatividade normal ou da criptomnésia.

Sem embargo de alguns casos comportarem explicações paralelas reducionistas, há aqueles que têm sido comprovados e, para os quais, a melhor explicação, por enquanto, seria a hipótese da reencarnação.

Dentre as categorias de investigação de casos que sugerem renascimento, aquela que nos pareceu ser capaz de fornecer maior evidência de apoio à idéia da reencarnação é a que estuda os casos de recordações de vidas passadas manifestada em **crianças de pouca idade**.

Um dos pioneiros neste tipo de investigação foi o Prof. Hemendra Nath Banerjee (1931-1985). Quando o conhecemos pessoalmente em 1970, o Prof. Banerjee já havia coletado cerca de seiscentos casos de crianças portadoras de recordações de vidas passadas. (Banerjee, 1964, 1965, 1974, 1979, 1980, 1986)

Atualmente, o maior investigador de casos de reencarnação dessa categoria é o Prof. Dr. Ian Stevenson, da Universidade de Virgínia, em Charlottesville, EUA. O Dr. Ian Stevenson é médico psiquiatra e professor aposentado da cátedra Carlson de Psiquiatria da Faculdade de Medicina daquela Universidade. Ele iniciou suas pesquisas em 1961, quando viajou para a Índia a fim de estudar casos que sugerem reencarnação ocorridos

naquele país. Daquele ano até agora, o Dr. Stevenson estendeu suas investigações aos casos de mesma categoria ocorridos em diversos outros países além da Índia, inclusive aqui no Brasil. Atualmente, sua enorme coleção desses casos sobe a mais de dois mil e quinhentos. Esse cientista tem várias obras publicadas contendo os relatos de semelhantes ocorrências, minuciosamente analisados. (Stevenson, 1966, 1974, 1975, 1977a, 1980, 1983, 1987)

O Dr. Ian Stevenson goza, atualmente, de grande respeito no meio científico. A prova desse fato é a receptividade que seus trabalhos têm tido da parte de alguns periódicos de reconhecido prestígio como o *Journal of Nervous and Mental Disease*. (Stevenson, 1977b)

Por esses poucos exemplos, vê-se que a hipótese da reencarnação não é um mero dogma religioso e nem idéia gratuita, nascida de suposições sem fundamento, arbitrariamente inventadas para tentar explicar fatos enigmáticos. A reencarnação já era conhecida até entre os egípcios e outros povos antiquíssimos. Pitágoras (570-496 a.C.) trouxe essa idéia do Egito para a Grécia. (Muller, 1970, pp.20-23).

Isto posto, vamos passar à avaliação dos resultados, pela aplicação da hipótese da reencarnação como explicação para o caso que ora analisamos.

Admitindo-se que Kilden seja a reencarnação do Pe. Jonathan, todos os itens da **Tabela das Primeiras Recordações do Paciente**, bem como todos os itens dos **Outros Detalhes Relevantes de Comportamento e Lembranças do Paciente** ficariam plenamente justificados. Vale acrescentar que até certos detalhes mínimos, como

os seguintes, seriam esclarecidos: 1) O período de intermissão, de sete anos onze meses e vinte e quatro dias, entre a morte do Pe. Jonathan e o nascimento de Kilden está dentro da média estatística das crianças que trazem recordações de vidas anteriores, aqui no Brasil e no mundo. (Goldstein, 1991) 2) Certos episódios ocorridos mesmo após o desaparecimento das lembranças e concernentes ao comportamento de Kilden, são perfeitamente explicáveis; por exemplo: a) suas tendências religiosas; b) o item 19 dos **Outros Detalhes Relevantes de Comportamento e Lembranças do Paciente**, no qual ele descreve uma experiência de EQM. 3) Alterações nos hábitos alimentares de D. Marine Waterloo durante a gravidez, comparáveis com os do Pe. Jonathan (ver pergunta n. 5 dos **Excertos do Questionário**).

Em uma releitura da **Análise das Evidências** – Cap. II – considerando a validade da hipótese reencarnacionista, o leitor perceberá nitidamente a compatibilidade dessa posição com a natureza dos fatos ocorridos.

Em suma, a hipótese da reencarnação é a que, até agora, melhor se apresentou como completa elucidação para todos os pormenores deste caso. Salvo eventuais outras explicações mais adequadas, a hipótese da reencarnação é ainda a que melhor se adapta como justificativa para os detalhes do caso de **Kilden & Jonathan**. Há pois, fortes evidências de que **Kilden** seja a reencarnação do **Pe. Jonathan**.

CAPÍTULO IV

Epílogo

De repente, Partiste

(Para J.)

De repente,
Disseste adeus,
e a Matéria Bruta
te transformou...
De repente,
foste adormecendo,
um caos te envolvendo
e tudo se acabou...

De repente!
Tão de repente,
que nem acreditei!
Mas, a Vida
é feita de repentes
e nossos sonhos
ficam dependurados,
vendo os corpos queridos
sendo, um dia, ceifados...
Não.

Teu corpo não me disse adeus...
Porém, tua alma,
até mim, voou,
me chamou
e sorriu!
E disse-me que tudo cessou...
que nova vida floriu!...

Sem compreender
o esplendor da eternidade,
chorei tanto!
Quantas vidas inúteis!
Logo tu,
a morte levou ao pó?

Mas, da rósea Mansão,
a mim,
estendeste a mão
e, resplandecente,
pude ver-te!
Não mais o sofrimento...
Não mais a pobreza,
nem a dor
pelas dores do mundo!

Disseste-me que estás bem
e que um dia,
para a Eterna Alegria
irei também!

(Marine Waterloo)

UMA EXPLICAÇÃO

O leitor poderá estranhar o epílogo escolhido para encerrar o presente trabalho. Tratando-se de uma monografia que pretende ser sistematicamente científica, a rigor deveria ou terminar no final do III Capítulo – anterior a este – ou ter o estilo frio e formal de uma conclusão racional e objetiva.

Sem dúvida, este trabalho, como os demais já divulgados por nós acerca de casos que sugerem reencarnação, obedeceu ao mesmo critério ético de rigorosa seriedade e imparcialidade aplicado aos que o precederam e foram já divulgados.

Entretanto, o presente caso contém, além de seu aspecto puramente científico, uma componente de natureza sentimental, dramática e profundamente humana. Nele estão envolvidas duas criaturas ligadas por fortes laços de mútua afeição. Uma vez evidenciada a realidade da reencarnação, pelo menos no caso que ora estudamos, parece-nos ressaltar, com inusitada clareza, a perenidade dos sentimentos que intervêm nas relações humanas. E, como pode facilmente observar-se, o principal ingrediente da complexa composição daquilo que se entenderia pela palavra *karma*.

Se substituirmos os laços do amor pelos grilhões do ódio, iremos compreender melhor o mecanismo de grande parte dos dramas existenciais dos grupos humanos, das tragédias sociais e, talvez, das hecatombes bélicas que há milênios flagelam as criaturas deste agitado Planeta Terra.

Temos suficiente experiência no trato com o *establishment* científico, para calcular o risco que corremos de invalidar

o presente trabalho, ou de reduzir-lhe o valor e credibilidade, pelo simples fato de destacar-lhe esse aspecto. Sabemos, sobejamente, que uma obra que aspira a ser rigorosamente científica deve ser, por seu turno, **fria** e **imparcial**, além de absolutamente consentânea com os fatos e com o **sistema**. Qualquer deslize ou descuido na forma de apresentá-la poderá decretar-lhe a pena máxima da desmoralização.

Entretanto, acreditamos ser também justificável tratarmos deste particular, no presente caso.

ENTRELINHAS...

Das inúmeras cartas recebidas de D. Marine Waterloo, bem como das respostas ao questionário a ela submetido, nota-se um fato interessante e digno de reflexão: Apesar de estar convecida de que seu filho Kilden é a reencarnação do Pe. Jonathan, emocionalmente ela mantém dois tipos de afeição votados a duas personalidades. D. Marine ama maternalmente ao Kilden, como naturalmente uma boa mãe ama seu filho. Entretanto, ela ainda conserva a profunda afeição que votava ao Pe. Jonathan, dele sentindo imensa saudade!

Como explicar essa dictomia sentimental?

Esse fato ensina-nos que há uma diferença real, embora **formal**, entre as **personalidades** manifestadas por um mesmo **Espírito** em suas sucessivas encarnações. Dissemos formal, no sentido das causas que originam os seres. Lembramos aqui as quatro categorias definidas por Aristóteles: causa material, **causa formal**, causa eficiente e causa final. É a forma e não a substância, aquilo que, em

nós, produz a imediata noção de diferença entre as personalidades assumidas por um mesmo Espírito em suas diversas encarnações. Por isso, podemos amar de maneiras diferentes a um mesmo Espírito, dependendo das **personalidades** por ele manifestadas quando encarnado. Essa, talvez, a razão da dualidade de sentimentos apresentada por D. Marine Waterloo, relativamente ao Pe. Jonathan e a Kilden.

O nosso Espírito é uma **individualidade** que passa de encarnação a encarnação, enriquecendo paulatinamente o seu cabedal de informação e experiência. Cada vida é uma lição aprendida; é também um passo a mais, dado em direção à sua libertação da necessidade de retornar ao *samsarâ* (círculo vicioso das reencarnações sucessivas). Por conseguinte, a individualidade também se modifica e, geralmente, se aprimora; evolui. Pode, também, estacionar e até regredir moralmente, mas é raro.

Quando não orientado por forças superiores, a tendência do Espírito é retornar ao mesmo grupo de individualidades afins. Nesse caso, o grupo vai prosseguindo em sua romagem pelo tempo e pelo espaço, entrelaçando as suas histórias, os seus dramas, os seus *karmas*. Os ódios, as vinganças, os interesses, as afinidades, as amizades e os amores constituem o objetivo de quase todas as reencarnações. É a causa final que atrai os Espíritos para a experiência de um novo nascimento.

Neste ponto, lembramo-nos das palavras de Buddha:

“Que pensais vós, ó discípulos, o que seja maior; as águas do vasto oceano ou as lágrimas que tendes vertido enquanto errais nesta longa peregrinação, precipitando-

vos de novos nascimentos a novas mortes, unidos a quem odiais, separados de quem amais?” (Samyutta Nikaya)

Parece-nos que o caso que ora estudamos é apenas um detalhe mínimo de um drama muito mais vasto; a “ponta de um *iceberg*...”

Vamos repetir uma passagem do Relatório de D. Marine Waterloo:

“A noite ia alta, e sob a janela, podia-se observar a Lua no céu límpido. As estrelas, tão distantes, banhadas em luar não eram tão belas quanto as folhas das palmeiras perto do dormitório. O gramado do pátio parecia cintilar e, no silêncio noturno, cortado apenas pelo rressonar das minhas colegas, meus dedos começaram a se engrossar, os braços e o corpo... A respiração cortada, quase que de minuto em minuto, por uma ânsia estranha que parecia a morte. Sentei-me no leito e deitei-me em seguida. Tentei respirar fundo, voltada para a janela, todavia, uma fraqueza nos joelhos e nos braços deixou-me quase paralisada. Abri a boca, querendo engolir a maior quantidade de oxigênio possível. Tudo em vão. Aquele mal não era novidade para mim, porém a cada vez que acontecia, deixava-me mais apavorada.

“Durante os minutos que durava esse fenômeno bizarro, um luar diferente invadia a minha memória; um casarão, como se fosse um palácio opulento, esboçava-se-me e um quarto luxuoso, porém sem mostrar muitos detalhes... Nesse quarto uma cena repugnante que eu não conseguia entender (que, todavia, era obrigada a aceitar) e um homem muito branco, esquisito, parecendo anormal...

“Tais cenas não se passavam nitidamente, obrigando-

me a torturar minha memória, no intuito de descobrir alguma passagem semelhante na minha infância, ou em alguma leitura qualquer, feita por mim. Não era leitura nem coisa de infância, eu era adulta, dona daquele quarto luxuoso, figura principal naquela claridade absoluta.

“Era algo real, vivido por mim e que a memória não dava conta de alcançar totalmente...”.

Em carta posterior a nós endereçada, D. Marine relatou com mais minúcias tais experiências de aparente recordação de cenas presenciadas em supostas existências anteriores. Eis um pequeno trecho dessa carta escrita dia dezanove de junho de 1994:

“Gostaria muito de ter um conhecimento do meu passado. Sinto que tenho algumas pontinhas que, se fossem puxadas, dariam para elucidar muitas coisas. Creio também que sou um Espírito muito antigo, que já passei milhares de vezes por este Planeta e me desenvolvi pouco”.

É óbvio que, se a reencarnação é uma lei da natureza, como parece realmente ser, todos os seres viventes, especialmente os da nossa espécie, já devem ter renascido inúmeras vezes. Mas há pessoas que têm, em maior grau, essa sensação de ter vivido anteriormente. Algumas recordam-se melhor do que outras. Não obstante, há aquelas para as quais semelhantes “recordações” jamais lhes afloraram à imaginação.

Seriam, as referidas “recordações de vidas passadas”, uma espécie de fantasia?

Acreditamos que a maioria seja mesmo produto de criações mentais, desejos reprimidos que se liberam por meio desse tipo de devaneio; influência da moda – hoje em

dia fala-se muito a respeito desses assuntos.

Porém, há casos que sugerem a realidade de um novo nascimento, como este de **Kilden & Jonathan**. O Dr. Ian Stevenson e o Prof. Hemendra Nath Banerjee chegaram a detectar milhares de exemplares dessa natureza de ocorrência.

E como explicar-se o sucesso de algumas curas realizadas por meio da **regressão a vidas passadas**?

SERIA, O AMOR, COMO A PRIMAVERA?

Qual a causa – ou causas – capaz de facilitar as recordações de presumíveis vidas anteriores? Seriam os dramas violentos, os sofrimentos, as tragédias, os romances de amor?

No caso **Kilden & Jonathan** que acabamos de estudar, parece que uma afeição pura e intensa pode ocasionar o retorno do Espírito à carne, em busca do objeto de seu amor.

Se tal fato for uma regra geral, as criaturas que se amam sinceramente e que se viram bruscamente separadas pela morte do parceiro não devem desesperar-se. Assim os pais que perderam os filhos, a esposa que perdeu o marido, os namorados separados pela morte de um dos companheiros, enfim, todos os que choram de saudade dos entes queridos que se foram para o Além devem enxugar suas lágrimas.

Eles não desapareceram para sempre, pois há muita evidência de que o **Amor é como a Primavera**, ambos sempre retornam...

FIM

Referências Bibliográficas

- ANDRADE, H.G. (1976). *Jacira & Ronaldo: Um Caso que Sugere Reencarnação*: (Monografia) São Paulo: IBPP. (esgotado) Ver também: *Reencarnação no Brasil*; Matão: Casa Editora O Clarim – Cap. III, pp. 82-124, 1988a.
- _____. (1983). *Morte, Renascimento, Evolução*. São Paulo: Pensamento.
- _____. (1984). *Espírito, Perispírito e Alma*. São Paulo: Pensamento.
- _____. (1986). *Psi Quântico*. São Paulo: Pensamento
- _____. (1988a). *Reencarnação no Brasil*; Matão, SP: Casa Editora O Clarim.
- _____. (1988b). *Poltergeist: Algumas de Suas Ocorrências no Brasil*; São Paulo: Pensamento.
- BANERJEE, Hemendra Nath (1964). *Munesh: Report of the Case Suggestive of Extra-Cerebral Memory*. Jaipur, Índia: University of Rajasthan.
- _____. (1965). *Review of a Case-History Suggestive of Extra-Cerebral Memory*. (Prabhu – Report of the Case Suggestive of Extra-Cerebral Memory); Jaipur, Índia: Rajasthan University Press.
- _____. & OURSLER, W. (1974). *Lives Unlimited*. New York: Doubleday.
- _____. (1979). *The Once and Future Life*. New York: Dell.
- _____. (1980). *American Who Have Been Reincarnated*. New York: Macmillan Publishing.
- _____. (1986). *Vida Pretérita e Futura*, trad. Sylvio Monteiro; Rio de Janeiro: Nórdica.
- BERNSTEIN, Morei (1956). *The Search of Bridey Murphy*. London: Hutchinson 1956; New York: Doubleday, Garden City, 1965 ed. revisada; São Paulo: Pensamento, s.d.
- DARWIN, Charles (1981). *A Origem das Espécies*, trad. Eduardo Fonseca; São Paulo: Hemus
- _____. (1982). *A Origem das Espécies*, (ilustrada), condensada e com

- introdução de Richard E. Leakey; São Paulo: Univ. de Brasília/ Melhoramentos.
- FIGORE, E. (1978). *Já Vivemos Antes*. Portugal: Europa-América.
- FODOR, Nandor (1974). *Encyclopaedia of Psychic Science*. USA.
- GOLDSTEIN, Karl W. (1985). "A Moderna Parapsicologia", *Folha Espírita*, Ano XII, junho de 1985 n. 135, São Paulo.
- _____. (1991). "Quanto Tempo Dura a Morte?", *Folha Espírita*, Ano XVIII, dezembro de 1991 n. 213, São Paulo.
- GUIRDHAM, Arthur (1970). *Os Cátaros e a Reencarnação*. São Paulo: Pensamento.
- _____. (1973). *Entre Dois Mundos*. São Paulo: Pensamento.
- LEVINE, Stephen (1992). O que Sobrevive?, in Gary Doore. *Explorações Contemporâneas da Vida Depois da Morte*. São Paulo: Cultrix.
- LORENZ, Francisco Valdomiro (1948). *A Voz do Antigo Egitó*; Rio de Janeiro: FEB.
- MERCIER, Évelyne-Sarah (1992) *La Mort Transfigurée*; Paris: L'Âge du Verseau.
- MOODY Jr., Raymond A. (1975). *Vida Depois da Vida*. Rio de Janeiro: Nórdica.
- _____. (1977). *Reflexões Sobre Vida Depois da Vida*. Rio de Janeiro: Nórdica.
- _____. (1988). *A Luz do Além*. Trad. Celso Vargas, 1a. edição. Rio de Janeiro: Editorial Nórdica.
- _____. (1992) – *Investigando Vidas Passadas*; São Paulo: Cultrix.
- MORSE, Dr. Melvin & PERRY, Paul (1990). *Do Outro Lado da Vida*; Rio de Janeiro: Objetiva.
- MULLER, Dr. Karl E. (1970). *Reincarnation Based on Facts*. London: Psychic Press.
- _____. (1978). *Reencarnação Baseada em Fatos*, trad. Harry Meredig; São Paulo: EDICEL, (ver pp.21-25)
- NETHERTON, Morris & SHIFFRIN, Nancy (1978). *Past Lives Therapy*. New York: William Morrow.
- OLDENBERG, H. (1921). *Le Bouddha, Sa Vie, Sa Doctrine, Sa Communauté*; Paris: Félix Alcan.
- OSIS, Karlis (1965). "ESP Over Distance" *Journal of the American Society for Psychical Research*, vol. 59, January, 1965.
- PINCHERLE, L.T.; LYRA, A.; SILVA, D.B.T.; GONÇALVES, A.M. (1985). *Psicoterapias e Estados de Transe*. São Paulo: Sumus Editorial.
- PLAYFAIR, Guy Lyon (1976). *The Indefinite Boundary*; Londres; Souvenir Press.
- RAWLINGS, Maurice (1979). *Beyond Death's Door*. New York: Bant

Books.

- KING, Kenneth (1992). *The Omega Project*. 1ª edição. New York, N.Y.: William Morrow and Company, Inc.
- RITCHIE, George & SHERRILL, Elisabeth (1980). *Voltar do Amanhã*. Trad. Gilberto Campista Guarino, 1a. edição. Rio de Janeiro: Editorial Nórdica.
- RUYER, Raymond (1974). *La Gnose de Princeton*; Paris: Fayard.
- RUYER, Raymond (1989). *A Gnose de Princeton*, trad. Liliane Barthod; São Paulo: Cultrix.
- SABOM, Michael B. (1982). *Recollections of Death*. London: Corgi Books.
- SIDGWICK, Eleanor Mildred; GURNEY, Edmund; MYERS, Frederick W.H.; PODMORE, Frank (1975). *Perspectives in Psychical Research*. New York: Arno Press e University Books. (Esta obra reúne dois livros com o mesmo título: *Phantasms of the Living*.)
- STEVENSON, Ian (1974). *Twenty Cases Suggestive of Reincarnation*. Second edition, revised and enlarged; Charlottesville: University Press of Virginia.
- _____. (1975). *India Cases of Reincarnation Type*. Vol. I – *Ten Cases in India*; Charlottesville: University Press of Virginia.
- _____. (1977a). *Sri Lanka Cases of Reincarnation Type*. Vol. – *Ten Cases in Sri Lanka*; Charlottesville: University Press of Virginia.
- _____. (1977b). The explanatory value of the idea of reincarnation. *Journal of Nervous and Mental Disease*, 164:305-26.
- _____. (1980). *Lebanon and Turkey Cases of Reincarnation Type*. Vol. III – *Twelve Cases in Lebanon and Turkey*; Charlottesville: University Press of Virginia.
- _____. (1983). *Thailand and Burma Cases of Reincarnation Type*. Vol. IV – *Twelve Cases in Thailand and Burma*; Charlottesville: University Press of Virginia.
- TENDAM, Hans (1990). *Exploring Reincarnation*, trad. do holandês/inglês por A.E.J. Wils; Inglaterra: Arkana.
- TYRRELL, G.N.M. (1973). *Apparitions*; London: Society for Psychical Research.
- WAMBACH, Helen (1981). *Recordando Vidas Passadas*. Trad. Octavio Mendes Cajado; São Paulo: Pensamento.
- WIESENDANGER, Harald (1994). *A Terapia da Reencarnação*. Trad. Zilda Hutchinson Schild Silva; São Paulo: Pensamento.
- WILBER, Ken (1992). “Morte, Renascimento e Meditação”, in *Explorações Contemporâneas da Vida Depois da Morte*; São Paulo: Cultrix.
- XAVIER, F. C. & VIEIRA, W. (1959). *Evolução em Dois Mundos*. Rio de Janeiro: FEB.